



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SANDRA MARA NUNES DOURADO

TOCANDO NO INEFÁVEL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE, O PROFESSOR E A SALA DE AULA

FORTALEZA

2002

SANDRA MARA NUNES DOURADO

TOCANDO NO INEFÁVEL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE, O PROFESSOR E A SALA DE AULA

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof^a Ora. Sandra Haydeé Petit.

FORTALEZA

2002

SANDRA MARA NUNES DOURADO

TOCANDO NO INEFÁVEL:
CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE, O PROFESSOR E A SALA DE AULA

Dissertação submetida à Coordenação do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ___/___/2002.

BANCA EXAMINADORA:

Profª Dra. Sandra Haydeé Petit (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª Dra. Glória Diógenes

Profª Dra. Tânia Maria Leal Barbosa

Aos meus mortos:

- Chico, meu irmão. Por ter me mostrado que a vida não se resumia em soltar pipa e pegar tanajuras...
- Ao Metódio, meu namorado. Por ter me proporcionado a descoberta do amor e o prazer de viver...
- À Dona Santêza, minha mãe. Por ter me ensinado a contar piadas, gostar de café forte, e a ter paciência para enfrentar o silêncio daquilo que não pode ser dito.
- Ao Neudyson, meu sobrinho. Por ter participado da minha infância e juventude, me fazendo rir das coisas mais corriqueiras e banais da vida.
- Ao Seu Tancredo, meu pai. Por ter sido... e continuar sendo... Meu Pai.
- À todos eles dedico esta escrita; nascida do húmus brotado a partir das suas ausências reais, para se transformarem em presenças simbólicas através das linhas que escrevo.

E ao meu vivente, filho, e amigo:

- Luan Dourado Brasil: por me mostrar todos os dias que o milagre da vida se renova, e se consagra, e se celebra, e se perpetua... no sorriso, na lágrima, na letra, no gesto, no jeito, na fala, no traço, no cheiro, no olho, na cor, na língua, na palavra, na saudade, na memória, na história, na fotografia...
- Que ele aprenda a conviver com as vidas e as mortes que ainda lhe não de vir.

AGRADECIMENTOS

São muitos os que me ajudaram e me auxiliaram neste percurso. Cada um com sua graça, jeito e importância. À todos o meu mais caloroso e sincero "Muito obrigado!".

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	i
AGRADECIMENTOS	ii
SUMÁRIO	iii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 A MORTE, ESTA COMPANHEIRA DO SOL, QUE TAMBÉM NÃO SE PODE OLHAR DE FRENTE	21
1 O HOMEM E A MORTE: UM ESBOÇO HISTÓRICO	23
2 A MORTE EM DIFERENTES CULTURAS	27
3 O TERROR DO HOMEM FRENTE À MORTE	31
4 AS ATITUDES DO HOMEM DIANTE DA MORTE: UMA CONSIDERAÇÃO PSICANALÍTICA	35
CAPÍTULO 2 POETIZANDO AS CONCEPÇÕES DE MORTE	43
1 OS DESENHOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO E ACESSO ÀQUILO QUE ESTÁ GUARDADO... ..	48
1.1 Começo por um caminho: O da vida... que leva à morte	74
1.2 Indagando o irrespondível: O que é a Morte?	76
2 AS PERDAS PESSOAIS: SUAS INFLUÊNCIAS NO TRATO COM A MORTE TE	85
2.1 As “pequenas mortes”: minhas, tuas, das coisas, da vida	91
CAPÍTULO 3 A MORTE, O PROFESSOR E A SALA DE AULA – UMA TEN- TATIVA DE DESCOBERTA	98
1 A MORTE: COMO ELA SURGE NA SALA DE AULA?	101
2 COMO É TER QUE FALAR DO TEMA DA MORTE EM SALA DE AULA? ..	108
3 TRAZENDO A MORTE PARA A SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA RE-INVENTADA	115
3.1 O encaminhamento: o que fazer? Como dizer? Investigando as possibilidades... ..	118
4 UM RETRATO: DA DOR DO ALUNO À ATITUDE DO PROFESSOR... ..	126
4.1 Primeiro Quadro Dinâmico	128
4.2 Segundo Quadro Dinâmico	130

4.3 Terceiro Quadro Dinâmico	132
5 AVALIANDO O CONVITE PARA FALAR DA MORTE – AS CONSIDERA- ÇÕES DO GRUPO	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS	146
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	150

INTRODUÇÃO

“O vestido preto de bolinhas brancas denunciavam uma perda, uma dor, um luto... Mas a menininha magra e sagaz não sabia ao certo isso. Na escola os amiguinhos faziam perguntas, todos comentavam na cidade. Aquele episódio parecia muito com uma estória em quadrinhos, pois seu irmão-herói havia morrido para salvar dois amigos... Frases incompletas, soluços inexplicáveis, nunca tinha vindo tanta gente em sua casa... Ela acompanhava tudo de perto, ora como quem esperava que a brincadeira acabasse, ora como quem tem vislumbres da realidade, como se alguma coisa lhe viesse à cabeça e dissesse: “A vida é bela, mas se morre de verdade”.

A tarja de fita preta na lapela da blusa de seu pai, impunha respeito e tristeza. Nos olhos dos irmãos maiores também se via isso. O que aconteceu? O que houve aqui? Por quê minha mãe chora tanto? Quem vai brincar comigo agora? E o meu irmão Chico, que horas ele acorda?

Essas perguntas ficaram nos pensamentos e interrogações daquela menininha de cinco anos, que até o momento, só conhecia o lado bom da vida... Porém naquele dia alguma coisa havia acontecido, algo muito grave, pois o dia parecia cinzento, as pessoas estavam em prantos, ninguém conseguia lhe dar explicações, apenas repetiam “ ele foi para o céu, minha querida, é para lá que as pessoas vão quando morrem...”

Isso até ela entendia, já ouvira essa estória em algum canto... Mas, e o sorriso da sua mãe, tinha ido junto? E a alegria da casa, tinha morrido também? Por quê, de repente, as pessoas emudeceram e pairou um silêncio em sua felicidade infantil?

Essas e outras indagações ficaram tatuadas em meus pensamentos infantis, para que um dia retornassem e me fizessem perguntar:

Por que tanto silêncio em torno da morte e que palavras e métodos usarei para lhe dissertar ?

Na busca dessas respostas, as quais se somaram a muitas outras, é que me vi interessada em estudar o comportamento do homem diante da morte, assim como o silêncio que se escuta no seu discurso.

E a primeira pergunta que eu ouvi foi “Por quê estudar isso? E a primeira resposta que me veio foi essa passagem da minha infância, quando perdi um irmão muito querido.. Sua morte repentina num acidente de carro, provocou uma enorme comoção na pequena cidade do interior, tão receptiva aos grandes acontecimentos..

Essa foi minha primeira experiência com a morte. A morte no seu sentido mais literal. Depois dessa, que eu só viria a compreender muito tempo depois, vieram outras...

A morte da minha infância, a morte do meu quintal... e aí eu já tinha 10 anos e aí eu já nem morava no lugar que eu nasci...

Aos 18 anos eu me vi diante do que chamo a minha “*primeira grande morte*”. Ele foi o primeiro grande amor e a minha primeira grande dor. Até rimou. Mas doeu. Namorávamos há quatro anos, e eu havia acabado de passar no vestibular. Um dia antes de ir encontrá-lo, fui informada casualmente , de que ele havia sido assassinado no dia anterior.

Essa notícia caiu como um raio que me atravessou a cabeça, o corpo e o chão que pisava. Revivi neste momento a sensação esquisita e incompreensível da infância, com a diferença que, a essa altura da vida, eu já conhecia a dor.

Dois anos mais tarde, ao fazer um exame de rotina, minha mãe foi informada de que teria que se submeter a uma cirurgia imediatamente. Esta cirurgia foi o primeiro passo rumo à sua morte. O câncer encontrado pelos médicos já estava num estado avançado, e o que se podia fazer era muito pouco. E aqui começava uma batalha árdua entre o tempo, o tratamento e os medos.

Medo que eu via estampado nos olhos da minha mãe, cada vez que ela ia à quimioterapia. Medo em torno da verdade de que seu corpo estava se definhando e perdendo o vigor. E o pior deles, que era o meu medo concreto de perder para sempre a pessoa mais importante da minha vida. E eu perdi. A batalha contra a doença durou dois anos. E minha batalha para superar esta morte talvez dure até hoje.

Na época eu tinha 22 anos e nas profundezas eu me via ainda aquela menininha de cinco, perdida mais uma vez entre o mistério e a dor da morte... Em seguida vieram as mortes de um sobrinho muito próximo, que morreu num acidente de carro aos 27 anos, e a do meu pai há quatro anos atrás.

Todas essas perdas causaram um imenso vácuo dentro de mim. Criou-se a partir daí um espaço que almejava ser preenchido pela compreensão e a palavra. E são esses dois pontos que norteiam meu olhar, como faróis sinalizadores na busca que empreendo nesta pesquisa. Para em seguida se transformar numa ... com licença, poetizo:

*DISSERTAÇÃO: disserta a ação
diz certa a ação
decerto há ação
Se diserto a palavra
Não escrevo a razão
Se de certo, há palavras
Que elas brotem da minha mão.
Nascendo uma escrita: dissertação*

- Os passos sinuosos do percurso metodológico

“Qualquer caminho é apenas um caminho e não constitui insulto algum – para si mesmo ou para os outros – abandoná-lo quando assim ordena seu coração. (...) Olhe cada caminho com cuidado e atenção. Tente-o tantas vezes julgar necessárias... Então, faça a si mesmo e apenas a si mesmo uma pergunta: possui esse caminho um coração? Em caso afirmativo, o caminho é bom. Caso contrário, esse caminho não possui importância alguma.”
(Carlos Castañeda - Os ensinamentos de Dom Juan)

Desde o início deste percurso, desde o momento em que nasceu em mim o desejo de tratar deste tema, veio com ele a sensação esquisita de que eu estava entrando em terra proibida. Sabe aquele caminho que, desde o seu início tem uma placa luminosa, de dez em dez metros, lhe avisando: **“Cuidado, estrada perigosa!”** ? Pois é, vi este aviso nos olhos das pessoas que, acostumadas com meu jeito divertido de enfrentar a vida, não conseguiam esconder o espanto, e até uma certa decepção, ao constatar que eu me interessava por algo tão esquisito, como a morte.

Começando a caminhada, me fiz a grave pergunta recomendada pelo feiticeiro: *“Possui esse caminho um coração?”*

E escolhi de antemão, compartilhar com o leitor, as “minhas” mortes. Trago-as aqui, não apenas para sensibilizar quem me lê, mas porque não acredito em objeto cindido do sujeito.

Pesquise aquilo que me inquieta, que faz parte das minhas interrogações, que toca de perto o meu desejo de querer saber, de tentar entender as inúmeras formas utilizadas para uma possível compreensão da morte e os efeitos que sua dor provoca em cada um.

E principalmente, pesquiso a morte por ter convicção que este tema merece ser desvelado, pesquisado, aprofundado. Talvez como uma tentativa de se procurar meios, menos escamoteados de se falar nele, ou de fazer trilhas para

a construção de novos caminhos onde ele possa ser debatido de forma mais clara, verdadeira e, por que não dizer, mais humana.

Chico Buarque em uma música pouco conhecida, provavelmente por tocar na *mansa sabedoria da Morte, que ninguém quer ouvir* (CASSORLA, 1991, p. 13), fala assim:

“O velho sem conselhos, de joelhos, de partida, carrega com certeza todo o peso de sua vida. Então eu lhe pergunto sobre o amor... A vida inteira, diz que se guardou do carnaval, da brincadeira que ele não brincou... E agora, velho, o que é que eu digo ao povo? O que é que tem de novo pra deixar? Nada. Só a caminhada, longa, pra nenhum lugar... O velho, de partida, deixa a vida sem saudades, sem dívida, sem saldo, sem rival ou amizade. Então eu lhe pergunto pelo amor...Ele me diz que sempre se escondeu, não se comprometeu, nem nunca se entregou... E agora, velho, que é que eu digo ao povo? O que é que tem de novo pra deixar? Nada. Eu vejo a triste estrada aonde um dia eu vou parar. O velho vai-se agora, vai-se embora sem bagagem. Não sabe pra que veio, foi passeio, foi passagem. Então eu lhe pergunto pelo amor...Ele me é franco. Mostra um verso manco dum caderno em branco que já se fechou. E agora, velho, o que é que eu digo ao povo? O que é que tem de novo pra deixar? Não. Foi tudo escrito em vão... E eu lhe peço perdão mas não vou me lastimar...”

- “É preciso muita vida para se falar da morte”

Lembro desta frase, porque acho que ela traduz o que precisei buscar por todo este tempo em que tive de me confrontar com a dificuldade, minha e dos outros, de tocar no segredo silencioso que espreita o medo intraduzível de se falar na morte.

Isso fez com que eu visse, logo no início da caminhada, que não iria ser fácil tal empreitada. Frases como “Mas com tanta coisa interessante para pesquisar você vai logo escolher isso?” ou, “ Deus me livre, eu não gosto nem de

falar sobre morte!” e ainda a terrível variante “eu não tenho medo de morrer, mas detesto falar sobre a morte”.

A cada interjeição que eu via nas sobrancelhas arqueadas, dos pontos de interrogação que estavam nelas, me dava um medo e uma coragem. Medo de saber que eu precisava no mínimo, de muita coragem, para levar adiante algo que, no fundo, era difícil inclusive para mim.

Hoje sei que, aquelas sobrancelhas cheias de interrogação e espanto, eu também as tinha. Só que o meu desejo de entrar em terras onde avisto de longe placas luminosas que me advertem do perigo, sempre me deram uma forte certeza de que há ali, algo, no mínimo, interessante de se descobrir.

Como tudo que se refere à vida considero fascinante, estudar a morte significa enfrentar de frente o seu grande mistério. E é este sentimento de “querer saber mais” que me impulsiona a seguir adiante e procurar atalhos onde eu possa vislumbrar outras coisas além do medo e da indignação.

Esses atalhos eu fui encontrar na literatura, na poesia, na música, nas artes, na antropologia, na história, na psicanálise... Ou seja, à medida que eu avancei na minha busca, fui encontrando companheiros, rimas e teorias que, de alguma forma, subsidiaram minhas interrogações e me auxiliaram no esclarecimento delas.

- “Eu não posso nem ouvir falar da morte!!”

Um dos aspectos que sempre me chamou a atenção, se refere ao silêncio das pessoas em relação ao tema da morte. Muitas vezes procurei conversar sobre isso com colegas de mestrado, com os meus alunos... Mas sempre me parecia “não ser de bom grado falar dos mortos”.

O que me levou à pergunta: Por que isso acontece? O que nos leva a ter determinadas atitudes diante de pessoas enlutadas? O que se encontra por

trás desses silêncios e de que forma eles poderiam ser quebrados? Essas e outras perguntas foram brotando de minhas angústias e leituras, o que me possibilitou pesquisar de forma mais sistematizada o assunto da Morte e os estudos sobre ela.

Alguns indícios me levaram a pensar essas situações. Trabalhando com a disciplina de Psicologia da Infância e Adolescência para alunas do curso de Pedagogia em regime especial, verifiquei que no programa não havia nenhum item que tratasse da questão da morte para a criança e adolescentes. Isso, de certa forma, permitiu que eu incluísse um texto da Maria Júlia Kovács, autora de alguns livros que tratam da morte, dentre eles "Morte e Desenvolvimento Humano". Este texto se chama "As representações de Morte para a criança e o adolescente".

Fiquei surpresa com o grau de interesse e discussão que o texto despertou nos alunos, embora fosse fácil perceber a resistência de algumas pessoas em frases como: "Eu não posso nem ouvir falar sobre a morte" ou simplesmente, "Deus me livre, eu detesto falar sobre isso"

Com a leitura do texto essas falas se transformavam em depoimentos vários. A maioria dos professores tinha alguma experiência para falar. Estas variavam entre a morte de um parente do aluno, de amigos ou ídolos importantes, ou mesmo de algum bichinho de estimação.

Observei também que havia uma grande dificuldade, apontada pelos professores, em tratar do assunto e uma necessidade de saber se havia maneiras de trabalhar melhor isso na sala de aula.

Estas observações me levaram a fazer outras indagações: Quais as manifestações de luto que aparecem na sala de aula e como os professores se sentem frente a essas questões? Até que ponto as dificuldades pessoais interferem nesse diálogo?

Do professor é esperada uma compreensão mais profunda da realidade, pois dele se demanda um “saber-falar-melhor” das coisas.

O cotidiano dos alunos adentra a sala de aula, projeta-se e entrelaça-se aos temas didáticos discutidos pelo professor. Desse modo, a sala de aula é um espaço-mundo e o professor o mediador, o porta-voz do conjunto de experiências que pulsam e transbordam do imaginário dos alunos para a escola como um todo.

Mas como ultrapassar a fronteira montanha de ter que falar da morte? Estaria o professor apto a falar do assunto, quando este lhe é doloroso e difícil de ser abordado?

A insegurança e o medo são os ingredientes fundamentais de um prato difícil de digerir. Portanto merece ser bem mastigado, remoído e investigado em suas razões e/ou possíveis soluções.

O processo educativo começa quando resolvo questionar o que parece inquestionável, escutar o que me soa das entrelinhas dos discursos, donde eu posso encontrar ferramentas preciosas para a construção de reflexões mais profundas a respeito da vida. Pois apesar de “nem poder ouvir falar da morte”, ela ressoa dos mais recônditos lugares da existência humana.

- “Deus me livre, eu morro de medo de falar sobre a morte!”

O meu trabalho de pesquisa se divide em três momentos. O primeiro eu diria que foi o mais difícil de atravessar, que foi quando eu, cheia de ousadia e esperança esperava encontrar professores, que tivessem passado pela experiência de ter que tratar o assunto da morte em sala de aula.

Por considerar que situações envolvendo perdas podem ser comuns num cotidiano escolar, imaginei que não seria muito difícil encontrar professores que tivessem passado por algum tipo de experiência.

Saí em busca desses sujeitos de forma totalmente aleatória, feito criança que imagina ser possível encontrar o paraíso no quintal de casa. Bem, foram muitas as recusas que ouvi... Apesar de tantas árvores e pássaros existentes no quintal, havia sempre um muro interpelando meus passos e minha possibilidade de olhar para além dele.

Esse muro estava travestido de recusas que variavam entre a falta de tempo, o incômodo de falar do assunto ou mesmo uma frase, que se tornou corriqueira: "Deus me livre, eu morro de medo de falar sobre a morte!"

Todas essas negativas faziam eco com o que eu havia escutado das pessoas. Ou seja, apesar de todos terem certeza de que este era um assunto interessante, ninguém se dispunha a falar sobre ele.

Como todo início de caminho é quase sempre embaraçoso, o fato de já estar nele me impedia voltar. No entanto, o mapa que eu havia traçado não estava me levando a canto algum. Neste momento tive que reavaliar não só o trajeto, mas também o modo como eu o havia feito.

Falar da morte é realmente algo difícil, doloroso e quase sempre vem acompanhado de lembranças que não queremos recordar. Talvez esta tenha sido a minha primeira grande descoberta; a resistência que encontrei nas pessoas com quem contatei, foi a resistência de falar do assunto.

Ou seja, a morte, o seu silêncio e os seus efeitos chegavam em sala de aula sim. Porém, por ser algo difícil de ser falado, ele ficava calado. Pude perceber um grande e poderoso silêncio. O silêncio em torno da morte. E aqui, Mário Quintana me ajuda com sua poética, dizendo:

*Há um silêncio de antes de abrir-se um
Telegrama urgente
Há um silêncio de um primeiro olhar
De desejo*

*Há um silêncio trêmulo de teias ao apanhar
Uma mosca
... e o silêncio triste de uma lápide que
ninguém lê.*

O silêncio tornou-se um grande e precioso companheiro de viagem, ou de pesquisa. Estando frente à ele, pude compreender melhor esse senhor dos segredos e das memórias. Pude ouvir o que ressoa das pausas que há entre a falta de palavras e a incompreensão dos sentimentos.

Pesquisar e interrogar sobre a vida e suas possibilidades, é tarefa comum no nosso cotidiano. Porém, tocar naquilo que talvez seja o “ponto cego” dessa luta diária, não é fácil, nem interessa a todos. Mas é justamente minha paixão pela vida, que me faz estudar a morte. E compreendo que esse muro concreto da mudez, é marca indelével do nosso tempo.

Pois como me alerta o poeta:

*É tempo de meio silêncio,
de boca gelada e murmúrio,
palavra indireta, aviso na esquina.
Tempo de cinco sentidos num só. (...)
(Drummond, nosso tempo)*

Por ser portadora de um silêncio cavernal, a morte ressoa nos lugares mais inaudíveis que temos para ouvir seus ditos. Desta forma achava que tinha apenas que apurar minha capacidade de escuta, para poder ouvir as “entre-linhas” do discurso e os depoimentos subjetivos das “entre-vistas”.

É como se eu tivesse dos mapas apenas seus sons, tendo que retirar daí partituras para compor uma música. O ato de pesquisar adentrando os meandros da subjetividade requer do pesquisador mais que uma escuta, mas uma vigilância constante dos atos e gestos, expressões que codificam a chamada “descrição densa” referida por Geertz.

Diante disso fui tecendo novos arranjos metodológicos de escuta para aquilo que apenas percebia, apreendia e sentia. Tocar no “ponto cego” da existência, exige de mim uma leveza maior para me aproximar das pessoas e lhes indagar o que elas não querem nem ouvir.

Prossigo em busca do meu objeto, desta vez um pouco mais atenta à sua qualidade escorregadia e inalcançável. É justamente este o ponto de onde parto para o próximo momento da pesquisa.

Segundo momento da pesquisa

A Manchete no jornal , me chamou a atenção “VIOLÊNCIA: Estudante ferido a bala no banheiro de escola” (Jornal O POVO, 01/11/2000).

O motivo apontado para o crime teria sido a dívida de cinco reais que o agressor contraíra com o agredido, a fim de comprar “uma dolinha de maconha”. Não tendo o dinheiro, e se vendo também ameaçado, resolveu chamar o amigo no banheiro e em meio a uma breve discussão disparou um tiro que atingiu o pescoço da vítima. Ele saiu andando normalmente da escola sendo encontrado no outro dia, em sua casa, pela polícia.

Este acontecimento teve repercussão de três dias na mídia televisiva e jornalística, provocou debates nas Rádios, indignação na população e uma grande comoção na escola.

Acompanhei atentamente a repercussão dada ao crime e, incentivada pelo meu orientador, resolvi visitar a escola e ver as possibilidades de fazer aí minha pesquisa.

Acreditava que utilizando este fato como referência, seria mais fácil observar as atitudes tomadas pela escola, bem como promover uma discussão mais ampla em torno do tema, não só com os professores mas possivelmente, também com os alunos.

Empolgada pela possibilidade de encontrar aí meu objeto, julgava que uma situação de morte iria trazer uma fala sobre ela. Ou seja, se a morte estava tão presente na escola, este poderia ser o momento ideal para investigar de que forma ele seria tratado.

Ao chegar na escola me apresentei como psicóloga e pesquisadora do tema. Isso, de uma certa forma, fez com que a direção e a coordenação me vissem como a pessoa ideal para ajudar a trabalhar os efeitos provocados pelo acontecimento.

O clima dentro da escola era de desespero, comoção, medo, indignação e sobretudo dúvidas a respeito de como tratar esta ocorrência na sala de aula. Isso fez com que eu pensasse em estratégias metodológicas que viabilizassem um diálogo mais próximo daquilo que a escola necessitava no momento.

Para isso sugeri aos professores que fizessem oficinas em sala de aula, incentivando os alunos a trabalharem a questão utilizando desenhos, produção de textos, colagens, etc. A partir daí, promovi palestras e debates em sala de aula tomando como referência esse material produzido pelos alunos.

No início acompanhei os acontecimentos me inserindo quase sorrateiramente pelas bordas da escola... O pátio, a sala dos professores e a cantina eram os meus lugares favoritos para conhecer, ver e ouvir que tipo de repercussão um acontecimento como este poderia provocar no cotidiano escolar.

Todos aqueles acontecimentos ocorridos depois da morte do garoto, acabaram provocando um atraso no calendário escolar. Conseqüentemente, tive que me adaptar aos horários livres de alguns professores, assim como à própria disponibilidade de cada um.

Após essas palestras, as quais foram feitas em todos os turnos e para todas as turmas, comecei a marcar as entrevistas com os professores.

Uma das falas que ficaram marcadas em minha memória, foi a de uma professora que sempre que me via, exclamava: "*Eu não posso nem olhar na tua cara!*". Todos sabiam o que eu estava fazendo ali, inclusive pessoas que trabalhavam em outros setores da escola.

Acabei entrevistando nove professores. Alguns logo depois da ocorrência, outros só no ano seguinte.

Quando tomei este acontecimento como um caminho viável para o encontro com meu objeto, não levei em consideração o impacto que este tipo de morte causa nas pessoas. Elas perdem a capacidade de falar da morte em si. Relata-se o fato várias vezes, sob vários ângulos, mas suas conseqüências ou o que ela significa, permanecem em silêncio.

A morte concreta emudece. Sua fria realidade inunda a alma de pesar e dor. No momento que se vivencia a perda, não há como simbolizar em palavras aquilo que é somente sensação, espanto, horror e incredulidade. E em se tratando de um assassinato, nas circunstâncias em que se deu, o tema da violência se sobrepôs ao meu objeto :a morte.

Ao tomar as entrevistas para a análise, não encontrei material suficiente para o alcance das minhas hipóteses. Diante de uma grande dificuldade em encontrar saídas para esse impasse, resolvi procurar a professora Sandra Petit, a fim de discutir com ela de que forma eu poderia redimensionar a minha inserção na escola e a busca do meu objeto.

Nessa conversa chegamos à conclusão que o material recolhido desta experiência apontava uma outra direção, diferente daquilo que eu estava procurando. Concluímos que para se falar da morte não precisa partir exatamente de um fato, sobretudo um fato violento.

Poderia ser mais fácil pensar um campo onde ela estivesse no passado, como uma experiência, ou no futuro como uma possibilidade. Desta forma minha pesquisa teria que se dirigir a um novo campo e a um novo grupo de informantes.

Mais uma vez fui tomada por uma esquisita sensação de estar trilhando estrada errada. Me angustio. Me pergunto: por que estou assim? Por que ainda estou aqui?

Recorro ao meu diário, tornado neste instante, confessional das minhas tristezas, dos meus limites, e das tantas dificuldades que passei até aqui. E é dele que retiro esta escrita, nascida do desejo secreto de dizer aquilo que merece ser dito.

- **Uma estória de florestas e guias**

Me vejo tentando escrever... escrever como quem fala. Ainda me explico. Não consigo. Me sinto dando voltas ao redor da minha agonia, essa coisa esquisita que entontece meu equilíbrio. Preciso inventar as palavras que servirão de caminho para eu poder sair daqui. Sei o quanto seus signos me mostram coisas que ainda não consigo enxergar. Olho para minhas mãos e rogo-lhes que trabalhem, já que meu corpo não está inteiro e preciso urgentemente sair daqui. Mas para conseguir preciso saber por onde vim. Que trilhas usei. Decerto que errei. Me desorientei. Me desencaminhei. Nessa floresta chamada "Mestrado", não foi sozinha que a adentrei. Na sua porta me foi oferecido um guia, alguém que conhecendo melhor os segredos da floresta, poderia me ajudar, me orientar, me assinalar dos perigos, me alertar dos desvios... Acontece que esse guia tinha um espírito aventureiro, e de vez em quando desaparecia... Tive que entrar na floresta praticamente sozinha. Mas eu achava que tendo certeza de onde eu queria chegar, de algum jeito eu chegaria. Mas não é assim que se explora uma floresta. Até seria, caso não fosse estabelecido um tempo exato para sua travessia. Olhava outros desbravadores de mistérios, cada qual com um mapa que eu não tinha. Como conseguir o mapa? O mapa não é dado,

antes ele precisa ser traçado de acordo com o guia. Grito por ele. Digo que estou perdida. Peço que me auxilie. Que brigue comigo. Que me escute. Que pare de andar e se sente um pouco mais perto de mim. Acontece que diante de um vale, poucos olhos percebem as formigas. Olhávamos para lugares e detalhes diferentes. Poderia não ser grave, se eu não precisasse do olhar do outro para me ajudar a ver. Era esquisito ter que me despedir de alguém que nunca esteve exatamente num lugar. Foi difícil aceitar minha responsabilidade diante daquilo que achava que não era só meu. Estava mais uma vez sozinha, e desta vez eu não consegui gritar. Meu corpo e cabeça pediam a mim para parar. Calar. Chorar. Mas das lágrimas nascia mais uma vontade: Pedir ajuda para sair desse lugar. Volto meus olhos para o portão da floresta e lembro nitidamente das duas vezes que cheguei até ele e pedi autorização para entrar. Lá se encontravam três pessoas, uma delas sempre esteve lá. Seu olhar emanava uma profundidade rara. Sua voz firme e estrangeira deixava ressoar perguntas precisas de quem sabe o que se deve perguntar. Ela também era guia, seus mapas consideravam os arbustos, as gramíneas, os sons e a poesia... esses pequenos e valiosos detalhes escondidos atrás das árvores frondosas e remotas do conhecimento daquilo que realmente se vê.. Nesse labirinto desconhecido, muitas vezes caminhei ao seu lado, aprendendo e admirando sua forma de se locomover dentro dele. Nos perdemos em alguma encruzilhada para em outra voltarmos a nos encontrar. Pedi sua ajuda, tomei o seu tempo, solicitei seu olhar. Roguei que me guiasse nessa mata obscura, pois a lua já anunciava o fim da data permitida de ficar. Sua voz ainda mais firme, embora doce, terna, materna me confirmou sua ajuda, provando mais uma vez a grandeza dos que possuem o dom de orientar. Precisei apressar o passo, mudar de trilha, refazer os atalhos,

criar caminhos, descobrir novas formas de investigar... embora pensasse ser isso impossível, sua mão, gestos, presença, carinho, atenção, e palavras me surpreenderam, me acolheram, me encorajaram e me auxiliaram a sair de lá. Nessas florestas de densas árvores, a presença de um guia é fundamental para quem ousa desvendar os mistérios, não só dos caminhos mas sobretudo, de como se deve caminhar. Por isso preciso dizer nessas linhas: o ato da pesquisa é, e sempre será a arte do encontro: com o objeto certo, com o guia certo e com o amor necessário e imprescindível de quem necessita reinventar. Devo a esta mulher muito mais do que ela imagina. Minha dívida nada tem a ver com gratidão. Tem a ver com emoção. Com compreensão. Com aprendizagem. Com sentimento. Com admiração.

- Obrigada, pequena, grande, linda, forte e sábia mulher da floresta... por ter me ensinado o quanto é importante saber usar o coração!

E a partir daqui, parto para o terceiro e último momento da pesquisa.

O Terceiro momento da pesquisa

A partir deste ponto de recomeço, tratei de procurar novos sujeitos para fazer novas entrevistas. O objetivo permaneceu o mesmo, investigar como o tema da morte aparece em sala de aula e como os professores tratam deste assunto. O que mudaria a partir dali seria o grupo e conseqüentemente, a metodologia de trabalho. Esta seria pensada levando em consideração o tempo que eu tinha para a conclusão da pesquisa.

Foi considerada a importância de se manter os sujeitos, professores, porém já não necessariamente da escola pública, mas qualquer professor com experiência em sala de aula. A questão agora era constituir um grupo que se dispusesse a fazer este trabalho comigo. Como encontrar estas pessoas?

Sexta-feira, 17 de maio de 2002:

Minha cabeça gira novamente... apavora-me a idéia de não conseguir, de novamente sucumbir... Como Alice, sinto-me no fundo do poço, sozinha, com um medo enorme de não conseguir sair daqui. De não encontrar essas pessoas... já tinha sido tão difícil conseguir. Melhor dormir, hoje ainda é sexta feira e amanhã às nove irei a uma reunião de professores da FANOR, faculdade onde atualmente leciono uma disciplina de psicologia... Melhor dormir. Melhor sonhar. Melhor desejar. Desejo sair de onde estou. Para onde vou?... Melhor dormir... Melhor desejar, não consigo pensar... Melhor dormir.

Sábado, 18 de Maio de 2002:

Hoje fui participar de uma reunião de professores na FANOR. Eu reconhecia meu corpo sentado, mas minha cabeça ainda estava girando, atordoada com o desafio de encontrar pessoas dispostas a conversar sobre a morte. Lembrava dos momentos em que tive que fazer isso e que não foi fácil achar. Foi quando eu me dei conta de que estava cercada de professores, e de que eu poderia tentar encontrar ali mesmo, meus sujeitos. Quando essa idéia apareceu, todo o meu corpo parecia funcionar num mesmo ritmo: acelerado e ansioso. Termina a reunião. Começo meu trabalho de procura. Conversei inicialmente com Osvaldo, o qual se dispôs imediatamente ao trabalho. E assim foi com a maioria das pessoas com quem falei. Expliquei a todos a situação em que me encontrava, bem como de que se tratava o meu trabalho. Como por "milagre" ou simplesmente pela força que as coisas tomam quando realmente tem que acontecer, eu saí dali com um grupo de nove pessoas, dispostos a contribuir com minha pesquisa.... Agora minha cabeça já estava mais sintonizada com o meu corpo e com as tarefas que ambos teriam que executar a partir dali."

Consegui constituir um grupo de professores universitários, a maioria mestres, com formações na área da psicologia, sociologia, filosofia, administração de empresas...

Conversei particularmente com cada um deles e surgiu a possibilidade de se fazer um momento com todo o grupo, o que facilitaria o trabalho em muitos

aspectos, um deles era poder utilizar técnicas grupais como forma de promover essa discussão.

Pensando nisso procurei buscar elementos metodológicos que pudessem me facilitar o recolhimento de dados. Para o trabalho com o grupo fui buscar inspiração na Sociopoética. Este método de pesquisa oferece uma valorização dos aspectos emocionais, lúdicos e criativos na construção do conhecimento. Desta forma, me utilizei de algumas de suas técnicas como meio de proporcionar ao grupo uma maior amplitude na produção do material.

Ou seja, tomei como dispositivos aqueles que possibilitassem um trabalho não diretivo e que ao mesmo tempo pudessem facilitar a discussão em torno daquilo que eu estabeleci como tema gerador. Este seria apresentado ao grupo como uma forma de sugestão para, a partir dele, proporcionar ao grupo a possibilidade de vivenciar outras formas de expressão e compreensão daquilo que o tema lhes sugeria.

O tema gerador apresentado foi: **A relação do professor com a questão da morte (em sala de aula).**

Este momento com o grupo foi subdividido em três.

O primeiro deles seria a elaboração de um desenho que eles deveriam fazer a partir daquilo que o tema gerador lhes sugeria; Terminado este momento, cada um comentaria seu desenho, podendo também comentar os dos outros participantes.

No segundo momento foi sugerido ao grupo que se subdividissem em três; o grupo 01 deveria "dramatizar" uma "situação-problema" pensada a partir do tema gerador. Apresentado o problema, este iria receber um "encaminhamento" do grupo 02 e uma resolução final do grupo 03. Terminada esta etapa, o grupo todo faria seus comentários das propostas apresentadas.

E no terceiro e último momento seria utilizada uma técnica chamada de *quadro dinâmico*, onde novamente os grupos iriam inventar um quadro imaginário, representado pelos seus componentes. Cada sub-grupo interferiria no quadro, de forma que ao final, o quadro inicial tivesse sido modificado completa ou parcialmente. Daí seria feitas as intervenções dos grupos a respeito deste momento e do trabalho como um todo.

No primeiro capítulo faço uma análise histórica da morte, tomando como companheiros de investigação autores como Philippe Ariés (1977), Edgar Morin (1970), Kastenbaum e Aisenberg (1983), entre outros.

Ainda neste capítulo faço algumas considerações sobre o papel dos rituais e do luto em algumas sociedades, mostrando sua importância e sua necessidade. Logo em seguida mostro de forma sucinta, a proposta que a psicanálise oferece para o lugar da morte no homem, e como ela considera o papel do luto na restauração da perda. Os autores que me auxiliam aqui são principalmente, Sigmund Freud e Lily Pincus.

No segundo capítulo, começo analisando o material dos desenhos produzidos no grupo, os quais somados às entrevistas, puderam me auxiliar na compreensão das percepções de morte de cada sujeito entrevistado.

O terceiro e último capítulo trata da questão da morte, o professor e a sala de aula. Nele analiso o restante do material produzido no grupo, como a *situação-problema* e o *quadro dinâmico*; acrescido das entrevistas individuais. Neste capítulo tento estabelecer considerações sobre como o tema aparece na sala de aula, o que é feito diante dessa situação e quais as saídas apontadas para o melhor encaminhamento da questão.

Ainda neste capítulo, mostro a análise feita pelo grupo após terminada a pesquisa, onde eles puderam colocar suas opiniões, sentimentos e impressões pessoais a respeito deste trabalho.

Gostaria de salientar que a cada final de capítulo faço o que estou denominando de “Considerações”, onde , de forma abreviada, poética e razoavelmente teórica , coloco os principais achados daquele capítulo.

E por fim, na conclusão, apresento minhas principais descobertas, assim como tento demarcar alguns caminhos possíveis para um desvelamento desse tema tão denso e tão fascinante.

Desta forma espero, com este trabalho, contribuir com uma mínima parcela, nesta luta invencível entre o silêncio e o grito. Pois acredito que, assim como aprendi a aceitar as minhas perdas encontrando um lugar para elas, é possível encontrar lugar para restabelecer essa busca em outros espaços para além de mim.

E por último, uma recente poesia, que diz mais ou menos assim:

A espera do tempo

*Na feitura deste trabalho,
um pedaço do tempo parou:
parou o tempo pro filho,
parou o tempo pro amor,
parou o tempo da praia,
parou o tempo da dor.*

*Na tecitura desta escrita
Muita coisa está sendo dita:*

*Na rua,
na televisão,
no bar,
no computador.*

*Um novo presidente está sendo eleito,
Meu país se veste de vermelho e muda em cor a cor da esperança
Esta senhora que sempre me alcança,
E me oferece um antídoto para não dormir.*

No lapidar deste trabalho muita coisa estava sendo feita:

Uma vida, um quadro, um muro, uma bandeira...

Um inseto, uma lágrima, um sonho, uma teima...

Porque assim é a lei da vida.

Porque assim é a lei do tempo.

Porque assim é a lei da morte..

CAPÍTULO 1

A MORTE, ESTA COMPANHEIRA DO SOL, QUE TAMBÉM NÃO SE PODE OLHAR DE FRENTE

Exibir a morte ou falar sobre ela, não é uma tarefa fácil. Escrever um texto que preencha os espaços e vácuos deixados por sua falta de letra, não menos ainda. É como querer tocar no que repousa, entre o silêncio e a agonia... Pesquisar as palavras que ressoam dor, desespero é ter que apurar os ouvidos e os olhos e acalmar as perguntas que, certamente, não poderão ser respondidas.

Convidar para falar daquilo que é pura gravidade, espanto, horror, medo, é correr o risco de não encontrar ouvidos que escutem, ou olhos que enxerguem.

Desejo um texto, que produza em seus interstícios, redes de sentido. Que faça brotar as palavras que necessito, para transcrever o que foi ouvido, lido, rebuscado, mexido.

Devo salientar que este trabalho é muito antigo... Suspeito que o seu início se deu no dia inexato em que sofri minha primeira perda. Teria eu sofrido por isso? Qual o momento que apreendi o sentido de morte?

O sentido da morte eu não sei, mas sei o dia exato em que me deparei com o sentido da vida. E este dia foi aquele em que descobri que dentro do meu corpo fazia-se um outro corpo, um outro sujeito, uma outra vida... e que pela lei da natureza eu poderia denominá-lo de "meu filho".

A minha memória traz nitidamente o momento em que fui avisada que um outro ser estava sendo germinado, no lugar sagrado que ficava dentro de mim. Por um instante fui invadida por estranhas sensações, nunca antes sentidas.

Teria eu aquele filho? Mas... e o meu pai, meus irmãos, as pessoas... o que diriam? Enquanto isso a vida se fazia... E a Europa? E as baladas? E as minhas madrugadas? E os amores que ainda tenho que conquistar?

Enquanto isso a vida crescia... como se tivesse a grave certeza que ela iria triunfar.

Ser convidada pela natureza a provar do seu milagre, me fez lembrar o dia em que a culpei por ter me tirado meu primeiro e mais importante objeto de amor: minha mãe. Agora ela me devolveva, me convidando a passar para o outro lado do caminho. Onde eu passaria para o lugar de onde minha mãe esteve um dia.

Enquanto isso a vida nascia. E recebeu de presente o sobrenome "Dourado", porque reluzente, porque gravado, porque deixado por aquela que já o havia me dado, porque recebera daquela que a gerou...

Assim é, desde que começou a história: dos peixes, das plantas, dos musgos, dos insetos, dos vulcões, das geleiras, dos pássaros e do homem.

Precisei ter um filho para poder observar e me surpreender com a maravilha e o milagre daquilo que se denomina Vida. Mas precisei aceitar o caráter finito de tudo o que vive, para não menos me surpreender com os meus mortos... Estes pertencem hoje ao reino dos meus significantes, e que por lei, continuarão vivos dentro de mim.

Mas onde se encontra, essa senhora das noites e dos dias?

No presente? Mas agora? Não. Melhor nem pensar. Melhor não lembrar. Melhor hospitalizar. Melhor negar. Melhor calar. Remediar. Melhor não ver... pois a morte com seu imenso vácuo, ressoa inaudível: no peito, no quarto, na solidão, na angústia, no medo... As sensações que ela traz só se sabe no momento exato do grito. Esse grito que só se sabe no instante exato de gritar. E

que muitas vezes não grita porque ensinado, sugerido, imposto, educado, a não gritar.

Mas esse engasgo que fica do grito, pode se transformar em obstáculo, em mudez, em silêncio, em doença, em morte. Menos em vida. Porque a vida precisa ser dita, ser falada, ser significada, ser compreendida. Como tocar na vida sem tocar na morte? Como tocar no silêncio sem tocar no grito?

A minha e a tua morte nos esperam num futuro, desejavelmente longínquo. No presente, estão apenas as outras mortes que não desejamos ver. É no passado, nesse sábio senhor do tempo e da história, onde a morte está.

Seja no livro, no osso do dinossauro, na igreja Cistina, na Roma antiga, no retrato, no museu, na memória. A morte está sempre em outro lugar.

Busco então o que foi dito dela pelos desvãos do tempo e da história e para isso mudo de trajeto, de estilo e de linguagem. Fico mais séria, mais objetiva, mais acadêmica para dizer aquilo, que a toda hora está sendo dito.

1 O HOMEM E A MORTE: UM ESBOÇO HISTÓRICO

O Que passou, passou?

*Antigamente, se morria.
1907, digamos, aquilo sim
é que era morrer.
Morria gente todo dia,
e morria com muito prazer,
já que todo mundo sabia
que o Juízo, afinal, viria,
e todo mundo ia renascer.
Morria-se praticamente de tudo.
De doença, de parto, de tosse.
E ainda se morria de amor,
como se amar morte fosse.
Pra morrer, bastava um susto,
um lenço no vento, um suspiro e pronto,
lá se ia nosso defunto*

*para a terra dos pés juntos.
 Dia de anos, casamento, batizado,
 morrer era um tipo de festa,
 uma das coisas da vida,
 como ser ou não ser convidado.
 O escândalo era de praxe.
 Mas os danos eram pequenos.
 Descansou. Partiu. Deus o tenha.
 Sempre alguém tinha uma frase
 que deixava aquilo mais ou menos.
 Tinham coisas que matavam na certa.
 Pepino com leite, vento encanado,
 praga de velha e amor mal curado.
 Tinha coisas que tem que morrer,
 tinha coisas que tem que matar.
 A honra, a terra e o sangue
 mandou muita gente praquele lugar.
 Que mais podia um velho fazer,
 nos idos de 1916,
 a não ser pegar pneumonia,
 deixar tudo para os filhos
 e virar fotografia?
 Ninguém vivia pra sempre.
 Afinal, a vida é um upa.
 Não deu pra ir mais além.
 Mas ninguém tem culpa.
 Quem mandou não ser devoto
 de Santo Inácio de Acapulco,
 Menino Jesus de Praga?
 O diabo anda solto.
 Aqui se faz, aqui se paga.
 Almoçou e fez a barba,
 tomou banho e foi no vento.
 Não tem o que reclamar.
 Agora, vamos ao testamento
 Hoje, a morte está difícil.
 Tem recursos, tem asilos, tem remédios.
 Agora, a morte tem limites.
 E, em caso de necessidade,
 a ciência da eternidade
 inventou a criônica.
 Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.
 (Paulo Leminski, 1993: 80)*

Para me guiar historicamente neste percurso tomo como companheiro de viagem o grande historiador francês, Philippe Ariés. Ele escreveu duas obras fundamentais para aquele que deseja se aprofundar na questão do homem diante

da morte: *A história da morte no ocidente e O homem diante da morte* (2 volumes).

Ele demonstra, numa retrospectiva histórica, que a partir da alta idade média até os meados do século XIX a atitude do homem diante da morte, embora tenha sofrido importantes e profundas modificações, permaneceu dentro de um processo de mudança lento e imperceptível.

As atitudes e representações diante da morte variam de acordo com o contexto cultural e vêm sofrendo várias transformações desde os tempos primitivos.

Na Idade Média, por exemplo, a morte era encarada com certa familiaridade. Temendo morrer repentina e anonimamente, o próprio moribundo reunia em seu quarto parentes, amigos, vizinhos e até crianças, que permaneceriam junto ao seu leito até que ele morresse. Mas, apesar dessa proximidade com a morte, havia uma ânsia de manter os mortos afastados dos vivos para que estes não fossem atormentados.

Ainda nessa época, passa a existir uma preocupação com o que viria depois da vida terrena, principalmente em relação ao julgamento e destino da alma, que deveria, para ser mais bem sucedida, estar desapegada da família e dos objetos materiais. Diante dessa angústia, o homem buscava garantir seu "bom lugar" no paraíso, fazendo orações aos mortos, donativos à Igreja, celebrações de missas etc.

Como uma maneira de negar a morte e manter viva a imagem do morto, este era embalsamado e escondido em um caixão. O uso do preto como manifestação do luto originou-se do horror dos mortos e consistia numa espécie de disfarce para enganar os fantasmas e o próprio demônio, que viria buscar mais almas a qualquer momento.

Nos séculos XVII e XVIII, o homem passa a temer ser enterrado vivo. Surgem, então, vários ritos e cerimônias visando a atrasar os enterros e garantir que não havia mais nenhuma possibilidade de vida naquele ser.

No século XIX, a morte é romântica. É considerada bela, símbolo de eternidade e possibilidade de reencontro com entes queridos que partiram, passando, assim, a ser algo desejado, embora não deixasse de significar separação dolorosa para aqueles que permaneciam vivos.

Havia uma forte crença na vida futura, pós-morte, o que propiciou o aparecimento do Espiritismo, intermediando o mundo dos vivos e o mundo dos mortos através da comunicação com os espíritos e o retorno destes a um corpo material. Aqui, o medo principal era exatamente que esses mortos, ou "almas do outro mundo" voltassem à Terra para importunar as pessoas. Medo, aliás, já presente em séculos passados, principalmente pelo fato de não se conhecer, como até hoje em dia, o que existe do outro lado da vida, no "além".

Em nosso século, a morte passa a ser motivo de vergonha e sinal de fracasso, devendo, pois, ser ocultada o máximo possível. A "boa morte" é aquela que ocorre repentinamente. Não é tida como fenômeno natural, necessário e estruturante, mas, como dito anteriormente, como resultado de fracasso. Essa sensação aparece principalmente em profissionais da saúde, cujo objetivo principal é salvar, não lhes sendo acessível, ou melhor admissível, o fato de que nada mais podem fazer.

Na sua análise, ARIÈS (1977) concluiu que, à medida que o homem foi se transformando, foi sendo transformada também sua relação com a morte. Hoje essa relação se caracteriza pelo medo, pelo pavor e pelo silêncio, estados que legitimam a negação.

As pessoas em eminência de morte foram gradativamente sendo afastadas de suas casas e levadas para as UTI's dos hospitais, onde se trava

uma luta, muitas vezes sem trégua, levando a pessoa a se afastar de sua família e parentes no momento terminal de sua vida.

Nossos mortos hoje não são velados na sala de casa, mas nos velórios modernos, discretos, silenciosos, onde muitas vezes é “proibido”, ou feio, escandalizar, gritar ou expressar a nossa dor. A dor da perda irremediável, a dor de perceber no morto nossa própria finitude.

Construímos muros, cercas, prédios. Olhamos envergonhados para um féretro perdido no trânsito da metrópole. O morto é mais um solitário entre tantos outros ainda vivos.

O homem tenta cada vez mais maquiar e esconder as emoções que a morte traz. O corpo do morto é entregue aos funcionários da funerária, retirando da família a oportunidade de realizar o último ritual do mundo dos vivos. Nascemos nus, mas somos enterrados levando uma indumentária sóbria, um sapato lustrado, e muitas vezes, uma gravata.

No entanto, o poeta ainda consegue tirar proveito e descobre, por sua vez, que:

*A morte é a libertação total:
A morte é quando a gente pode, afinal,
Estar deitado de sapatos...*
(Quintana, 1987: 85, Libertação)

2 A MORTE EM DIFERENTES CULTURAS

As visões ocidentais, mostradas até aqui, diferem e muito das orientais. Para ^{estas} essas sociedades, a morte é apenas o início de uma nova forma de vida, mais plena, além daquela cujo fim representa, havendo, para atingi-la, a necessidade de um preparo durante toda a vida. Esse processo de evolução inclui, além de rituais, principalmente a busca de um sentido para a vida e para a morte.

Na China, por exemplo, o governo oferece oficinas individuais para viúvas, onde elas fazem atividades úteis à comunidade, como a costura, que as deixam com sentimentos de utilidade e responsabilidade, estabelecendo um novo tipo de contato social.

Na África Oriental, o ritual de um segundo enterro parece, segundo PINCUS (1989), ter sido planejado para tratar tanto do vivo quanto do morto. Esse funeral ocorre após um ano da morte. Durante esse ano, a pessoa morta é lembrada vívidamente pela família com pesar e luto e conversas intermináveis sobre ela e qualquer criança nascida nesse período leva seu nome. A família se prepara para o segundo funeral enquanto chegam de todos os lugares os parentes, amigos e membros do clã. Se quem morreu foi um homem, terá uma efígie feita pelo filho, colocada no alto do corpo, e voltada em direção oposta, com o túmulo ligeiramente aberto, significando que o homem agora deixou o mundo dos vivos e reuniu-se a seus ancestrais, libertando os vivos para continuarem suas vidas.

Afora esses rituais de caráter mais concreto, há aqueles extremamente simbólicos e que desnudam as fantasias que permeiam o inconsciente dos vivos, como o luto que se destina a purificar e protegê-los da "ação" dos mortos. O luto, em suas diversas manifestações, exprime, fundamentalmente, o terror e a necessidade de proteção frente à morte.

Quando alguém morre, é necessário que haja uma separação dessa pessoa para que o "sobrevivente" possa prosseguir seu caminho. Para isso, foram desenvolvidas cerimônias as mais diversas. Em nossa cultura, temos o velório, cuja finalidade principal consiste em uma revisão de nossa convivência com a pessoa falecida e numa despedida da mesma, que agora aparece inerte diante dos olhos dos demais.

Nesse momento de reflexão, as emoções são estimuladas a aflorarem e a pessoa torna-se frágil, já que suas defesas, suas "courageiras", estão sem forças para reagir.

Além disso, estabelece-se para o luto um prazo, um limite, como, por exemplo, a missa de sétimo dia ou de mês. Embora alguns autores e estudiosos estabeleçam um prazo em torno de dois anos para a elaboração do luto, este não deve ser tomado como único parâmetro para todos, pois algumas pessoas permanecerão mais ou menos tempo nesse processo.

As chamadas "cerimônias de separação", segundo GAUDERER (1987), mobilizam o apoio, permitindo dá-lo e recebê-lo. Em algumas culturas, para que as emoções não permaneçam presas, utiliza-se a "carpideira", cuja função é fazer exatamente o que se tem mais vergonha, que é chorar.

Nesse ritual, é importante que toda a família participe, inclusive as crianças, pois necessitam também de se despedir e de ter a certeza do fato ocorrido. Como bem disse GAUDERER(1987, p.68), *...é bom lembrar que, por pior que seja a realidade, a fantasia é sempre mais assustadora e, no caso das crianças, isto é mais do que real.*

Muitos estudiosos, escreveram sobre os costumes do luto em vários povos, obtendo, entre outras, a conclusão de que as reações emocionais são muito semelhantes tanto no ocidente quanto no oriente, embora sendo os costumes sociais bastante diferentes.

Vários antropólogos, dentre eles ZIEGLER(1977), discutiram a função exercida pelos ritos fúnebres na vida das sociedades e chegaram, principalmente, às seguintes conclusões:

1. proporcionam ajuda aos enlutados, no sentido de ajudá-los a encarar a veracidade da perda, a expressar sentimentos de pesar em público, fixar um tempo para o luto e introduzi-los no novo papel que terão que desempenhar;
2. permitem aos demais membros da comunidade tomar conhecimento público da perda, se despedir do morto e expressar emoções fortes como raiva e medo, mantendo a integridade do grupo social, que continua;

3. proporcionam a troca de bens e serviços entre as famílias e grupos, demonstrando um altruísmo recíproco.

Na maioria das sociedades, é aceitável o choque pessoal e a desorientação da pessoa enlutada. Em quase todas elas, acredita-se que, mesmo com a morte física, a pessoa vive e continua suas relações com os vivos durante algum tempo, fato este que é sancionado socialmente.

Em certas sociedades, a expressão da raiva faz parte dos ritos fúnebres; já em outras, os costumes não permitem qualquer ato dessa natureza, considerando-o uma violência, sendo dirigidos os sentimentos hostis para pessoas que não estão presentes à cerimônia, que funcionam como alvos de culpa. Há comunidades onde a raiva dirigida a si próprio não só é permitida como recomendada (como exemplo, as carpideiras, que rasgam a própria carne com as unhas até escorrer sangue).

A prescrição de um período para o término do luto é um ponto importante na análise dos rituais. Embora o prazo para a duração do luto varie de cultura para cultura, o mais comum é que o enlutado atravesse pelo menos um calendário civil para relembrar datas comemorativas nas quais estava presente a pessoa morta.

A principal conclusão a que os antropólogos chegaram é que, mesmo com as diferenças nos padrões culturais, existem regras e rituais que servem basicamente para:

- determinar como conduzir as relações com o morto;
- determinar como deve ser atribuída a culpa e como deve ser expressa a raiva;
- fixar o tempo de duração do luto.

Sendo assim, a cultura serve de canal para as reações psicológicas das pessoas através dos ritos.

Apesar da História e da Antropologia nos apontarem o percurso do luto e as representações de morte nas sociedades, o que assistimos neste início de século em nossa sociedade, é uma dessacralização desses rituais.

Vivemos uma época onde a tarja preta na lapela da blusa, já não se usa mais. Não temos como saber a dor do outro, e mesmo sabendo não temos como confrontá-la. Não sabemos que palavras usar diante do grande silêncio que a acompanha. “Meus pêsames”, certamente só os mais velhos usam... Os mais jovens não sabem ao certo que palavras usar: a morte é o sujeito ausente do discurso.

Um discurso que fala com o silêncio, com a falta, com a negação. A banalização da morte está na ordem do dia: mata-se por qualquer coisa, qualquer trocado, qualquer discussão. Tão logo se enterra o morto, quão rápido é o seu “esquecimento”.

Não se usam mais vestidos pretos de bolinhas brancas, tampouco encontramos tarja preta na lapela das blusas... Em dias de consumismo extremo e falta de tempo, certamente não há espaço para expressar a dor terrível que a morte provoca.

TORRES (1983:1), nos consola quando afirma:

“A morte é, no século XX, o sujeito ausente do discurso. Entretanto, nos últimos 50 anos, o silêncio começa a ser removido nas ciências humanas. Historiadores, antropólogos, biólogos, sociólogos, filósofos, psicólogos, psiquiatras e psicanalistas iniciam com audácia uma luta contra a morte interdita, denunciando as causas que levaram à negação da morte e redescobrimo a importância do tema.”

3 O TERROR DO HOMEM FRENTE À MORTE

*Provisoriamente não cantaremos o amor,
Que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.*

*Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
 Não cantaremos o ódio porque esse não existe,
 Existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
 O medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
 O medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,*

*Cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
 Cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
 Depois morreremos de medo
 E sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.
 (Congresso Internacional do Medo – Carlos Drummond de Andrade)*

Estas cinco letras que formam a palavra M O R T E contém significância e efeitos que repercutem nos mais recônditos lugares e no mais simples dos mortais. Pois ali onde a morte faz barulho ressoa uma grande zona de silêncio. Tal lugar se estabelece através da dor insuportável da perda de alguém, ou mesmo do confronto impossível do homem com a sua morte.

Há estudos que nos apontam que, este silêncio e banalização nada mais são que uma confirmação do horror humano frente à morte: Para Medard Boss, (1977) a essência da angústia do homem é a sua extinção; o medo da morte, da destruição do eu e do próprio corpo. Caminhar com essa consciência é tarefa que só pertence à nossa espécie.

O homem é o único ser vivo que leva consigo a consciência de sua morte e finitude, trazendo então a angústia de sua limitação, de nada poder fazer contra tal realidade. Desta forma podemos considerar que a essência da motivação humana é a busca incansável de significado para a vida, para o sofrimento e para a morte.

“Negar é uma das maneiras de não entrar em contato com experiências desagradáveis e dolorosas. Atirar-se no conhecimento de si mesmo, entrar em contato com impulsos primitivos, com o próprio corpo, trazem à tona a sua finitude e a sua mortalidade. A grande dádiva da negação é permitir que se viva num mundo com a falsa ilusão de nossa imortalidade. O medo nos serve como um anteparo frente a uma realidade inaceitável.” (BECKER, 1976:58).

ZILBOORG (apud BECKER, 1976) nos diz que a maioria das pessoas pensa que o temor da morte está ausente porque este raramente mostra a sua verdadeira face; mas está convicto que, por baixo de todas as cortinas encobridoras, o medo da morte está universalmente presente:

“Porque por trás da sensação de insegurança diante do perigo, por trás do sentimento de desânimo e depressão, sempre se esconde o medo básico da morte, um medo que sofre elaborações muitíssimo complexas e se manifesta de muitas maneiras indiretas. (...) Ninguém está livre do medo da morte. (...) As neuroses de angústia, os diferentes estados fóbicos, até mesmo um número considerável de estados depressivos suicidas e muitas esquizofrenias demonstram amplamente o sempre presente medo da morte, que se entrelaça com os principais conflitos das condições psicopatológicas dadas. (...) Podemos considerar como ponto pacífico que o medo da morte sempre está presente em nosso funcionamento mental.”

O autor salienta que esse medo na verdade é uma expressão do instinto de autopreservação, que trabalha como um constante impulso de proteção dos perigos que ameaçam a vida:

“Esse gasto constante de energia psicológica na tarefa de preservar a vida seria impossível se o temor da morte não fosse constante. O próprio termo “autopreservação” dá a entender um esforço contra alguma força de desintegração; o aspecto afetivo disso é o temor, o temor da morte.” (apud BECKER, p.30).

Portanto, o medo da morte está presente no nosso funcionamento mental normal, como uma força constante, protetora, trabalhando em prol de nossa auto preservação. Essa força, no entanto, não pode ser sempre consciente, ela fica como que mascarada, resguardada, para que a ameaça da morte não nos leve à loucura. ZILBOORG (idem.,p.seg.) continua:

“Se esse temor estivesse constantemente no plano consciente não teríamos condições de funcionar normalmente. Ele deve ser reprimido de forma adequada, para nos manter vivendo com um pouco de conforto que

seja. Sabemos muito bem que reprimir significa muito mais do que guardar e esquecer o que foi guardado e o lugar onde guardamos. Significa também um esforço psicológico constante no sentido de manter a tampa fechada e, no íntimo, nunca relaxar nossa vigilância.”

Vários fatores nos levam a acreditar que há um desencontro fundamental do homem com a morte. Este desencontro, se deve, em parte, porque na relação do homem com a morte há uma aparente contradição. Se a morte faz parte da natureza de tudo o que é vivo, se sabemos que somos mortais, se a morte é natural, por que o conflito? Por que a resistência?

“A resposta é dada inicialmente pela própria biologia. Na verdade, em termos biológicos, a morte é “natural” não por ser conforme à natureza, mas é natural apenas no sentido do que é universal, inevitável. É isto o que demonstra a nova teoria científica da morte, pois a biologia, ao estudar o fenômeno mais de perto, pode afirmar que o que mais caracteriza o organismo vivo é a imortalidade e não a morte: as células vivas são potencialmente imortais ou amortais. Os seres unicelulares são potencialmente imortais.” (TORRES, 1983, p. 2).

Desta forma, podemos considerar a luta travada entre a biologia e a morte, uma batalha sem trégua. Pois o homem transcende os limites da biologia. Ele se caracteriza e se diferencia dos outros animais, isto é:

“a sua natureza paradoxal, o fato de ser ele meio animal e meio simbólico. O homem possui certa identidade simbólica que o destaca nitidamente na natureza; mas ele é também um corpo, e um corpo que lhe é estranho de muitas maneiras – sendo que a mais estranha e repugnante é a de doer, sangrar, definhar e morrer.” (Idem, p. 12).

Cabe lembrar, no entanto, que este mesmo homem nega esta condição que a natureza lhe impõe. Ele tenta, inexoravelmente, através das suas criações religiosas, artísticas, culturais, estabelecer uma relação com a morte. Relação que é atravessada pela linguagem, o momento histórico e o tipo de sociedade que a sustenta. ZIEGLER (1983) nos ajuda a compreender melhor isso, quando afirma:

“A situação do homem é incômoda, paradoxal, contraditória. A minha subjetividade é limitada pela morte e por todas as outras limitações objetivas inerentes à práxis humanas; vivo com uma subjetividade incompleta. Mas ao mesmo tempo a minha subjetividade finita é potencialmente infinita porque penso, vivo, ajo, desejo e amo como se fosse imortal. Minha vontade, minha vida, meus projetos, meus desejos, meus sonhos transbordam constantemente da minha subjetividade finita. Noutras palavras: o desejo de plenitude é uma constante no homem, mas vida humana alguma esgota a totalidade dos “possíveis”, satisfaz esse desejo de plenitude.”

Este desejo de plenitude talvez passe pelo desejo da imortalidade. Pois apesar do homem conviver a vida inteira com o destino da morte, ele procura manter-se afastado dela seja escondendo seus mortos, seja dessacralizando seus ritos, seja simplesmente, negando inconscientemente sua própria finitude.

4 AS ATITUDES DO HOMEM DIANTE DA MORTE: UMA CONSIDERAÇÃO PSICANALÍTICA

Onde estão as minhas palavras, meus versos, meus signos? Que mistérios os envolveu que já não consigo desenhá-los? Este silêncio que me atormenta nada mais é, que uma falta de ciframento para aquilo que acompanha a minha dor. E que dor é essa, que dói não sei aonde, que não tem corpo, não tem mais lágrima, não tem mais riso, dor que não tem mais dor? No seu lugar apenas um grande descampado, uma vastidão indissolúvel de tempo e espaço, juntos, olhando para mim. Como que me reclamando dessa lucidez exacerbada e inútil, dessa nitidez trêmula com que pinto as minha telas. Olho para o tempo e me assusto com sua crueza e irreversibilidade... Contemplo o espaço e tenho vontade de preencher com meus passos a hora marcada para começar a caminhar. Dentro de mim tem um lugar de nada. Um lugar que nada sei. Um lugar onde tive que caminhar muito para enxergá-lo, e agora que o encontrei descubro que ele é feito das partes inconclusas que

sobraram de mim... Uma sensação de que aquilo que passei a vida inteira tentando preencher, agora me impunha a si destituir: ponto por ponto, linha por linha, letra por letra. Desconfio que esse lugar feito de nada, é onde escondo o que de mim é insuportável, o que dos meus segredos me assusta. A mulher que agora escreve me parece desconhecida... Tenho que olhar cada parte de mim para acreditar que me pertencço, que estou inteira, que não fui despedaçada, assim como o espelho. Tenho que me despojar dessa coisa cheia de nada que, carrego... Mas sei que preciso imediatamente colocar outra no lugar, mesmo que, igualmente, fluida. Pois há um gemido (ou seria um grito?), que não decifro, um gesto que não presenteio, um espelho que não olho, uma verdade que renego... porque o meu corpo está nu, a minha alma está despida e todos os meus sonhos se perderam nessa vastidão de nada que enxergo arduamente no lugar onde antes estavas tu, minha mãe acompanhada por ti, meu pai... Vocês foram embora, e agora, eu não sei o que fazer desse buraco imenso que se fez em mim.

Enquanto a psicanálise me diz: fale! Minha angústia impõe: escreva! E este trabalho talvez seja o resultado do encontro, tão adiado, tão sofrido, tão desejado, entre essas duas coisas.

Freud, anuncia num texto datado de 1915*, o seguinte:

“Qual, perguntamos, é a atitude do nosso inconsciente para com o problema da morte? A resposta deve ser: quase exatamente a mesma que a do homem primevo. Nesse ponto, como em muitos outros, o homem das épocas pré-históricas sobrevive inalterado em nosso inconsciente. Nosso inconsciente, portanto, não crê em sua própria morte; comporta-se como se fosse imortal” (FREUD: Obras Completas, vol. XIV: 306).

Desta forma, não é à toa que a recusa e a dificuldade em se tratar da morte, é quase uma unanimidade entre as pessoas. Acredito que, assim como eu, aqueles que o fazem, buscam meios de decifrar as incógnitas deixadas por essa senhora do mistério e da sombra.

Segundo Freud, a própria morte para o homem primevo era inverossímil como o é até hoje. Amada e familiar, fez nascer de sua dor a percepção de que um dia poderia morrer, e se rebelou contra ela; cada um desses seres tão amados era, com efeito, um pedaço de si.

Mas, por outro lado, a morte era sem dúvida, prazerosa, pois cada uma das pessoas queridas integravam também algo estranho a ele. O homem não podia manter-se afastado de sua morte, pois a havia experimentado em seus mortos; nem queria tampouco reconhecê-la, já que era impossível imaginar-se morto.

Diante da perda da pessoa amada ele inventou os espíritos, e seu sentimento de culpa pelo prazer que isso lhe despertava transformou-os em demônios que deveria temer.

Só depois de algum tempo as religiões conseguiram oferecer essa existência póstuma como a mais valiosa e plena, e rebaixar a vida terrena à categoria de uma mera preparação. E, conseqüentemente, prolongou-se a vida no passado, através de invenções como: existências anteriores, a reencarnação, a transmigração das almas, tudo com a intenção de despojar a morte de seu significado insólito de término da existência.

Os desenhos modernos, assim como as fábulas, estão cheios de personagens imortais. Em conseqüência disso, nada instintivo favorece em nós a crença da morte. Aceitamos a morte de um estranho, escondendo sigilosamente um grave sentimento de "ainda bem que não fui eu". A perda que maltrata é aquela a quem temos um afeto, uma relação por aquele que morreu.

Os heróis diferenciam-se dos Deuses por serem mortais, e dos seres humanos por continuarem a agir após a morte. Esta, transforma-os em protetores das *pólis* contra invasões, pestes e todos os flagelos. Seus restos, enterrados no interior das cidades, guardados nos templos, homenageados em santuários, continuam a agir durante séculos sobre os vivos. Conhecerem-se por inteiro, de forma mais humana, talvez seja sua vitória final.

A civilização, apesar de tudo, nada tem feito para aproximar o homem de sua morte, no sentido de incluí-la como uma etapa da vida de todos. Embora inaceitável, considerá-la como companheira de estrada, pode ademais fortalecer os vínculos que nos prende a existência.

De certa forma, isto é o que vejo nas entrelinhas dessa fala de Freud, quando mais à frente adverte:

“Não devemos confessar que em nossa atitude civilizada para com a morte estamos mais uma vez vivendo psicologicamente acima de nossos meios, e não devemos, antes, voltar atrás e reconhecer a verdade? Não seria melhor dar à morte um lugar na realidade e em nossos pensamentos que lhe é devido, e dar um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para com a morte, que até agora, tão cuidadosamente suprimimos? Isso dificilmente parece um progresso no sentido de uma realização mais elevada, mas antes, sob certos aspectos, um passo atrás - uma regressão; mas tem a vantagem de levar mais em conta a verdade e de novamente tornar a vida mais tolerável para nós. Tolerar a vida continua a ser, afinal de contas, o primeiro dever de todos os seres vivos. (...) Se queres suportar a vida, prepara-te para a morte.”
(Idem, p. 309).

Uma das grandes contribuições da psicanálise tem sido oferecer elementos para uma melhor compreensão do processo de luto. Em *Luto e Melancolia*, Freud levantou as primeiras hipóteses, que se constituem hoje a base de muitos estudos em torno do assunto.

O luto é definido por este autor como sendo:

“A reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante.” (Idem, p. 249)

Mas Freud, continua:

Embora o luto envolva graves afastamentos daquilo que constitui a atitude normal para com a vida, jamais ocorre considerá-lo como sendo uma condição patológica e submetê-lo a tratamento médico. Confiamos em que seja superado após certo lapso de tempo, e julgamos inútil ou mesmo prejudicial qualquer interferência em relação a ele.

“Qual a tarefa que o trabalho de luto realiza?”, questiona ele, e responde: *“O teste da realidade, ao mostrar que a pessoa amada não existe mais, exige que imediatamente toda libido seja retirada de suas ligações com este objeto”*. Em outras palavras, no confronto com a morte, a pessoa que sofre a perda terá que retirar sua ligação emocional com o falecido.

Freud fala então da trégua que surge dessa exigência, luta que pode se tornar tão intensa que termina em um afastamento da realidade. Aquele que sofre a perda se recusa a aceitar essa estranha realidade, podendo desencadear daí um processo de luto patológico que é danosa tanto para si como para aqueles que estão envolvidos.

PINCUS (1989:112) esclarece melhor:

“O processo de luto implica a cura de um ferimento. Uma vez que o ferimento físico é recoberto sem danos por um tecido sadio, o processo se completa e o paciente pode esquecer completamente o traumatismo. No luto, contudo, a causa do trauma, a perda de uma pessoa importante; não deve ser esquecida. Apenas quando a pessoa perdida é interiorizada e torna-se parte daquela que sofre a perda,

uma parte que pode ser integrada à sua própria personalidade, enriquecendo-a, é que o processo de luto se completa, e é agora que tem que ser efetivado o ajustamento a uma nova vida.”

O processo de luto, portanto, seria o tempo necessário para a cura de um ferimento. Até nas plantas, quando retiramo-lhes uma de suas folhas, um sumo, feito lágrima escorre pelo seu caule... a marca deixada precisará de um tempo para cicatrizar e oferecer um lugar para a próxima folha. Por que seria diferente com os homens?

Samuel Johnson falou:

“Nosso medo da morte é tão grande que a totalidade da vida não é senão manter afastados os pensamentos sobre ela”. No ano de 1755, após a morte de sua esposa, ele escreveu:

“Desde então passei a ver a mim mesmo como alguém separado da humanidade; uma espécie de errante solitário na selva da vida, sem qualquer direção ou ponto de vista fixo; um contemplador melancólico do mundo com o qual tenho pouca relação” (apud PINCUS, 1989:113).

O luto mal elaborado ou reprimido tende a contribuir para esta condição de tristeza e alheamento da realidade, tomando a vida empobrecida e sem sentido.

À medida que são oferecidas condições favoráveis ao enlutado, como aceitar seu estado de pesar ou escutar suas lamentações, ele vai reestruturando aos poucos esse espaço deixado por aquele objeto de amor, para sempre perdido.

“Uma vez que a tarefa de interiorização se realiza, a dependência da presença externa diminui e a pessoa torna-se capaz de recorrer às lembranças, felizes ou infelizes, e de compartilhá-las com outros, permitindo-se falar sobre a pessoa morta, pensar nela ou senti-la.” (Idem, 115).

É importante ressaltar que para que o processo de luto ocorra de forma saudável, faz-se necessário um tempo determinado, e de algumas condições sociais como aceitação e escuta.

O enlutado sofre uma dor irremediável, onde o único consolo é esperar pelo tempo de cicatrização da ferida. Pois se até as folhas se recompõem, por que o homem não o conseguiria?

- **Considerações**

A morte acompanha a vida. Sem a morte não haveria nascimento; portanto, nós nascemos porque morremos. Isso é uma lei. Inexorável. Inaceitável. Irremediável.

O homem atravessou os séculos se debatendo com essas duas forças da natureza, que teimam em andar juntas, obrigando-o assim, a procurar meios de driblar essa indissociabilidade.

A necessidade de acreditar na possibilidade da imortalidade é tão profunda que já existem empresas congelando corpos, a um preço bastante significativo, na esperança de que alguém descubra o elixir da imortalidade. Paradoxalmente, a cremação não deixa de ser uma forma mais rápida de tornar pó o que nos incomoda.

O homem das grandes cidades fez-se prisioneiro de seu próprio medo. Se esconde dentro de cubículos fortemente preparado para "proteger" dos perigos (Da morte?). Conhece o outro apenas pelo ruído do elevador, ou pelo barulho da descarga no andar superior.

A vida está cada vez mais garantida. A medicina nunca ofereceu tantos aparatos sofisticados, prontos para adiar a hora da morte, mesmo que seja apenas por alguns dias. Ninguém quer morrer. Ninguém quer envelhecer. A

eternidade que tanto almejamos, não é a eternidade da vida com todos os seus inclusives, mas a eternidade da juventude com todos as suas volubilidades.

Negar a morte, ou lutar contra ela tem sido a resposta do homem moderno. Assim como na idade média, retiramos nossos mortos para longe da cidade, não por motivo de insalubridade, como era antes, mas para ficarmos cada vez mais distantes daqueles que nos atormentam, seja com a sua falta , seja com a sua condição de morto, esta prova incontestável da própria finitude.

Nenhum ser escapa à dor pois tudo o que existe compõe-se de elementos de duração limitada e é vazio de qualquer princípio pessoal. No entanto este mesmo ser em resposta a esse vazio produz fala, saber, discurso.

CAPÍTULO 2

POETIZANDO AS CONCEPÇÕES DE MORTE

Diz o hallacha¹ que *morte é morte*. E pronto. Diz diferente o menino de um conto, que agora reconto:

Era uma vez, conta o conto², um menino que vivia sozinho com a mãe numa casa muito grande. Seu pai morrera quando ele ainda nem tinha nascido. Diz ela que por causa das feras que vivem por aí esmagando todo mundo nas estradas. Porém jamais lhe explica o que é morte ou que feras são essas. Não deixa nunca que ele saia de casa e o mundo parece, nesse conto, muito distante do lugar onde moram. Há muitas árvores à volta da casa. Uma floresta, acredita o menino. Como ele não tem acesso às janelas mais altas, nada vê além das árvores. Ele só tem contato com duas pessoas: a mãe e a professora, que lhe dá lições sempre de luvas e encapuzada, num dos cômodos da casa. Nunca lhe vê o rosto, mas algo nela lhe é familiar. Um dia pergunta à mãe se morrer é uma sensação e ela lhe responde que sim, uma sensação ruim para os que têm que viver depois dos outros. Tempos depois o menino encontra a mãe dormindo imóvel ao pé da escada. Está completamente fria e não responde aos seus apelos. Corre, ansioso, à sala de aula e só encontra as luvas e o capuz. Decide atravessar a floresta e enfrentar as feras. A floresta não é extensa e um simples portão a separa do mundo. Um policial comenta com um pedestre: “- Alguns segundos atrás, passou um garotinho correndo por aqui. Estava rindo e chorando ao mesmo tempo.

¹ Sistema Legal Judeu.

² Apud PERAZZO, 1986:51.

Dava pulos no ar, no chão, e tocava tudo que via. Postes de luz, de telefone, hidrantes, cães, pessoas. Calçadas, grades, portões, carros, vitrines envidraçadas, postes de propaganda de barbeiros. Puxa, até me segurou, me olhou, olhou o céu, você devia ter visto as lágrimas do menino, devia tê-lo ouvido gritar, um bom tempo, umas coisas esquisitas... Gritava: ' Eu morri, eu morri, que bom que eu morri, eu morri, eu morri, é bom morrer'.

Para o menino deste conto a morte é a vida, a morte é o contrário de morrer. Para o sistema legal judeu a morte é a morte. Para o homem comum a morte é a possibilidade de encontrar Deus... e assim, eu poderia encontrar infinitas definições para um evento que em si não tem um conceito definido. Sendo assim melhor considerar suas inúmeras vestimentas.

São essas vestimentas e essas diversidades, o que estou chamando de concepções de morte. Estas, discutidas aqui com o sentido de: noção, idéia, compreensão.

E como pesquisar ou apreender uma compreensão, uma idéia, uma noção? Como acessar a um lugar que por definição é inapreensível?

De imediato, a melhor maneira é aceitar o conceito de morte como algo essencialmente subjetivo. E aqui recorro mais uma vez ao Aurélio, e ele me diz:

Subjetivo: Relativo ao sujeito. Existente no sujeito. Individual, pessoal; particular.

Preciso então de sujeitos. Dispostos a falar daquilo que lhes pertence enquanto experiência subjetiva. Pois da morte só se sabe suas nuances, seus vestígios, suas marcas, suas impressões.

“O tema da morte é importante justamente por tocar em nossos limites mais extremos e também em nossa maior possibilidade de abertura. A morte coloca limites à nossa razão, consciência e capacidade de apreensão e percepção – enfim, à nossa perspectiva de vida. Por outro lado, justamente por ser tão impenetrável, permite-nos total liberdade à imaginação, que pode fluir à vontade e acolher as mais diferentes idéias e imagens a seu respeito.”
FREITAS (apud KOVÁCS, 1992:112).

Tomando esta definição como ponto de partida, posso imaginar o quanto é difícil enquadrar um conceito em torno de algo, que por definição é “incomunicável”.

Sabendo que estas concepções podem variar de indivíduo para indivíduo, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade, de menino para menino. Preciso enxergá-las melhor nos meus sujeitos.

Por tradição cultural, familiar ou até mesmo investigação pessoal cada um de nós traz dentro de si “um tipo de morte”, ou seja, eu tenho a minha, você tem a sua, ela tem a dela... formando assim um leque de conceitos e opiniões diferentes.

Perda, ruptura, separação, fascínio, viagem, descanso, alívio, fim. Qual delas poderia ser “a de cada um”? Ou melhor, de qual tipo de morte estou me referindo?

Neste capítulo, o tema da morte será tratado tanto no seu sentido simbólico: de perda, de vazio, de falta. Como no seu sentido concreto. A morte como o fim. Do corpo. Do sujeito. Da vida.

Diria que um dos meus objetivos é tentar entender as concepções de morte desse grupo de professores; e qual a relação que isso tem com a maneira como eles tratam as questões relativas ao tema, dentro da sala de aula.

Para isso farei uma *investigação*. A palavra Investigar, vem do latim *investigare*, definido por Aurélio* como: *seguir os vestígios de. Fazer diligências para achar; pesquisar, indagar, inquirir.*

E é exatamente o resultado desta *investigação* que pretendo escrever aqui. Buscarei estas concepções seguindo inicialmente, os vestígios dos desenhos, das falas e das entre-vistas... Diligenciando seus silêncios, indagando, inquirindo, perguntando, ouvindo...

Resíduo

*De tudo ficou um pouco.
Do teu medo. Do teu asco.
Dos gritos gagos. Da rosa
Ficou um pouco
Ficou um pouco de luz
Captada no chapéu.
Nos olhos do rufião
De ternura ficou um pouco
(muito pouco).
Pouco ficou deste pó
De que teu branco sapato
Se cobriu. Ficaram poucas
Roupas, poucos véus rotos,
Pouco, pouco, muito pouco
(...)
Pois de tudo fica um pouco.
Fica um pouco de teu queixo
No queixo de tua filha.
De teu áspero silêncio
Um pouco ficou, um pouco
Nos muros zangados,
Nas folhas, mudas, que sobem.
(...)
E de tudo fica um pouco.
Oh abre os vidros de loção
E abafa
O insuportável mau cheiro da memória.*

*Mas de tudo, terrível, fica um pouco.
E sob as ondas ritmadas
E sob as nuvens e os ventos
(...)*

*e sob o soluço do cárcere, o esquecido
e sob os espetáculos e sob a morte de escarlata
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes
e sob tu mesmo e sob teus pés já duros
e sob os gonços da família e da classe,
fica sempre um pouco de tudo.
Às vezes um botão. Às vezes um rato*

(Carlos Drummond de Andrade, 1987)

Obedeci ao poeta e abri os vidros de loção. Deixei que o antigo perfume cravado na memória, se espalhasse calmamente pela estrada e trouxesse de volta as esquecidas lembranças guardadas em cada recanto da alma... Lugares sagrados que não se ousa tocar.

Porém, como já foi anunciado *de tudo fica um pouco...* E a morte em si, já toca neste pouco... São poucas suas palavras, são poucas suas lembranças... São poucos aqueles que se aventuram no caminho em busca de suas ressonâncias.

O grupo constituído para a pesquisa também era feito de poucos. Eram oito pessoas.

Diário de Campo, sexta-feira, 07 de junho de 2002.

Eu e os professores marcamos de nos encontrar às 14:30, na Fanor. Passei a semana inteira tentando encontrar um horário que fosse adequado para todos, o que não foi muito fácil. Estamos no final do semestre e todos temos provas, trabalhos a corrigir, fechar cadernetas, etc. Tudo isso somado ao fato de que há um clima de Copa do Mundo, jogo do Brasil no dia seguinte... Esses detalhes, de uma certa forma, me trazem uma sensação esquisita de estar "tomando o tempo dos outros..."

Chego ao local às 14:10hs e já estavam lá três professores que deram aula pela manhã e resolveram esperar. Outros foram chegando em seguida. Contactei com 11 professores mas três não compareceram nem explicaram o motivo. Percebo que há uma certa apreensão de alguns sobre como será o trabalho, o que faremos e até que horas ficaremos ali.

“Vamos começar cedo para acabar mais cedo” diz C. (ela é uma das pessoas que estavam ali desde de manhã) “é que precisarei sair às cinco horas...” completou ela. Garanti a todos que, no máximo 17:30 estaríamos concluindo.

Fomos para a sala às 14:50. Até esse horário havia chegado seis pessoas. E estas estavam inquietas querendo “começar logo, para terminar cedo”. Começamos com sete pessoas e exatamente às 15:00h.

1 OS DESENHOS COMO FORMA DE EXPRESSÃO E ACESSO ÀQUILO QUE ESTÁ GUARDADO...

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Com um lápis em torno da mão imito uma luva
Giro um simples compasso, num segundo eu faço um guarda-chuva
Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel
Num instante imagino uma linda gaivota voar no céu...
(...) Aquarela, Toquinho e Vinícius*

Chamarei de “primeira etapa” o momento em que falei ao grupo sobre a finalidade da pesquisa, a forma como seria conduzido aquele encontro e as questões que deveriam ser pensadas e discutidas a partir dali.

Antes da elaboração dos desenhos fiz um trabalho de relaxamento com o grupo. Gauthier* sugere o relaxamento como uma técnica que permite ao grupo

“Conseguir abaixar o seu nível de controle consciente, a fim de que se expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual” (1999:53).

Embora o contexto não fosse propriamente de uma pesquisa sociopoética, esta técnica também possibilitou um melhor clima de interação grupal e um maior contato de cada um consigo, com o grupo e com o trabalho proposto.

Após o relaxamento eles iriam encontrar na sala material de desenho, com o qual eles poderiam tentar simbolizar o que o tema lhes sugeria... ou não.

“As pessoas caminhavam lentamente pela sala, suas expressões variavam entre a tranquilidade, a apreensão e a calma. Observo seus gestos hesitantes num primeiro momento, mas que, ao serem penetrados pela música, iam elastecendo, se espreguiçando, iam acalmando os pensamentos e os olhos, e a boca, e o restante do corpo. A música de fundo é uma faixa do filme “The Big Blue”, sua melodia passa um sentido de alargamento, de imensidão e de tranquilidade... E esse clima vai tomando conta da sala, amenizando a estranheza ou a pura ansiedade que vejo nos olhos de alguns.

Quando solicitei que cada pessoa pensasse no tema gerador, pude observar rostos compenetrados, olhares distantes e ao mesmo tempo absortos... Aos poucos cada um foi se dirigindo ao centro da sala onde estavam as folhas de papel, os lápis, colas coloridas, etc. Percebo que há uma preocupação na escolha das cores, alguns passam longos minutos olhando para o material, como que tentando encontrar algo que ajude a mediar a dúvida, o impasse... alguém brinca e pergunta: de que cor é a morte? Imediatamente outro responde: ou é roxa ou é preta! Risos ressoam na sala já um pouco mais descontraída...

Cada um, silenciosamente, procura um lugar para ficar. Apenas dois professores sentam no chão, o restante preferem as cadeiras. A sala é tomada por um silêncio brando e profundo, pano de fundo para o surgimento daquilo que, a princípio, não tem forma, cor ou símbolo.

Mas os dedos começam a criar, passeiam sobre o papel branco em busca da melhor forma de traduzir o que parece intraduzível... Coloco uma música, o que faz com que alguns comentem: “ ah, graças a Deus, eu já estava incomodada com tanto silêncio...” Risos. Comentários soltos. “ Como é legal essas colas coloridas! Estou achando ótimo sair fazendo esses pinguinhos...” “Acho que a última vez que desenhei foi quando eu era criança...” “ Eu também! “ Os rostos aos poucos vão demonstrando uma descontração e leveza, embora dois ou três continuassem em silêncio total... Meia hora. Foi o tempo suficiente para que todos concluíssem seus desenhos.

Terminada esta etapa, foi pedido ao grupo que comentassem a respeito do que eles haviam desenhado.

Os desenhos produzidos pelo grupo serão apresentados, neste primeiro momento, como um meio possível de traçar um panorama das concepções de morte de cada um que estava ali.

A maneira como isso será feito tem como objetivo retirar o máximo proveito do material produzido. Para isso, apresentarei os desenhos de cada participante, com a respectiva fala a respeito do seu trabalho. Em seguida coloco as minhas próprias considerações a respeito daquilo que me chamou a atenção.

A cada desenho apresentado, faço o que estou chamando de “impressões pessoais”, estas falam de forma literária, poética e desnudada, o que também vi, apreendi, descobri e senti, frente àquelas ‘subjetividades’ desenhadas.

Para isso me utilizo da poesia, este veículo valioso que me possibilita falar o que sinto, quando olho a partir de um outro lugar. Talvez essa seja a minha forma de lidar com a vacuidade que o tema sugere.

A ordem das falas segue à das apresentações no grupo, seguida de algum comentário feito na entrevista. A primeira pessoa a falar foi Mariana:

Eu vou começar... Gente...o meu desenho é esse... esse aí é o caminho que vai do começo da folha até o final... e eu acho que esse caminho é o caminho da vida, e durante esse caminho tem umas "cruzinhas" vermelhas, "pare", "siga em frente"... e eu acho que a morte, ela faz parte da vida. Foi isso o que eu quis dizer aqui. Que ao mesmo tempo que a gente vive, esse caminho que a gente chama de vida, isso também é morte. E que durante esse caminho, eu acho que existem várias mortes. Durante a vida da gente, a gente morre diversas vezes ou sente... ou passa por perdas... e que todo o mundo passa por esse caminho. Todo mundo que tá vivo. É um caminho que não tem exceção. (...) que você sei lá... compartilha esse caminho de vida e de dor e de morte, (...) e o colorido é que morte pra mim é vida e vida é muito boa e... conseqüentemente morte também deve ser uma coisa muito boa..(...).

A vida como um caminho que leva à morte... ou a morte que nos acompanha constante e silenciosamente durante seu percurso. É esta a definição que Mariana faz sobre o seu desenho. Uma estrada onde se morre várias vezes e de diversas formas.

Percebo essa diversidade através do excesso de cores e elementos que compõem seu desenho. O vermelho rabiscado ao longo da via, me remete ao sangue e à coragem, substâncias vitais para o trajeto da vida. O azul escuro faz peso no contorno do chão e traz leveza ao céu, que sorri em forma de convite. O amarelo reflete uma luz, que aqui se traduz em gente, pessoas, indivíduos: vivos. E por fim, enxergo o branco fazendo espaço, permitindo os traços, possibilitando passos.

A morte, (ou seria a vida?) aqui está representada por uma estrada reta. Entrecruzada apenas por algumas ruas... Essa linearidade é rara; a vida e as suas mortes estão repletas de altos e baixos, de pretos e cinzas, de trilhas e florestas, de densidade e de vazio.

Mas cada pessoa desenha e colora sua estrada, sua vida e sua morte com as cores que vê ou deseja ver. Embora isso não faça com que sua obscuridade e mistério desapareçam. Mariana procurou passar no seu desenho a maneira como ela compreende a morte, e esta para ela, está intrinsecamente relacionada à vida.

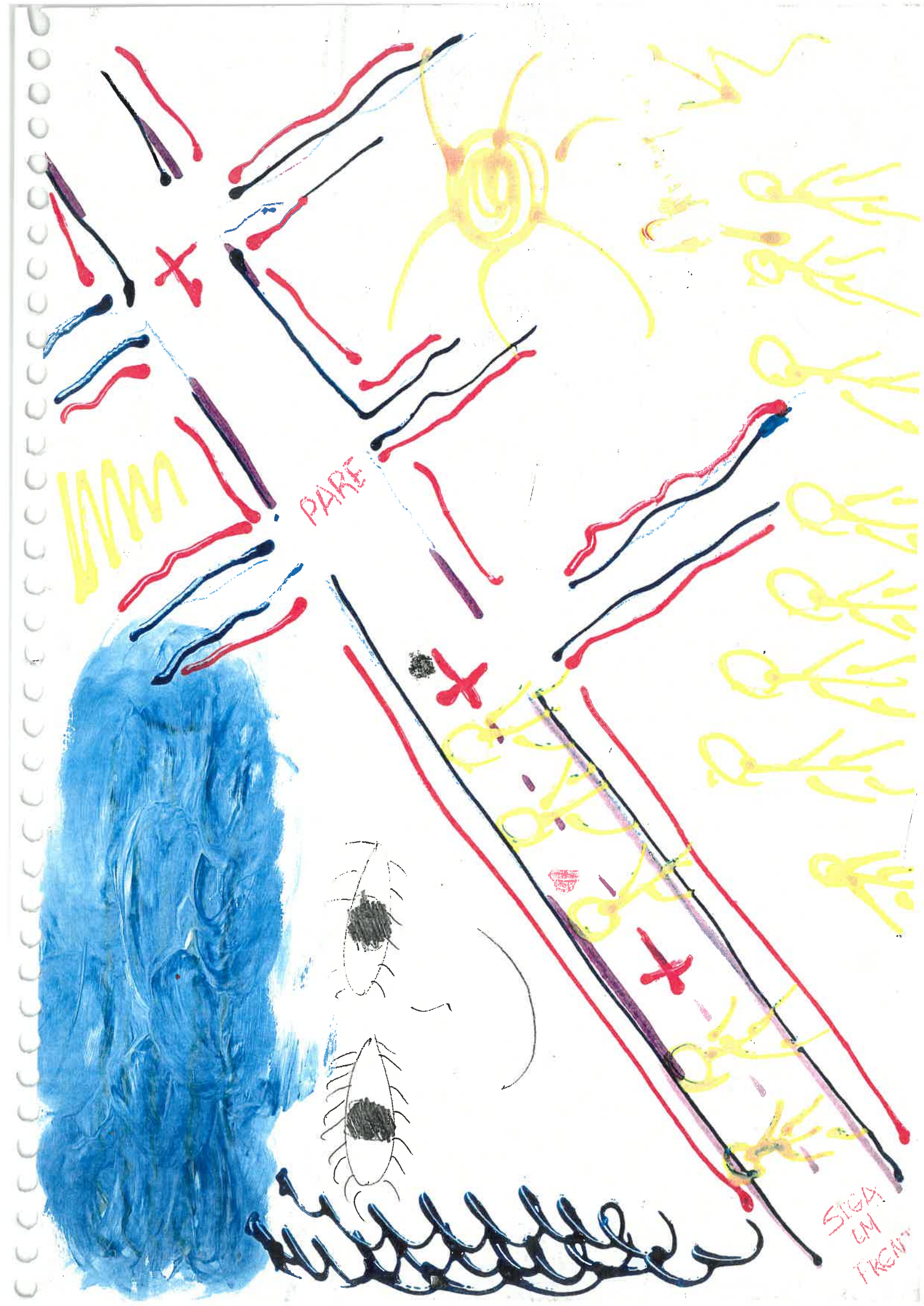
Na entrevista, ela acrescentou o seguinte:

(olhando o desenho... pensativa...) Essa parte do caminho e do sol e das pessoas, quer dizer, é um caminho que todo mundo tem que percorrer, eu acho que talvez a coisa diferente é essa parte aqui que tem esse azul, o rosto e as ondinhas... as ondinhas quando eu fiz, eu pensei nos meus cabelos, né... o azul foi o azul de um céu mesmo, que você não sabe onde é, e tal... e o sorriso seria o sorriso de alguém me esperando, quando eu morresse, eu acho que isso, que não sei se falei no dia...

- Impressões Pessoais

*Deixo que meus olhos repousem na estrada festiva
onde a menina de cabelos cacheados desenhou a vida...
Não seria isso, essa fosforescência e esse excesso de cor ?
Mas... e essas cruzeiras deitadas ?*

*E essas outras entradas,
Estendidas,
Caladas,
Ao longo do caminho?
Elas alertam:
Pare.
Siga.
Morra.
Viva.
Sonhe.
Tenha esperança.
Qualquer coisa, o céu te alcança...
Ou te cai encima..*



PARE

SIGA
CM
TREN

Rafael fala do seu desenho logo em seguida:

...um pouco a idéia que a Mariana também falou... essa história do caminho. Então eu coloquei o caminho... assim...eu, você... todo mundo segue esse caminho inevitável que vai dar na morte de alguma forma... e pessoas morrem antes de você, quer dizer, você deixa pessoas, também, no meio do caminho. E é uma estrada assim que... todo mundo tem que seguir e que... o que eu quis também passar foi o seguinte: como essa experiência da morte... ninguém diz... ninguém enquanto morto, diz essa experiência. Então, de alguma forma para você dizer essa experiência de alguma forma, eu coloquei como se fosse um quadro, né? Que a arte, de alguma forma poderia dizer alguma coisa sobre a morte. Poderia ser esse elemento... é... que pudesse dizer da morte, já que os mortos não dizem.

O desenho de Rafael se reporta também à imagem do caminho. Este considerado por ele, como uma inevitabilidade de todos os vivos... Ninguém se livra de estar na vida, portanto, não há como escapar da morte.

Sua estrada, também retilínea, sugere a idéia de um quadro. Nele, aparecem duas cruzes solitárias e roxas, símbolo e cor pertinentes à morte. Em seu relato ele explica que, o fato de ninguém poder falar de sua própria morte, *ninguém enquanto morto*, faz com que a arte aí se coloque. Funcionando como uma possibilidade de traduzir ou simbolizar o indizível que ela comporta.

Embora muitas coisas da vida igualmente carreguem consigo essa impossibilidade de ser *dita*, considero esta colocação bem interessante. Ao vazio da morte restam tentativas de representá-la. Entre um lado e outro do caminho, ou entre o seu início e término, há um longo percurso a ser feito, ou dito. E aqui a *arte* é apontada como a portadora desse *dizer* sobre a morte.

Porque essa idéia da arte como um lugar, onde o intraduzível pode ser transformado e redimensionado, legitima inclusive o trabalho que ora proponho.

Apesar das produções aqui apresentadas não serem *obras de arte*, reconhecidas como tais, mas nem por isso deixam de ser arte. São elas que estão trazendo palavras, e falas, e símbolos, para compor este tecido de idéias e concepções acerca de um tema tão enigmático como este.

Ao tecer outros comentários, Rafael acrescenta:

É... é interessante... O desenho da Tereza me chamou a atenção porque ela desenhou um rosto e os olhos estavam vazios, né? E talvez o... os desenhos todos ali ou a sua maioria, ou os que eu me lembre pelo menos, eles talvez não representem a morte; eles representem a vida. O meu é uma estrada; o da Mariana é uma rua; o do Osvaldo, ele faz umas etapas assim... tipo um rio, uns lençóis freáticos... eu achei que pareciam uns lençóis freáticos. Mas assim... todos os desenhos, eles eram representativos da vida.

Quando convidado a falar das suas impressões a respeito dos outros desenhos, Rafael considera o de Tereza aquele que mais se aproxima da idéia de morte. Os outros, considera, eram muito mais representativos das coisas da vida do que da morte.

- Impressões pessoais:

“O dizer da arte”

Estrada reta rumo ao horizonte da tela:

Há aqui qualquer coisa de ternura,

qualquer coisa de silêncio,

qualquer coisa de meio dia...

Rua vazia ...

... cruces de braços abertos ensombrando a via.

A vida... sim, há vida.

Pois vejo um cordão verde sustentando o quadro,

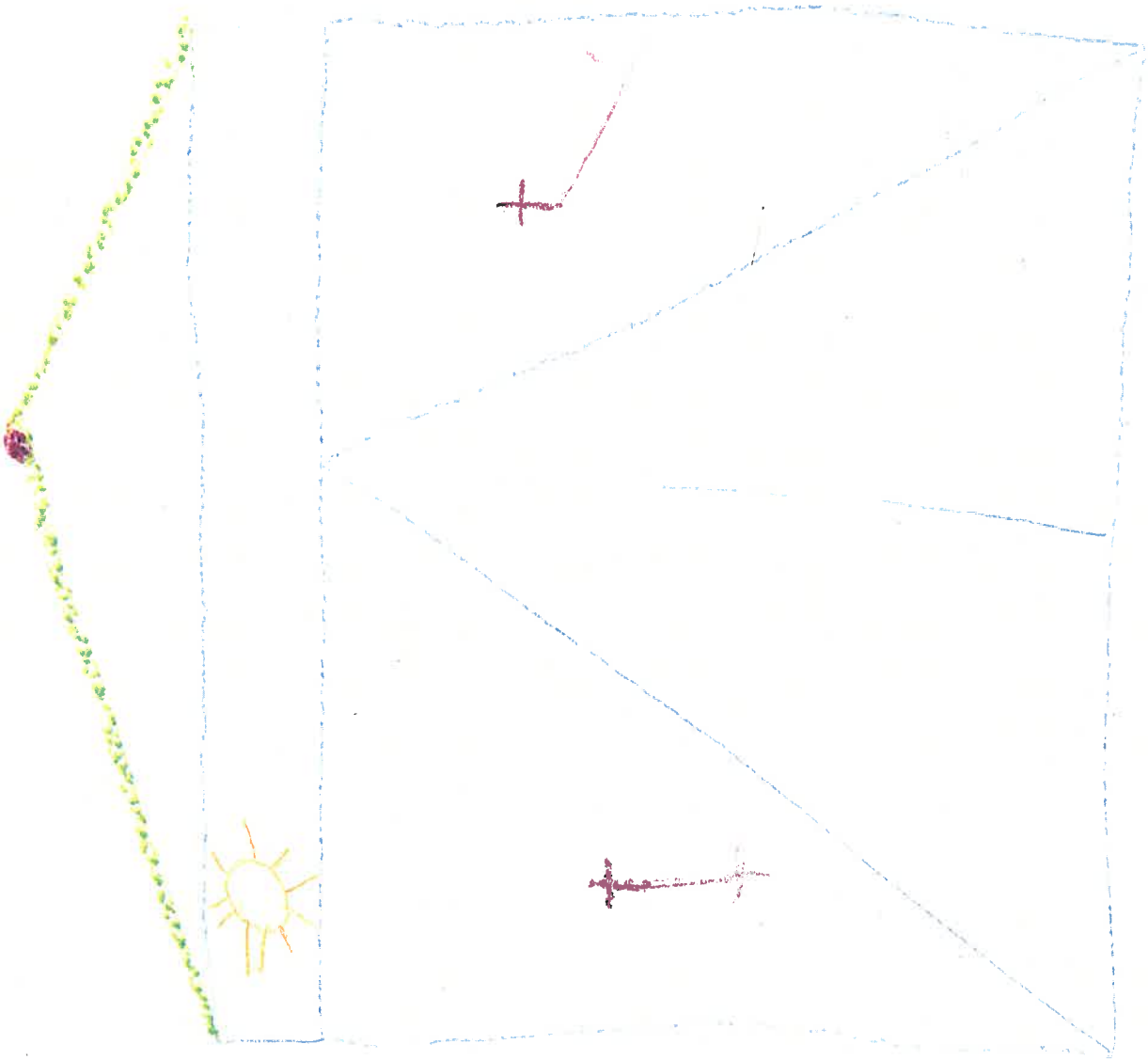
Que diz do caminho

Que diz da vida

Que diz da Arte

Que diz a morte

Que não diz mais nada



Quanto ao desenho de Tereza, citado por Rafael anteriormente, o qual ele considera o único onde a idéia de morte está presente, chamou atenção de todos. Um rosto amarelo de olhos brancos, o qual ela explica assim:

Olha...é ...uma coisa interessante: todas as vezes que eu recebi a notícia de morte, sobre a morte de alguém, de algum ente querido, não necessariamente dentro da minha casa, mas de algum aluno, eu sempre observei que de alguma forma esse aluno me pareceu amarelo. Sempre. Aí você diz assim: não, é o amarelo do abatido. Não. É o amarelo. E eu sempre gostei muito de observar a expressão dos olhos das pessoas. E eu sempre enxerguei, além da tristeza, um vazio muito grande. Então... eu não sei... gosto da cor amarela, mas... eu acho a cor amarela uma cor extremamente fraca. Ela é insignificante. Talvez porque eu enxergue a morte desse jeito. Ela é amarela. Exatamente. Como eu não acredito em nada depois da morte, como pra mim é o fim, então eu (...). Fiz questão dos olhos ficarem vazios, porque essa é a sensação que eu tenho. E em volta em tentei dar o contorno em roxo, pra tentar mostrar o peso... o pesar da morte...

No comentário de Tereza ela explica que tentou representar a sensação que lhe causava a notícia da morte de alguém; que essas pessoas sempre lhe pareciam amarelas... E esta, é uma cor que ela considera *fraca, insignificante*...

O outro elemento comentado são os olhos vazios, que estão ali como um símbolo da tristeza e da falta, presentes na sua compreensão de morte. A sua incredulidade de que haja *alguma coisa* depois que se morre, faz com que ela enxergue esse vácuo, esse vazio representando o fim. Ou o nada.

O interessante é que realmente este desenho se diferencia de todos os outros. Tanto que foi o único que provocou alguma reação no grupo como um todo. Além de Rafael, outras pessoas também comentaram:

O desenho da Tereza , aquela questão daquela figura que ela desenhou; com os olhos sem expressão, aqueles olhos... a cara amarela. Eu acho que aquilo ali foi que me marcou mais. É tanto que vem de imediato na memória. Vem

involuntário. Por quê? Porque eu acho que ela conseguiu passar alguma coisa...(Pedro).

... aquele olhar vago... assim, meio que perdido... você fica meio desorientado... Achei interessante. Sem expressão. Nula, né? (Osvaldo).

A diferença deste desenho para os demais é que ele causa um certo impacto no momento em que se olha prá ele. Seus *olhos vazios* passam uma sensação de falta, de vão, de nada.

Ou seja, àquilo que se sente comumente diante da morte. O “não-saber” o que acontece depois dela, o buraco que ela provoca em quem fica, a dor irremediável que ela suscita, enfim, algo que escapa à compreensão.

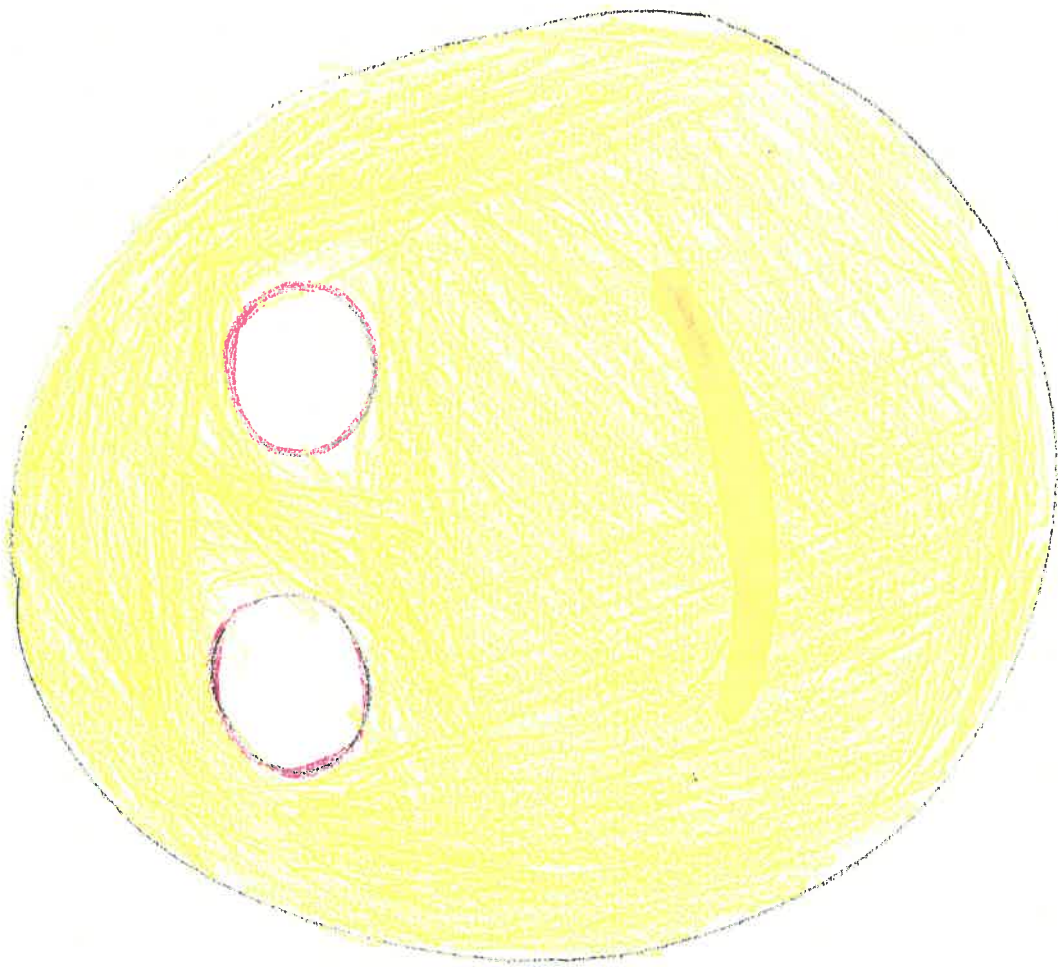
Nos outros desenhos, apesar de conterem símbolos que lembrem a morte, eles estão pulverizados de coisas da vida, como sugere Rafael. A estrada, as pessoas, o sol, o verde, o azul, o vermelho todos representam vida, força, realidade... Como se ali a morte estivesse presente apenas implicitamente.

A cara amarela está estampada no meio da folha como algo absoluto. Não há mais nada ao redor. Não há o florescimento, nem o colorido dos símbolos que lembram a vida. Mas uma exatidão, e concretude, e solidão: sentimentos presentes diante da morte

- Impressões Pessoais:

*A cor da morte é amarela....
A cara da morte é amarela...
Até o sorriso(?) da morte é amarelo...
Só os seus olhos são brancos.
Branco de nada.
Branco de falta.
Branco de vazio.
Branco de infinito.
Branco de silêncios e não ditos.
São olhos rasos, sombrios e aflitos...
E a cara da morte?*

*Não é redonda, não é quadrada, nem é oval.
Ela é uma cara normal. Desigual.
Morrída talvez de morte natural.
Amareleceu... e morreu!
Morreu de madura; de anemia; de paralisia cerebral; passou mal;
"tomou leite quente foi pro quintal".
Morreu de feia.
Morreu de véia.
Morreu de veia.
Tosse? Solidão? Gripe mal curada?
Não! Descobri: foi mal olhada, foi mal amada, foi mal tratada...
Mataram a pobrezinha...
Esqueceram seu corpo no vizinho.
Na casa do Seu Tadeu.
Aquele que também morreu.
Aos 88 anos.
De anomia. De esquecimento. De constrangimento. De fome.
Era brasileiro.
Morava num lugarzinho estranho até no nome:
Brejo das Almas.
Das almas brancas.
Das almas pretas, e amarelas, e azuis...
Lugar onde a morte não era amarela,
Mas sim o rosto de quem olha de frente prá ela...
Por isso, escrevo nas linhas desse espaço branco:
Viva, viva as cores que são muitas!
E viva a vida, que também são muitas!
E viva o sorriso amarelo e sem graça da morte:
... que também não é fácil,
... que também não é justa,
... que também não deixa de vir.*



Como por “ordem”, Heloísa estava à esquerda e comentou o seguinte:

Com relação ao meu desenho... o que eu coloquei... foi uma estrada, certo?... a preocupação com relação a questão da morte e, principalmente muito hoje, a questão da violência, sabe? Porque... eu coloquei até assim... a arma aqui, mas simbolizando a violência em si, entendeu? (...)

E essa estrada que vai afunilando, afunilando... e quando eu coloquei essas listrinhas aqui, essas faixas eu pensava: Será que lá no final, tem uma parada prá gente pensar? Existe um momento pra refletir sobre o ato de morrer?... e o azul é porque eu acho que o azul é vida, e a vida tá no meio de tudo isso... da violência, da morte, do caminho...

Neste desenho a concepção de morte também está representada por uma estrada. Ao lado dela um revólver simbolizando a violência. E no final um trilho, lugar de parada obrigatória: momento de reflexão para o ato de morrer.

Tereza se pergunta se existiria esse instante em que, ao chegar no final da linha, as pessoas param e refletem sobre a vida e a morte... pois esse caminho vai se afunilando, estreitando, mostrando que a estrada está perto de acabar. E com ela a idéia de “prestar contas”, de se questionar, se confrontar com sua finitude.

A violência, é uma preocupação de Tereza, que perdera o pai num acidente de carro, considerada por ela, uma morte violenta. Esse tipo de morte interrompeu seu trajeto, o impediu de chegar no final do caminho...

No momento do relato ela se entregou à emoção e chorou... E vi, mais uma vez que, não há como tocar na morte sem tocar nos mortos. Nos nossos mortos, que muitas vezes continuam vivos na lembrança, no coração e na memória.

“A morte não pode ser esquecida com facilidade. Sobretudo quando se trata de uma pessoa próxima, é talvez o golpe mais violento que a existência dirige ao homem. (...) A morte de uma pessoa adulta significa normalmente dor e solidão para as pessoas que sobrevivem a ela: verdadeira chaga que põe em risco a vida social.” (RODRIGUES, 1986:51).

Esse *risco* apontado por Rodrigues se apresenta em formas de sintomas psíquicos como a depressão e a melancolia. Estas, embora ataquem individualmente, se proliferam de maneira assustadora na sociedade em geral.

- **Impressões pessoais:**

*Crianças brincam ao pé da estrada,
muitas vidas envelhecem pelo caminho...*

Cuidado: animais na pista.

Preste atenção: via férrea, vida férrea.

Siga em frente que atrás vem gente:

Armada. Cambada. Não. Meninada.

Estrada lisa...

sem terra,

sem bicho,

sem planta,

sem flor...

Quem te matou?

Quem te morreu?

E o teu sol, intimidou?

O que passou, realmente passou?

E essas nuvens, cheias de azul?

Vamos, ainda dá tempo.

Ainda há tempo.

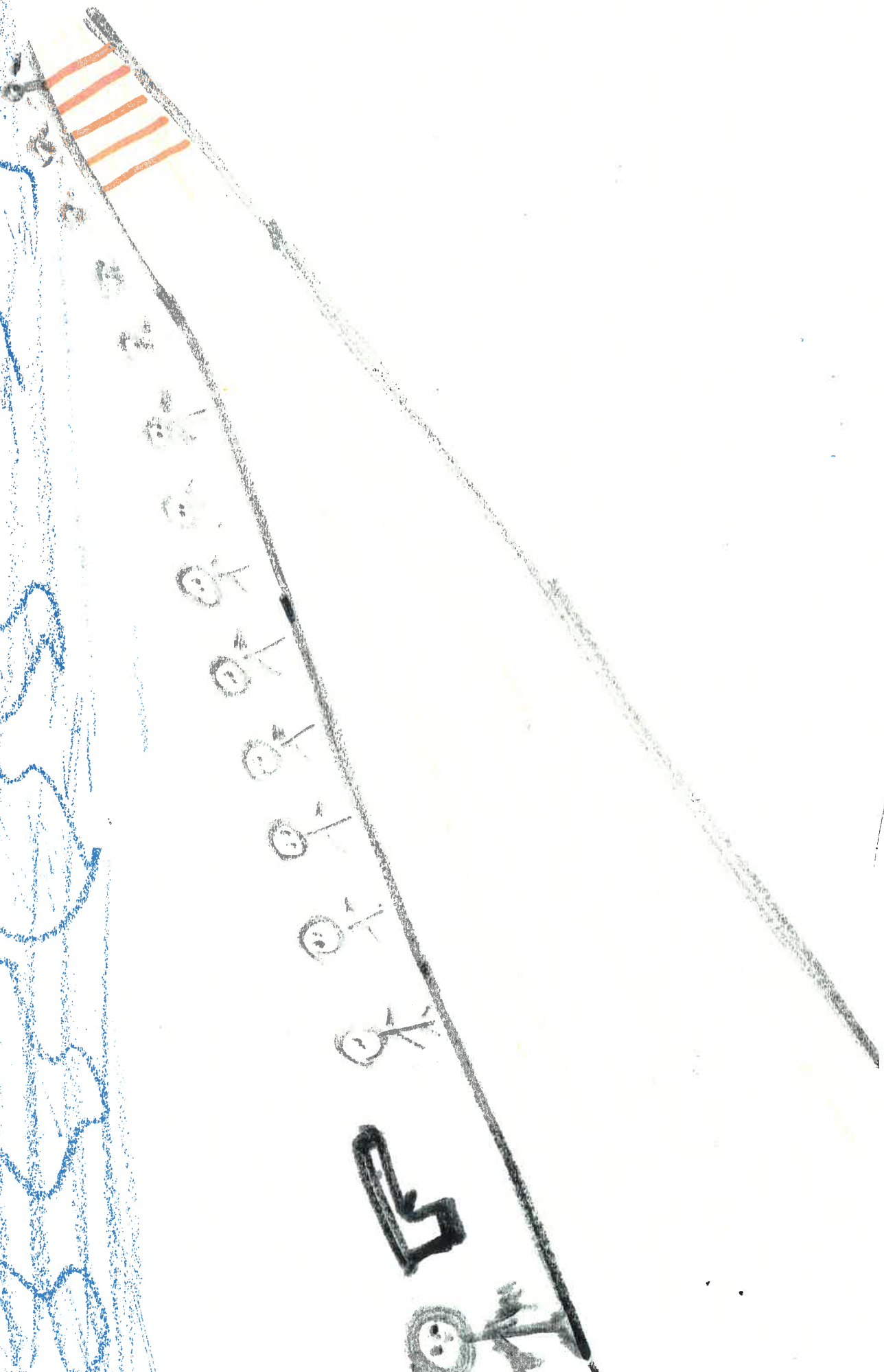
Ainda há vento...

... e hoje, excepcionalmente, o trem das cinco, passa às seis.

Pois houve um atraso

De um trilho antigo, já doente

Que suicidou-se em pleno abismo...



Handwritten Chinese characters along the flag pole, including the characters '早' (early) and '年' (year), likely forming the phrase '早年年好' (Good early year).



Celina é a próxima a comentar o seu desenho:

Bom... eu fiz esse desenho porque... primeiro, eu comecei com esse preto... E morte, pra mim... é... tem essa coisa... assim... de nebulosidade. Porque é luto, é saudade, é... ninguém sabe. Por outro lado, eu creio que há uma vida depois da morte. Que também não sei como é... mas pra mim, existe. Eu espero por isso. E eu, como a Mariana, acho que morrer também é viver. Então eu não vejo a morte como algo inteiramente... é... desconhecido nem triste. Mas algo nebuloso, que há esperança de um descanso. Sempre que estou cansada, eu sempre me lembro assim: Um dia, eu vou repousar (risos) para sempre. Então isso me consola, porque um dia eu vou descansar. Então, tudo bem. E esse caminho que eu tenho muito forte pra mim, porque eu sou católica, né? Minha religião... É Deus. Por isso que ele está aqui no meio de tudo isso.

Cada parte do desenho de Celina é uma tentativa de definição daquilo que ela compreende como morte. O preto representando a sua nebulosidade, aquilo que ela tem de obscuro, de luto, de saudade... O verde, a esperança de uma outra vida, ainda que isso não lhe seja tão claro...

A cruz, símbolo sagrado dos cristãos passa uma idéia de força, fé, trabalho... mas também me remete aos túmulos, aos cemitérios, às covas de guerra, feitas às pressas... Pois é uma cruz placidamente fincada, tranqüilamente parada como se seu defunto estivesse apenas dormindo, descansando.

E é exatamente a idéia da morte como um descanso, como a possibilidade de encontrar uma outra vida depois dela, que faz com que Celina não a considere uma coisa terrível, assustadora. Sua fé pautada na religião católica, lhe dá a tranqüilidade e a esperança de que morrer também é viver.

Na entrevista, ao comentar o seu desenho, Celina acrescenta:

Eu comecei pelo preto por causa... que eu relatei bem aquele fato da minha aluna, do aborto, né? Então, aquela coisa bem de luto mesmo, de tristeza. Aí depois eu quis representar nessa nuvem, a nebulosidade do que é a morte

pra nós, né? Uns acreditam, outros não... quer dizer, é uma coisa ainda que ninguém explica, ninguém sabe ao certo como é, como se dá e como lidar com ela. E aqui o verde, ainda nebulosos porque eu nunca fui no céu (risos), não sei como é que é... e nem quero que alguém me diga (risos) porque eu também não acredito nisso. Então, ainda é nebulosos, só sei que a gente ainda vai ter, vai ver Deus perfeitamente, ver como Ele é, conhecê-lo, mas... intelectualmente é isso, mas a experiência? Não sei. Então é algo nebulosos, mas é a esperança assim, que eu tenho, ... de paz, de sossego, como eu disse, de tranquilidade, de... de estabilidade eterna... (silêncio) e a cruz é... é o caminho que nos leva, que é difícil a gente viver; eu acho a vida difícil, sempre achei. Porque as pessoas dizem: "viver é muito simples" , mas eu não acho, sabe... é muito complicado. Então, é como se eu sempre carregasse uma cruz e... sempre naquele esforço, de carregar, de carregar o tempo inteiro... E é assim que me sinto na vida; mas o que me faz caminhar e acreditar que um dia eu vou poder chegar aqui, é Deus: que é o meu conforto, que é o meu consolo, minha fé, todo dia eu peço que ela não diminua, pelo menos estabilize... Então, o que me faz assim... perseverar, é Deus mesmo.

Nesse depoimento Celina discorre um pouco mais sobre seu desenho. Reafirma sua idéia de morte como uma nebulosidade, e acrescenta sua esperança de que depois da morte vem a paz, o sossego e a estabilidade eterna.

Fala ainda de sua concepção de vida, quando revela que a cruz também representa as dificuldades diárias, o esforço que lhe é requerido constantemente na travessia desse caminho rumo ao encontro com Deus. É esta certeza que a faz prosseguir e perseverar.

Ao reafirmar a nebulosidade presente na sua concepção, busquei entender melhor essa palavra, que o Aurélio define assim:

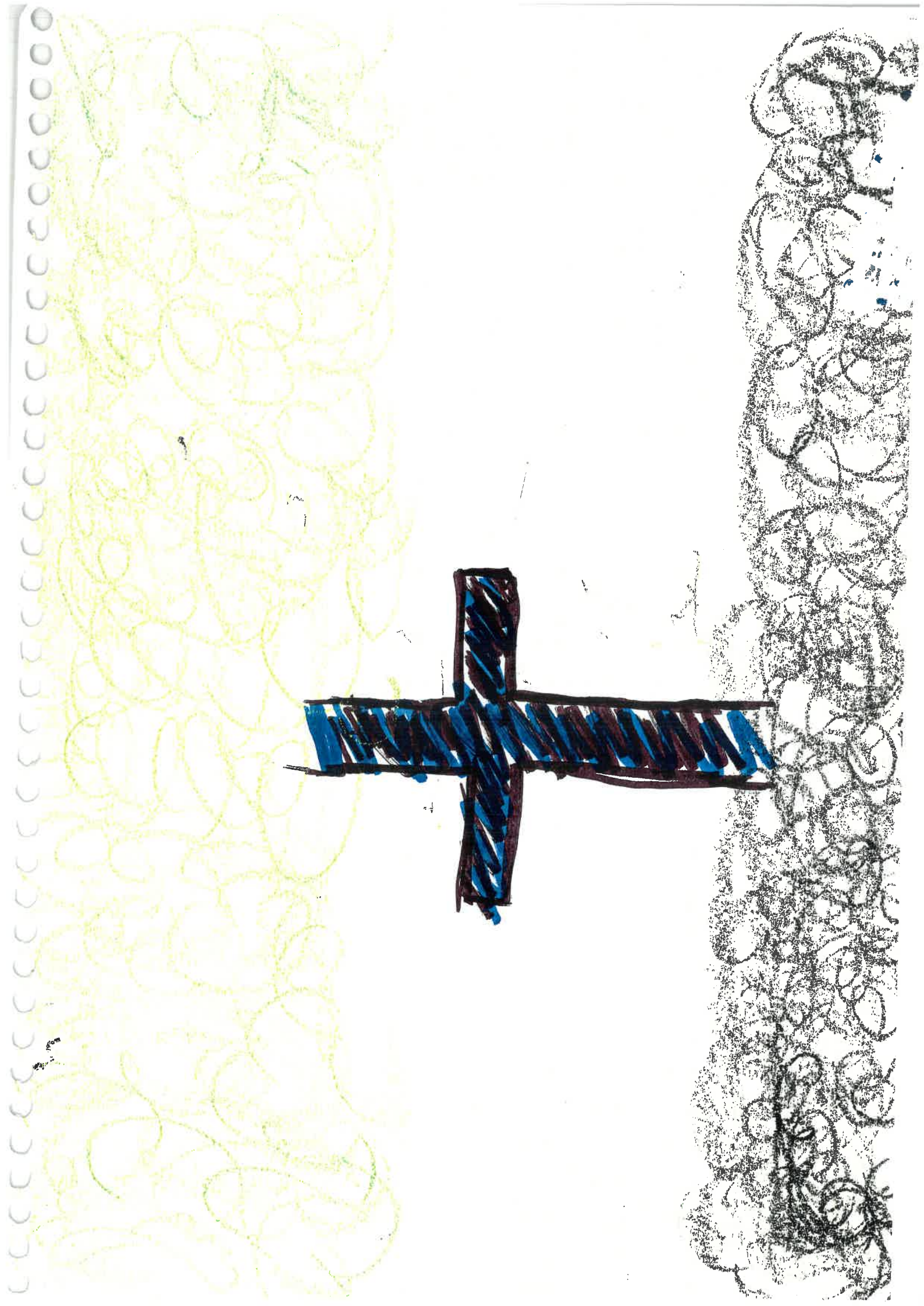
Nebulosidade: qualidade de nebuloso, (...), falta de clareza ou precisão no modo de exprimir-se.

Esta definição me faz pensar: O que a morte tem de imprecisa? Não seria ela algo escandalosamente concreto e óbvio? Sua imprecisão não viria

exatamente da obscuridade das respostas que se apresentam para o depois da morte?

- Minhas impressões:

*Se eu tivesse que dá um nome a este desenho,
o nome seria Solidão.
Não uma solidão qualquer.
Mas solidão de terra.
Uma solidão altiva...
Estranhamente orgulhosa de sua condição.
Encontro o verde fazendo papel de azul
... e o preto fazendo papel de chão.
Uma cruz quieta, sozinha, quase aflita...
Como se gemesse, como se pedisse:
- vida, dá-me tua mão!
Mas, aqui algo me escapa, uma estranha sensação...
Será aquela, que ficou guardada
da primeira vez que deixei meus olhos
perscrutarem uma estrada ?
Onde vi não só imensos horizontes, montes, pontes...
mas sempre me chamou atenção
aquelas cruzinhas abandonadas à beira da estrada,
caladas, ausentes, inocentes...
e mesmo que rapidamente as olhassem
sempre provocavam
um certo incômodo em meu coração... ??*



Antes de falar sobre o seu desenho, Osvaldo fez um grande silêncio... e como se tomasse uma boa dose de coragem, falou:

É... viver é morrer. E morrer é viver eternamente na mente de alguém... Prá mim, a morte é vida e o verde aqui representa a nossa vida. E o roxo é aqui é aquela cor de perda ... aquela cor angústia. E o vermelho é a saudade... aquela coisa (...) mesmo. E o verde é a vida novamente. Depois de um certo tempo, você passa a absorver aquilo de uma maneira, é... mais suave. Você consegue estar absorvendo. E você sabe que... lá na frente há a esperança de novamente ter vida, de novamente surgir... e você vê que a pessoa está lá. você imagina... está lá com você. Eu vou te encontrar. Eu perdi agora em novembro o meu pai... (emocionado) mas ele está aqui, ó... Mas eu tô aqui... e é vida. Morrer é (...) é difícil falar... mas a vida é isso... A maré vai... A dor vai passando, fica a saudade... E o verde. E o ciclo novamente inicia...

Vida e morte mais uma vez se confundem. A presença de uma impõe a existência da outra... por isso para Osvaldo viver é morrer.

A idéia de uma linearidade cíclica, está representada em camadas de cores, as quais ele vai definindo: o verde representa a vida, o roxo a angústia, a perda, o vermelho a saudade... E como uma onda que recua e avança, as dores também o fazem. Trazendo a esperança de um reencontro lá na frente...

E é dessa maneira que ele concebe a morte: uma acontecimento difícil de ser definido, que só o tempo se encarrega de transformar em vida novamente.

Olhando o desenho de Osvaldo me vem a imagem de um caminho onde as cores sobrepostas em camadas configuram etapas. Estas, partícipes do processo da vida onde se nasce, cresce e morre. Mas que continua, que avança, que supera os obstáculos que também lhe fazem parte.

As cores nada me falam de morte. O verde da esperança e da vida, está em baixo e em cima, como que contornando uma veia repleta de sangue ou um corpo... roxo. De morte?

- **Minhas impressões...**

*Ah, neste desenho caudaloso eu vejo um rio.
Eu vejo um pasto... num verde insistente, fremente, fresco e com cheiro de jasmim...
Quero dizer que vejo um corpo de mulher deitado, esparramado...
Coberto apenas de mistério, fluidez. e capim.
Mas não é isso, bem sei.
Talvez um rumo.
Um ritmo.
Uma onda.
Uma camada.
Uma fratura.
Uma passagem..
Uma espécie abstrata de lugar...
Onde enxergo uma dor parada,
linear:
roxa de medo.
Atravessada,
Compelida,
Limitada
por uma linha reta:
vermelha de coragem!*



O desenho de Ana foi considerado por ela mesma, muito abstrato em relação aos outros mostrados ali. E dele ela fala o seguinte:

Eu... quando a Sandra pediu pra fazer um desenho, não veio absolutamente nada em minha mente... Mas eu... não sei. Ai eu acabei desenhando isso daqui. Saiu isso aqui, um monte de pontos de luz... não sei... Não sei bem o que é isso não. Assim... foi... Deixei a minha mão flutuar porque eu achei muito leve... Aí a mão foi levando e... enfim, saiu isso. Não sei se isso quer dizer o que eu penso; mas... mas, enfim... eu acho que morrer é mesmo sem forma...

Anna considera que a falta de uma idéia do que seja morte, fez surgir um desenho essencialmente abstrato, ou melhor, um monte de pontos de luz. Isso faz com que ela não tenha certeza se conseguiu passar o que ela pensa a respeito da morte, mas, assim como o desenho, ela acha que morrer é mesmo sem forma.

Observo atentamente as cores escolhidas por Anna, e vejo que elas têm uma similaridade com àquelas utilizadas pelos outros professores. São vivas, alegres, luminosas... me trazem uma sensação de expansão e liberdade. E os pontos de luz, uma idéia de multiplicidade, mas também de inexplicabilidade.

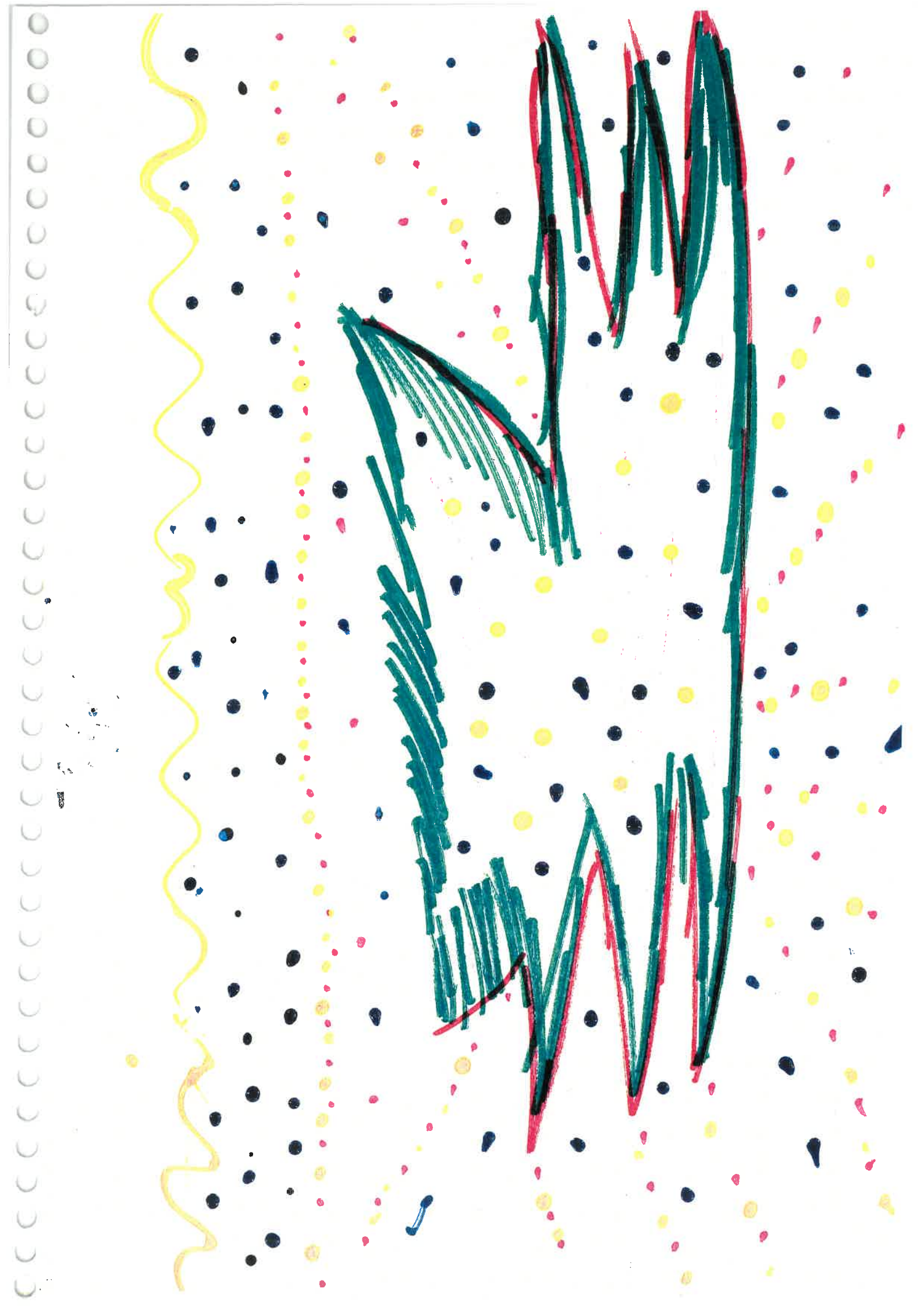
Durante a entrevista ela acrescentou:

...a morte eu não sei como simbolizá-la... eu sou espírita e acredito que a morte não acaba, a vida não acaba, a vida é contínua... Somos espíritos eternos, tenho plena convicção disso... então, eu não sei se dá pra desenhar isso. Por isso eu coloquei esse monte de pontos de luz... As pessoas costumam falar de estradas, de caminhos que levam a lugares muito longínquos, mas eu acho que a morte está aqui, está acolá, enfim é tudo muito misturado, são muitas vidas e muitas mortes ao mesmo tempo...

Neste relato Anna admite a dificuldade (ou impossibilidade?), de simbolizar a morte. Acredita que somos espíritos eternos, e portanto, a vida e a morte não representam o fim pois são contínuas e indivisíveis. Além de diversificadas. Daí sua dificuldade de simbolização.

- Impressões pessoais

Brilho.
Textura.
Cores. Muitas cores.
Dança. Festa de natal.
Coisa de criança. Imaginação.
Estrela de não sei quantas pontas.
Caminho?
da via láctea em pleno dia:
de São Pedro, São Cosme e São Damião.
Balão.
Criação.
Vida?
Sim.
Morte?
Não.



1.1 Começo por um caminho: o da vida... que leva à morte

*Caminhozinho por onde eu ia andando
E de repente te sumiste,
- o que seria que te aconteceu?
Eu sei... o tempo... as ervas más... a vida...
Não, não foi a morte que acabou contigo:
Foi a vida.
Ah, nunca a vida fez uma história mais triste
Que a de um caminho que se perdeu...
(Mário Quintana, 1988: 82)*

Ao começar este capítulo mostrando os desenhos, minha intenção era de convidar quem me lê, a olhá-los comigo. Pois preciso de um outro que me auxilie na percepção do abstrato. Na elucidação da idéia. Na compreensão do ato.

A morte. Como chegar neste lugar secreto e sem mapa? Diante da incógnita e do mistério, optei pelos caminhos...

Caminhos nascidos do aparentemente oco, produzidos a partir da falta de um símbolo que signifique ou que conceitue. Escrever não é como pintar um quadro onde a cor e a forma não precisam ter um sentido. Mas apenas ser sentido. Escrever é ter que descrever este sentido, que além de fátuo e circunstancial, vem sempre impregnado pela diversidade dos olhares de cada um.

E foi exatamente essa multiplicidade de olhares o que encontrei.

Certamente precisei achá-los. Foi a partir deles que comecei a traçar as linhas desse mapa, que embora inconcluso e sem forma definida, já me acena e ilumina.

Há pontos e portos onde suponho poder ancorar minhas perguntas e acalmar minhas inquietações. Estas, nascidas antes mesmo de começar a viajar. Ou caminhar. Ou tão somente acrescentar letra e palavra à vida e à morte. Que são minhas e tuas e de todos aqueles que se dispõem a olhar.

Me utilizei dos desenhos para começar a falar das concepções de morte, porque eles serviram, neste primeiro momento da pesquisa, como meio para se começar a falar dela.

Quase todos os desenhos do grupo trazem um caminho. Um caminho onde estão juntos a vida e a morte. Não apenas como uma linearidade, mas como um par de opostos que não podem ser compreendidos separadamente.

Esses *caminhos* serviram com um meio de se iniciar um diálogo, entre as coisas da vida e as coisas da morte. Eles traduziram um reconhecimento da inevitabilidade do fim, e das outras perdas sofridas ao longo dessa caminhada.

Me parece interessante falar da morte tomando a estrada da vida como uma referência. *A vida é um caminho que leva à morte...* não só leva à morte, como vai *demonstrando* outras pequenas mortes, como uma forma de exercitar o homem a conviver com ela.

Mas por que se diz que vida é morte? Isso não seria uma contradição ou uma negação da condição finita do homem?

Esse entrelaçamento contínuo e indissociável dessas duas senhoras da existência, demonstra isso. Nessa estrada, elas andam juntas: só há morte se existir vida e ter vida é saber-se mortal. Só posso falar da morte *em vida*, talvez por isso esta sempre se sobrepõe àquela.

Talvez essas respostas possam ser encontradas na própria arte, porque é através dela que a morte se transforma novamente em vida, em palavras, em sons, em quadro...

Assim, a arte, a escrita, a fala, a criação são alternativas para esse dizer sobre a morte; É através dela que o homem consegue alcançar a imortalidade tão desejada, como também traduzir os sentimentos que vêm quando se passa por ela.

Ao falar da morte como um caminho alguns consideraram também as perdas sofridas ao longo da caminhada. Essa pequenas mortes que passamos na vida funcionariam como uma forma de vivenciar, de aceitar a *outra* morte. Esse papel das perdas e a sua influência na maneira como cada um vai lidar com o tema será analisado ainda neste capítulo.

1.2 Indagando o irrespondível: O que é a Morte ?

Então, Almitra falou, dizendo: “Gostaríamos de interrogar-te a respeito da morte.”

E ele disse:

“Quereis conhecer o segredo da morte.

Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa.

Na profundeza de vossas esperanças e aspirações dorme vosso silencioso conhecimento do além;

E como sementes sonhando sob a neve, assim vosso coração sonha com a primavera.

(...)

Pois, o que é morrer senão expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

E que é cessar de respirar senão libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É somente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.

É somente quando atingirdes o cume da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar vossos membros que podereis verdadeiramente dançar.”

Gibran Khalil Gibran – O Profeta

As concepções de morte anteriormente apresentadas, delimitaram-se na análise dos desenhos e nos seus respectivos comentários. Aqui, apresento as respostas individuais das entrevistas, à seguinte pergunta: “O que é a morte para você?”

Esta não é uma pergunta fácil de ser respondida. Encontrei sempre um certo silêncio antes de se começar a falar alguma coisa. Era como se cada um fosse buscar dentro de si uma resposta... Por isso muitas vezes me senti tocando em lugar secreto. Guardado. Esquecido. Não pensado.

O objetivo desse questionamento é, não só aprofundar um pouco mais aquilo que foi falado nos desenhos, como também buscar elementos que me auxiliem na compreensão daquilo que está por trás dessas concepções. Ou seja, o que faz com que determinada pessoa entenda a morte de uma forma e uma outra pense completamente diferente? O que subsidia tais divergências?

Cada um, à sua maneira, tentou responder. Apresento suas respostas:

(Rafael):

Eu não sei. Assim... o.. Eu me fazia muito a pergunta: o que é vida? E eu não... eu também não sabia responder. São perguntas muito difíceis. Eu não sei... É um final de algo, é inevitável isso... O que talvez esteja muito agregado à morte sejam as despedidas. Eu sofro muito com as despedidas... As despedidas me são muito onerosas. Até as despedidas bestas me causam alguma ... sabe... Um amigo que vai embora ou... alguma saudade por uma mudança de casa, ou uma mudança de prédio... eu tenho uma saudade um tanto melancólica com relação a isso, que eu acho que de alguma forma se aproxima um pouco desse sentimento de perda que é uma sentimento de morte de alguma forma, né? O sentimento da perda é... a morte seria uma perda capital, uma perda definitiva...

Rafael diz que já se questionou muito sobre que é a vida e a morte, mas considera perguntas difíceis de responder.

A morte é algo definitivo e inevitável, que ele associa às despedidas. Estas, por mais simples que sejam, lhe causam um grande sentimento de perda e de saudade.

Desta forma, acredita que a morte seja uma perda capital e definitiva.

Questiono: Por que será que estas perguntas são tão difíceis? Seria pela quantidade de respostas que carregam, traduzidas nas inúmeras possibilidades que possuem? Ou seria pelo simples fato de não se parar para indagá-las? Busco respostas.

(Celina):

Morte é... (silêncio)... Eu nunca perdi... assim... um pai, uma mãe. Eu acho que vou sofrer muito, apesar de ter essa noção clara do que seja, mas eu nunca experimentei uma morte próxima... mas eu sempre acho que a morte é um momento muito difícil pra quem fica, sabe? Pra pessoa que morre, não, porque ela está bem. Então, eu acho que quando alguém morre, a gente fica, e tudo continua igual, só que aquela pessoa, aquele lugar vai ficar vazio, aí aquilo traz um vazio pra nós. E eu acredito que aquela pessoa que morre, ela vai encontrar grandes novidades, né, se assim ela buscou na terra, ela vai ter uma experiência com Deus que a gente só vai ter quando morrer. E vai ser pra ela algo de grande felicidade. Então, ela vai estar numa situação privilegiada, a gente olhando por esse lado, e ela é que vai ter compaixão de nós, quando nos vir aqui (risos) entre aspas...

Definir a morte é dizer o sentimento que se tem diante dela. Apesar de saber que ele é doloroso, Celina o desconhece, pelo fato de nunca ter perdido alguém muito próximo, como pai e mãe. Mas, acha que a morte só é difícil para quem fica, porque a pessoa que morre vai estar bem, num outro lugar, perto de Deus.

Essa opinião converge com a anterior em um ponto: a morte é uma desconhecida. Mas diverge em outro: para Celina ela não representa o fim, mas uma passagem, uma forma de descanso e de reencontro com Deus.

Mariana também pensa a morte como o rompimento do corpo com as pessoas com quem se convive aqui na terra.

(Mariana)

A morte prá mim é a separação do seu corpo com as outras pessoas, de você com as outras pessoas que você gosta aqui na Terra. Mas é a união com outras pessoas que 'você

gosta, que já morreram e principalmente a sua união definitiva com o lado espiritual. . Prá mim morrer é encontrar as pessoas que já morreram antes de mim e encontrar Cristo. Eu sou cristã, então eu acredito que depois dessa vida existe uma outra vida espiritual, um lugar preparado por Cristo para mim. E é dessa forma pessoal que eu entendo a morte.

Sua convicção religiosa lhe assegura que depois da morte, existe uma outra vida espiritual e é ela que possibilita o encontro definitivo com Cristo e com outras pessoas que já morreram.

Esta forte convicção de que existe um lugar preparado por Cristo ou que a pessoa que morreu vai estar numa situação privilegiada, é uma certeza prometida e corroborada pelo aparato da fé, porque sem ela, admite considerar a morte a pior coisa que pode acontecer ao ser humano:

Por isso eu acho que eu tenho assim, um pensamento único sobre a morte...que todos nós vamos morrer...e... o que vai diferenciar a minha morte da sua vai ser a forma como eu vou encarar a morte. A partir da minha visão, eu acho que sem fé é impossível ter uma idéia da morte que seja uma idéia boa, que seja uma idéia tranquilizadora. Porque a morte por si só é a coisa pior que pode existir no mundo (?)

Encontro nessa opinião, um vacilo, um tropeço. A idéia da morte aparece como *tendo* que ser *boa e tranquilizadora*. E a religião oferecendo o *suporte* que legitima ou promete isso.

Mas eu pergunto: será que é possível pensar a morte como algo bom e tranquilizador? Será que ao reconhecer, logo adiante, que a morte por si só, é a pior coisa que pode existir no mundo não é contradizer essa possibilidade...? Será que só a religião ou a fé podem ajudar nessa compreensão ou aceitação?

(Osvaldo):

Morte é você... você parte mas você vai viver eternamente, né... Uma vida nova, que pelo menos você vai ter essa vida no coração de alguém ou no pensamento de alguém. É você

passar para uma outra dimensão. Eu acho que morrer é viver eternamente. Essa é a visão que eu tenho a morte.

Na concepção de Osvaldo, morrer é passar para uma outra dimensão, uma outra vida, onde se vive eternamente... E é também ficar no coração e na lembrança daquelas pessoas que se conviveu aqui na terra. Morte é vida. Vida eterna.

(Pedro):

A morte, pra mim... eu já não tenho o consolo da fé pra morte, ou seja, nessa fé de um conjunto de regras que estão apresentados numa escritura específica que os homens interiorizam aquelas regras na expectativa de uma recompensa futura, né? Da libertação da dor, do sofrimento, dos males e a ressurreição. Esse tipo de discurso, é um discurso que pra mim não chega a me consolar. Eu não consigo ser tocado por isso. Então, assim... A morte ela é uma presença angustiante: o tomar consciência da morte, pra mim, é uma presença angustiante, porque é uma presença que me faz reavaliar o meu presente, né? E reavaliar num sentido muito complicado, porque... o meu presente são possibilidades que se abrem o tempo inteiro, não é? E as possibilidades são infinitas...

A morte para Pedro é definida como uma presença angustiante que o faz reavaliar o seu presente... E considera isso complicado, porque seu presente lhe mostra infinitas possibilidades que merecem ser reavaliadas e confrontadas o tempo inteiro.

Ao mesmo tempo, não se sente consolado pelo aparato religioso que promete ou anuncia uma outra vida. Não acredita nesse discurso. A fé aqui não consegue ocupar o lugar de um lenitivo.

(Tereza)

A morte pra mim é a separação mesmo. Sandra, eu morro de inveja de quem acredita... Seria interessante que eu acreditasse, que realmente existe uma coisa depois disso, mas eu não... eu não consigo acreditar nisso de jeito nenhum! Pra mim acabou, né... O que fica são as lembranças, é a memória, são as fotografias... e isso é muito duro! Eu sempre encarei essa forma das pessoas, é...

acreditarem na vida após a morte... na reencarnação ou que, você vai se encontrar com Deus e coisa e tal... eu sempre considerei isso como um conforto. E eu acho que isso é meio covardia; esse conforto todo, você entendeu? E eu acho que eu sofro mais por conta disso. Então de vez em quando me dá na veneta, eu até vou à missa, me esforço... mas não consigo, não acredito. E isso é muito duro...

Tereza considera a morte como uma separação. Também definitiva. Desta forma o morrer representa o fim, ficando apenas as lembranças na memória, as fotografias...

Como Pedro, ela não acredita que exista outra vida depois da morte. Lamenta não conseguir acreditar, pois desta forma acha que sofre mais. Aqueles que não conseguem acreditar nesse lugar, demonstram um maior sofrimento ou mesmo frieza diante desta separação.

As afirmações aqui colocadas, *dizem* alguma coisa sobre a maneira como cada sujeito compreende a morte, assim como deixam claro que se trata de tentativas de respostas. São relatos carregados de certeza para alguns, e povoados de dúvidas para outros.

A concepção da morte como uma separação foi uma das mais frequentes nos relatos analisados.

Quando se fala em separação, ou na morte como uma separação, lembro-me do momento do nascimento. Para nascer, para vir para o mundo "de cá" é necessário que se faça uma separação. Que é carnal. Umbilical. Dolorosa. Tanto para a mãe, que precisa se separar do seu fruto, de algo que cresceu dentro dela, como para o bebê, que nada entende de separação, mas já vem ao mundo tendo de abdicar de uma vida confortável, sem dor, fome ou calor para vir a um lugar totalmente desconhecido e estranho.

Não seria essa a nossa primeira experiência de morte? Para aquele "mundo" uterino não se volta jamais. Será que aqueles que acreditam numa vida

depois da morte, vêm este mundo, como um grande útero, o da mãe terra, e que ao sair dele haverá um outro lugar para onde ele será lançado? A esta pergunta, não se sabe a resposta...

Conforto para uns, covardia para outros; A religião aparece aqui como um divisor de águas. Ou seja, neste ponto o que vai diferenciar as concepções de cada um são as suas crenças, as suas escolhas religiosas, suas experiências pessoais... Não ter a crença em uma outra vida ou o 'suporte' da fé, talvez torne mais difícil a aceitação da morte ou até mesmo a maneira de se relacionar com ela.

É o que me confirma Mariana quando lhe pergunto sobre a influência da sua formação religiosa na sua idéia de morte :

A idéia que eu tenho da morte é a minha idéia espiritual que se formou a partir da minha educação cristã. Eu não consigo conceber a morte dissociada ou separada da minha experiência cristã, da minha experiência espiritual própria. Prá mim a morte só tem um sentido quando eu relaciono a morte à minha educação cristã, aos ensinamentos bíblicos, à minha experiência pessoal com a morte.

E com Celina quando diz:

...é na religião que encontramos um suporte pra continuar; a fé é que leva as pessoas a não desistir, a crer, a continuar a vida e a ter esperança de que a pessoa que ela ama está num lugar melhor do que nós estamos.

É consenso entre os que têm uma religião definida, de que a fé é uma ferramenta fundamental para o enfrentamento da dor e do vazio que acompanham a morte. Mesmo aqueles que não acreditam nisso, concordam com o seu papel:

digamos assim, que a religião "relativiza" essa morte. Ela dá uma "relativizada" dessa morte enquanto limite. Há um "ultrapassamento" aí desse limite...

... eu sou espírita, e é no espiritismo onde eu encontro um conforto para a morte... sem isso, eu não sei, acho que não suportaria...

Quando se coloca que a religião dá uma *relativizada* nesse limite que é a morte, não é a mesma coisa que acreditar no que ela promete. Até porque outros chegam a lamentar sua falta de fé, acreditando que ao possuí-la sofreriam menos. É o que me mostram esses relatos:

Seria interessante que eu acreditasse, que eu imaginasse que realmente existe uma coisa depois disso, mas eu não acredito... e isso é muito duro...

Eu me sinto diante deste tema, numa situação de abandono, de desespero... porque eu nem tenho essa experiência sólida da religião, nem a experiência lógica da filosofia me conforta...

O grupo era formado por três católicos, três ateus, uma espírita, e uma evangélica. Devo esclarecer que eu não tive a intenção de formar um grupo tão heterogêneo. Essa escolha foi aleatória, como já disse anteriormente. No entanto, essa heterogeneidade enriqueceu bastante a discussão.

Como será mostrado mais adiante, a crença na imortalidade da alma sempre acompanhou o homem. Acreditar nessa possibilidade pode ser visto como um consolo, uma forma de aplacar a dor e preencher o imenso vazio que a morte deixa. Talvez por isso seja tão comum associar a morte com a fé ou a religião.

Mas essa postura é "privilegio" apenas de alguns. Nem todas as pessoas possuem esta fé. Alguns até questionam se não estaria aí, uma negação dessa mortalidade enquanto uma ruptura definitiva do homem com a sua existência.

Daí o conforto de alguns ressoar como "*uma covardia*" para outros. A *situação de abandono* provocada pela falta da fé, assim como a *dificuldade de acreditar* em alguma coisa causam nessas pessoas um certo desamparo que

parece trazer consigo uma dor totalmente despojada de sentido e resposta para aquilo que mal se pode perguntar.

Aqui a morte vem associada a duas possibilidades:

1. A de que existe um outro lugar, melhor, onde o morto encontraria os seus familiares, Deus, etc.
2. E uma outra que não acredita neste "outro mundo". A morte é o fim de tudo.

A primeira possibilidade é apontada por aqueles que têm algum tipo de religião; e a segunda por aqueles que admitem não ter religião nenhuma.

Aparecem aqui duas questões que considero importantes para a compreensão das atitudes dos sujeitos, tornados professores, frente à morte. A primeira delas é o papel da religião como um fator determinante de suas posições pessoais. Ou seja, as atitudes de cada um é o resultado de um conjunto de vivências, que envolvem a fé, a educação, a experiência de vida e a experiência de morte.

De acordo com os relatos, são esses fatores que vão determinar suas atitudes, perante qualquer situação onde se tenha que tratar a questão da morte. Seja em sala de aula ou em qualquer outro espaço onde ela apareça.

Considerando este aspecto, é possível que a religião exerça um papel fundamental nas concepções apresentadas aqui.

A segunda é: Até que ponto estas questões encontram espaço onde possam ser tratadas ou colocadas de forma clara, límpida, ou um pouco mais próxima daquilo que chamamos de humanidade?

O viver e o morrer, são tão óbvios que parece não ser preciso falar sobre isto. Me parece, no entanto, que o silêncio que advém daí é mais um silenciamento que uma aceitação ou uma compreensão.

É perfeitamente compreensível que não haja palavra, símbolo ou atitude correta perante a morte. Mas o homem, ser de discurso e linguagem precisa de algo que o auxilie no atravessamento dessa dor.

É aí talvez onde entre o papel da fala e de alguém que a escute, como um suporte para a atenuação do conflito e do vazio que fica, no lugar onde ela faz ferida.

As concepções apresentadas aqui revelam o quanto o *conceito* de morte tem de inominável e de escorregadio. Qualidades pertencentes a um fenômeno que só pode ser visto do *lado de cá*, do lado de cada um.

2 AS PERDAS PESSOAIS: SUAS INFLUÊNCIAS NO TRATO COM A MORTE

Todas as percepções de morte encontradas até aqui estão, de certa forma, relacionadas às experiências pessoais de cada indivíduo; naquilo que cada um aprendeu a partir de suas convicções religiosas, educacionais, como também nas suas vivências reais com a morte.

Aqui, retomo esta última a fim de olhar mais de perto suas nuances e efeitos. Estes, observados no trabalho com o grupo e também nas entrevistas individuais.

A minha hipótese é de que, a relação que se estabelece com a morte sofre influência das experiências de perdas pessoais sofridas ao longo da vida.

A perda de uma pessoa amada é uma das experiências mais intensamente dolorosa que o ser humano pode sofrer. É penosa não apenas para quem a experimenta, como também para quem assiste, ainda que pelo simples fato de nada poder fazer ou dizer para ajudar.

KOVÁCS (1992: 150), esclarece:

“A morte como perda nos fala em primeiro lugar de um vínculo que se rompe, de forma irreversível, sobretudo quando ocorre perda real e concreta. (...) A morte como perda evoca sentimentos fortes, pode ser então chamada de “morte sentimento” e é vivida por todos nós. É impossível encontrar um ser humano que nunca tenha vivido uma perda. Ela é vivenciada conscientemente, por isso é, muitas vezes, mais temida do que a própria morte. Como esta última não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica.”

Trazer à lembrança essas perdas também é tarefa árdua, pois não há como falar da morte sem tocar nessa dor. Até porque, na maioria das vezes, a quietude e o silêncio presentes nesses momentos, são resultantes de uma dificuldade de expressão, e até de aceitação por parte daqueles que convivem com uma pessoa enlutada.

Durante os relatos muitas dessas lembranças vieram à tona. Elas apareciam espontaneamente à medida que as pessoas falavam, ainda que carregadas de emoção e saudade.

É quase impossível encontrar alguém que nunca tenha perdido uma pessoa amada ou um parente próximo. Mas algumas dessas perdas suscitam um pesar maior, dependendo do grau de afinidade e relação que aí se encontre.

Logo que começou a falar do seu desenho, Heloísa lembrou das mortes que já passara:

Eu já perdi outras pessoas, mas realmente a pessoa mais ligada a mim de morte foi o papai...(silêncio seguido de choro). E logo depois do meu pai foi a minha sogra, três meses depois. Foram mortes diferentes. O papai de acidente de carro e minha sogra de câncer. Então foram momentos diferentes, o sofrimento é diferente... A morte do papai foi uma morte brusca, violenta... A minha sogra estava ruinzinha que a gente pensava “puxa foi um descanso”...

Heloísa fala que, apesar de já ter passado por outras perdas, a do seu pai foi a mais dolorosa. Ele tinha apenas 50 anos quando sua vida foi retirada de forma abrupta e violenta, num acidente automobilístico. Ao mesmo tempo ela cita a morte de sua sogra, que falecera vítima de um câncer, três meses depois.

Esses dois tipos de mortes são citados para exemplificar o quanto uma morte repentina e brutal, num período mediano da vida, é *diferente* de uma outra que já estava anunciada por uma doença.

Nesta, a morte aparece como uma possibilidade de descanso e alívio, por se tratar de um evento causador de muito sofrimento físico e psicológico para a vítima e também para aqueles que assistem a ele.

Naquela, além de gerar um total *desmoronamento* em quem a recebe, é sempre bem mais traumática e difícil de ser aceita. Seu caráter repentino provoca incredulidade e desespero, precisando de um tempo maior para ser assimilada.

Alguns depoimentos revelaram, não só outros tipos de mortes mas também outras formas de se deparar com elas.

(...) A última experiência de morte que eu tive foi a morte da minha avó. Ela morreu em setembro do ano passado e... a morte dela foi a coisa mais tranqüila que... que eu acho que a família toda podia passar. Assim... Ela morreu em casa, com o meu avô do lado dela; com os filhos, as filhas, os netos... Quando ela morreu, estavam quase todos os netos. Ela morreu cedinho, então o pessoal estava saindo para trabalhar ou para estudar e passavam pra ver a vovó morta, né... Apesar da dor, foi um acontecimento super tranqüilo...
(Mariana)

Eu estava no mestrado agora recente e o meu avô morreu... E o meu avô, eu tinha uma ligação com ele, é... muito grande... Eu estava em Salvador e ele morreu em Recife.... E eu me lembro que eu não pude vê-lo, assim... Isso me marcou muito porque era uma pessoa muito querida. Ele já estava velho, né... Ele tinha dito uma vez que iria morrer no

ano 2000. E aí ele faz aniversário no dia 2 de dezembro. E... eu mandei um cartão de aniversário pra ele em 1999... dizendo que ele ia chegar nos 100 anos, fiz um texto assim, bem, pra ver se ele desencanava desse 2000. Mas aí não houve jeito. Acho que ele tinha botado isso na cabeça... e ele não morreu com nenhuma doença: ele era sadio. Ele simplesmente morreu... (Rafael)

Para Mariana a morte da avó foi um acontecimento vivido com muita tranquilidade. Não apenas por se tratar de uma pessoa idosa, mas sobretudo por ter sido em casa, onde pôde ser acompanhada e assistida por todos os familiares. Essa proximidade é importante à medida que permite que todos da família participem e se ajudem mutuamente.

Nos dias atuais isso não é uma prática comum. Geralmente as pessoas em estado terminal são levadas para as UTI's hospitalares, tanto como uma maneira de lutar até o fim contra a morte iminente, como também para se manter afastado desse momento tão inaceitável e tão aterrador.

Rafael se refere à morte do avô como um momento marcante na sua vida. O avô lhe era uma pessoa muito admirada e querida. Não houve uma causa para sua morte. Ele não estava doente, simplesmente *chegou a sua hora*... Porém, o fato de não poder se despedir dele lhe causou um sofrimento maior.

Isso reafirma a importância de se estar junto no momento final da vida de quem se ama. Muitas vezes, o fato de não poder se despedir ou acompanhar o enterro, aumenta a dor e a culpa, tão frequentemente presentes nessas horas.

Diferente de uma morte brusca ou precoce, onde o horror da notícia toma de torpor quem a recebe, morrer dignamente, no final da vida, cercado de pessoas amadas, é talvez a forma mais nobre de comemorar o encontro com a finitude. Pena que esse "privilegio" seja apenas de alguns.

A morte de amigos também foi relatada como exemplo de experiências dolorosas. Apesar de poucos professores terem tocado nesse tipo de perda,

aqueles que falaram descrevem-na como um acontecimento quase tão difícil quanto a morte de um parente.

Então pra mim isso é um tema que até hoje eu lembro de um amigo que eu perdi alguns anos atrás... Era uma pessoa que ele não precisava falar pra... a presença dele ser algo raríssimo pra mim. Quando um colega ligou pra mim e disse: olha, sabe o que aconteceu com o Gilson? Eu disse: não sei... foi preso? Algum coisa? Algum delito, né? Eu esperava alguma coisa mais branda... Ele disse: não, ele morreu. Eu fiquei sem chão, aquela não-presença, sabe... Aquela angústia de não poder fazer para trazê-lo de volta...foi realmente um momento desesperador, terrível!! (Pedro)

A notícia de morte é sempre recebida com surpresa e indignação, mesmo que seja de alguém distante da gente. Porém, é ainda maior, quando se trata de um amigo a quem se tem carinho, amor e admiração.

O relato de Pedro demonstra isso. O susto provocado por um evento tão inesperado o deixou *sem chão* ... Sua dor o remetia a um vazio insustentável, traduzido por uma angustiada sensação de *não-presença*... Esta, para sempre tatuada pela total impossibilidade de trazê-lo de volta.

Quando eu estava fazendo mestrado eu perdi uma grande amiga... ela suicidou-se...Eu fiquei muito mal, muito mal. Ela era uma pessoa muito próxima a mim, a gente tinha uma amizade muito sólida. A forma como ela morreu deixou todos muito abalados... Lembro que tentaram culpar o orientador dela, o namorado, enfim... nesses momentos a gente sempre procura um culpado, apesar da gente saber que ninguém tem culpa...(Anna)

Este relato fala sobre uma perda causada por suicídio. Este tipo de morte é talvez um dos mais delicados e difíceis de ser aceito ou compreendido por aqueles que estão mais próximos. Geralmente ele suscita um maior desespero, dado o caráter trágico que o envolve.

Para Anna, foi uma perda irreparável. Sua *grande amiga* optara por tirar a própria vida, deixando a todos extremamente abalados com isso. Segundo

ela, muitas pessoas ficaram procurando os culpados, mesmo esta sendo uma opção infrutífera.

O suicídio remete a uma questão que comumente não se coloca: A vida vale ou não a pena ser vivida? Imagino que, para a grande maioria das pessoas, essa resposta seria enfaticamente afirmativa. No entanto, este tipo de morte torna-se cada vez mais comum, principalmente nas grandes metrópoles, onde o sujeito dentro da sua solidão, se perde na multidão que o rodeia.

Alguns estudos (Kastenbaum, 1983) revelam que, é cada vez maior o número de pessoas, entre elas crianças e adolescentes que, optam por esse tipo de morte. Isso é um dado bastante preocupante, o que reforça a necessidade de maiores pesquisas e estudos por parte daqueles que trabalham com a educação e a saúde.

Porém, é muito arriscado tentar levantar hipóteses para explicar este tipo de morte. Ele inclui uma gama de situações muito complexas, cujos contornos são vagos e indefinidos. Certamente me custaria outra dissertação.

O que considero importante ressaltar é que a morte, qualquer que seja ela, é e sempre será incômoda e inaceitável. Não há como prever qual tipo de morte é mais doloroso ou mais aterrador. Isso vai ser definido a partir da relação de proximidade e afeto que se tenha com aquilo que se perdeu. Seja pai. Ou mãe. Até amigos. Até alunos. Até casa, planta, bicho.

Colette Audry (apud MANNONI, 1995:58) escreveu, de forma exemplar, a morte de sua cadela. Reconto aqui como que para ilustrar que se as palavras levam segredos, elas reclamam e forçam os vivos a confessar os seus.

“Ela morreu como todos os cães, com seu segredo de cão, que nem mesmo era um segredo, já que ela o ignorava; e todas as palavras são falsas quando se fala deles. Tudo o que descrevo, relato, imagino, é falseado. Ela jamais pôde me lançar no rosto o que pensava sobre o que eu pensava sobre ela e o que dela havia feito. Pois ela não pensava

nada sobre tudo o que podemos pensar, não sabia nada disso e não se preocupava com isso. E o simples fato de que eu diga: se ela pudesse... (o quê? Falar? Pensar? Ser um homem num corpo de cão), que eu não possa deixar de dizê-lo, mostra bem que tudo é falseado. Completamente falseado. (...) No fundo da tranquilidade que acabou se instalando, um pedaço de mim permanece inconsolável. Como num dente doente, não posso tocar nele sem sofrer; e foco. Eu sei (apesar do que me possam dizer e do que diga a mim mesma) por que a encontrei naquela manhã num canto escuro entre a parede e a banheira: no último momento ela se sentiu tão pouco à vontade, tão estranha a si mesma e desnaturada até a medula, tão reduzida, tão no fim de tudo, que só lhe restava sentir-se culpada. Uma falta desconhecida a esmagava. Então ela foi morrer de vergonha em seu canto de penitência, e eu não estava lá (...) Um cão chora-se a sua morte... Na morte de meu pai, meu desespero foi não poder perdoar sua vida (...)"

2.1 As “pequenas mortes”: minhas, tuas, das coisas, da vida

*Vamos, não chores
A infância está perdida.
A mocidade está perdida.
Mas a vida não se perdeu.*

*O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.*

Mas o coração continua.

*Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.*

*Algumas palavras duras,
Em voz mansa, te golpearam.
Nunca, nunca cicatrizam.
Mas, e o humour?*

*A injustiça não se resolve.
À sombra do mundo errado
Murmuraste um protesto tímido.
Mas virão outros.*

*Tudo somado, devias
precipitar-te – de vez – nas águas.
Estás nu na areia, no vento...
Dorme, meu filho.*
(Drummond; CONSOLO NA PRAIA: 1988, p.26)

O tempo: este senhor invisível que me acorda todas as manhãs lembrando das suas horas marcadas: hora do café, hora de deixar o filho na escola, hora pra trabalhar, hora disso, hora daquilo... Levanto tão condicionada a isto que mal tenho tempo de olhar as horas: a vida é urgente!

Enquanto cumpro o que me sentencia as horas, algo da minha vida escapa, desliza, vai embora, morre... é aquela roupa maravilhosa que já não me cabe, é o sapato do filho que já não calça, é o setembro me avisando do outubro, é aquela saudade sem forma que me ataca o espelho...

Isso também é morte? Creio que sim. Não uma morte explícita, real, concreta. Não essa morte que venho tratando ao longo das linhas e páginas, mas aquela que passeia nas entrelinhas do texto que preciso escrever, aquela que, de tão tênue, mal percebo sua presença. Sei apenas que a minha condição de 'Ser Vivo' já pressupõe sua existência.

Estar viva me impõe também a certeza de que um dia não mais estarei. "A única certeza da vida é a morte!". Quem não lembra esta máxima tão repetida pelos mais velhos, e sempre pronunciada como uma lição de vida?

Talvez eu não queira pensar na minha morte, não encontro nenhum motivo para isso. Mas, e as que tive que passar, tenho como não lembrá-las? Se me esqueço, de que forma elas atuam em mim? Estariam apagadas, resolvidas, elaboradas? Ou estão escondidas nessas linhas que tento escrever? Ou mesmo naquelas que não consigo traçar? O que elas dizem do que fui, do que sou e do que pretendo ser? Como estabeleço o lugar dessas mortes na minha vida?

Mais uma vez parto das minhas inquietações e tento transformá-las em perguntas e questionamentos para os meus sujeitos de pesquisa.

O cotidiano de todos nós está repleto de pequenas mortes que, de uma forma ou de outra, nos atravessa o caminho... seja uma doença que nos pega de surpresa; um romance que chega ao seu término; uma mudança de emprego, de residência, etc.

Essas “outras mortes”, foram relatadas pelos professores como experiências marcantes e significativas em suas vidas.

É assim que Mariana se reporta à elas:

Eu acho que eu tive mortes de outras coisas, tipo morte de perder a adolescência... (silêncio...), quando eu entrei na faculdade, morte de depois que eu me formei, como aluna... ah, foi uma morte terrível, perder aquele espírito acadêmico de ser, ser aluna, ir prá faculdade e tal e começar a ser profissional... eu acho que na sala de aula eu me defronto muito com a morte em relação à morte dos alunos, deles estarem no primeiro semestre e perderem aquela coisa de, de adolescente, de... porque querendo ou não, a faculdade significa uma morte, eu acho. Uma morte de uma etapa, e o início de uma outra etapa difícil, difícil. Que é você entrar no mercado de trabalho, decidir o que você gosta de fazer, e trabalhar naquilo, ser um bom profissional... Quando eu me casei, prá mim foi o início de uma nova vida, mas foi uma morte de uma etapa, né.. Eu acho que como aluna, como professora você se não convive com a morte física de uma pessoa, mas você convive com várias mortes psicológicas, várias mortes situacionais na sua vida, sua, própria, da sua história e dos alunos. Porque não é fácil você conviver seis meses com um grupo de pessoas, essas pessoas passam por transformações, essas pessoas evoluem, né. E essas pessoas passam por momentos de morte, digamos assim. De perder alguma coisa, né, de alguma coisa estar ausente, nesse sentido em que a morte tem, de ausência.

É interessante como neste relato muitas outras situações são relacionadas às perdas: entrar na faculdade, sair dela, casar, terminar um

semestre... todos esses momentos trazem mudanças, que de uma certa forma, implicam em novos direcionamentos difíceis de serem assimilados.

Dentro da sala de aula, na sua opinião, se convive com mortes psicológicas, resultantes do próprio momento em que os alunos têm que assumir novas responsabilidades, se despedir da sua adolescência, passar de uma etapa de vida para uma outra, não menos difícil.

Há várias mortes situacionais presentes, tanto na sala de aula como fora dela. No entanto me parece que elas não são relevantes a ponto de serem trazidas para uma discussão mais aberta em torno do que elas significam para cada um.

Reflexões como estas podem ser bastante ricas no sentido de proporcionar uma maior abertura para um assunto que é tão comumente negado ou mesmo esquecido dentro do ambiente escolar e acadêmico.

Celina coloca uma outra forma de pensar as perdas:

Eu sou super...(risos) depressiva nesse sentido e perder pra mim é muito duro, sabe. E... por isso que a morte... eu acho que é a maior perda, mas assim na vida, a gente aprende a perder. Acho que é pra ir treinando, né? Pra quando a gente perder alguém mesmo, a gente já estar mais (risos) entoadada... Deus é quem sabe até isso, uma pedagogia... eu acho, divina, né? Então eu já perdi muita coisa na vida, até isso de eu estar afastada da igreja pra mim tem sido uma grande perda, eu estou tendo que conviver com ela por uma série de circunstâncias, entende? Então, como é que eu convivo com isso? Eu perco, aí eu passo assim um dia, dois, sem chão. E é a perda que for, mas me desestabiliza. Aí, depois não: eu me arrumo de novo, a minha cabeça, a minha vida e continuo. Mas eu acho que... com profundas feridas, sabe? Aí eu vou só acumulando as feridas (falando baixo...) e só guardando aqui... (apontando para o peito).

Neste depoimento essas perdas são compreendidas como eventos portadores de uma função. Ou seja, elas funcionariam como pequenos "treinos" para a aceitação do caráter finito dos eventos da vida. Na opinião de Celina,

essas passagens são vistas como partes de uma pedagogia divina, uma forma que deus encontrou para fazer com que as pessoas se acostumem com uma realidade tão obscura e tão inaceitável como a morte.

No entanto, essa compreensão vem acompanhada de um suporte religioso, o que a torna particular e pessoal. Embora se saiba que este é um dos papéis da religião, nem todas as pessoas possuem essa visão ou têm o aparato da fé.

Enquanto Mariana considera essas experiências difíceis, Celina as vê como desestabilizadoras. Isso me leva a questionar se a dificuldade aparece exatamente pela desestabilização provocada por esses eventos, ou o contrário. É possível que não haja como saber ao certo o que vem primeiro, nem se isso é relevante para a discussão.

Tereza, quando indagada sobre essa questão, reconhece que algumas mortes ou mudanças que representem-nas, passaram despercebidas por ela:

Tem umas mortes que a gente nem percebe, né? Você falou e agora que eu me liguei. Tem algumas mortes que passam completamente despercebidas por nós. A morte da infância foi uma morte difícil... Foi uma morte difícil porque eu comecei a entender isso depois de muito tempo. É só o distanciamento que nos ajuda a fazer essa leitura. E eu acho que comecei a perceber que estava começando a deixar de ser criança, quando percebi a ausência do meu pai...entendeu? Já era a ausência condicional, era mais a ausência de não estar perto naquele momento, não te levar ao cinema, não te levar ao zoológico, não te levar na casa da avó... Era uma ausência diferente. Era a perda mesmo. Eu acho que, simultaneamente morria a minha infância... começava a morrer o pai da infância... e isso é doloroso.

O que considero interessante no relato acima é o fato dela afirmar que a morte da sua infância só foi compreendida tempos depois. Ela precisou de um certo distanciamento para entender que já não tinha mais o pai da infância. O pai que a levava para passear, já não era o mesmo. Havia uma ausência diferente,

percebida, posteriormente, como uma perda. E esta, anunciava a morte da sua própria meninice.

É indubitável que, a dialética da vida impõe a cada um de nós, inúmeras perdas. Posso afirmar inclusive que elas são partícipes inseparáveis da condição humana. A forma como isso é compreendido ou assimilado depende de alguns fatores que vão do particular ao cultural.

O que parece difícil para alguns, pode ser mais simples para outros. Lá onde se enxerga um casulo prepara-se uma borboleta. A natureza parece revelar, cotidianamente, o quanto é necessário perder para poder ganhar. Essa obviedade no entanto, não parece estar isenta de dor nem de sofrimento.

Como Celina, acredito numa pedagogia, não sei se divina ou da própria natureza, onde essas pequenas mortes, uma vez faladas, elaboradas, compreendidas, tornam-se partes de um corpo mais inteiro. De um sujeito mais consciente do caráter temporal de todas as coisas: As vivas. E as mortas. Que são minhas, tuas, da vida, e das coisas.

• **Considerações**

Verdade

*A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arreventaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*
(Drummond, 1984:41).

Convido Drummond para me ajudar a “empoemar”, mais uma vez, minhas linhas. Não foi à toa que fiz um pacto com a poesia, convidando Quintana, Leminski e tantos outros a fazer letra à negra dama da noite: a morte.

Tomei como instrumentos alguns métodos amigos da poesia: o conto, o desenho, a música, o teatro, a fotografia... argumentos imprescindíveis na hora de tocar naquilo que é puro encanto, espanto, vácuo e solidão.

Encontrei alguns caminhos desenhados no papel. Estes, evocavam as falas, as lágrimas, as lembranças, a infância, a vida e a morte. Amigas inseparáveis e indescritíveis, estas duas meninas se apresentam como dois apostos que se mesclam. Como o branco e o preto, o dia e a noite, o quente e o frio, a luz e a sombra, o silêncio e o grito.

Estas aparentes antíteses, na realidade, são vestimentas dos fenômenos da natureza, os quais existem a despeito de mim ou de ti. Não posso conhecer minha própria morte, uma vez que nunca morri. O que conheço da morte é o que sobra daquilo que ela suscita em mim. E assim creio, dá-se o mesmo em ti. A cada um, sua percepção: singular e intransferível.

Por isso a diversidade de formas, percepções, cores, religiões, símbolos. Como se ao vazio que a morte remete se ofertasse a arte. A arte com sua poderosa força de decodificação de sentidos; como uma possibilidade de tocar no indizível e provocar a memória, de forma terna e delicada.

A morte pode ser apenas uma passagem, com direito a céu, Jesus e parentes do outro lado. Mas também pode ser o fim, o nada, o momento crucial de se despedir por completo da existência. A escolha se dará, mais ou menos como avisou o poeta: *conforme seus capricho, sua ilusão, sua miopia.*

CAPÍTULO 3

A MORTE, O PROFESSOR E A SALA DE ALULA – UMA TENTATIVA DE DESCOBERTA

D'As mortes que me ensinaram a viver...

Introduzi este trabalho falando dos meus mortos. Quero falar dos meus vivos. Meu pai nasceu no ano de 1915 e minha mãe em 1926. Casaram-se em 1945. Um ano depois começaram a dar vida a uma família de quatorze filhos, onde eu sou a última. Ser caçula de uma família tão grande tem suas “desvantagens”. Cresci entre crianças, adultos e velhos... a vida me participava das suas etapas. Minha infância? Sinônimo de: casa grande, quintal sem cerca, abacateiro, jatobá, banho de rio, trovoada, meninada, goiabada, tanajura... Desobediência, preguiça, “língua grande”, fastio, travessura: motivos certos para o castigo. Este, sempre coletivo. O pai sentenciava: “todos de joelhos em cima dos caroço de milho, olhando pra parede! “ Não podia rir. Não podia chorar. Não podia insultar. Não podia reclamar. Qualquer deslize, mais dez minutos... Até que ele esquecia. Como toda família, a minha também tinha uma tia... que dizia: “Mas cumpade, os bichim são crianças...!”

Sua dureza de pai sucumbia. Mas sua voz de lei instaurava um sentido naquilo que, num primeiro momento, era apenas prazer. Hoje tenho vontade de dizer pro meu filho: é na vida que se aprende a viver. Mas fico quieta, ele há de descobrir. A vida, tanto quanto a morte, se impõem. Simplesmente. Implacavelmente. Processualmente. A infância, a adolescência, a adultice... Todas sorvidas, bebidas, comungadas, entranhadas com aquilo que chamo uma aprendizagem subcutânea. Meus mortos continuam vivos em mim, no meu filho, na minha escrita, no meu olhar, nas minhas escolhas.

Penso que isso deveria ser ensinado. Ser tocado. Considerado. A pior morte é aquela que não nos deixa viver. É aquela que paralisa a nossa possibilidade de falar, e expressar, e simbolizar o eterno indizível da vida e da morte.

A Morte: fenômeno da natureza que ocorre com todos os seres vivos; envelhece os não vivos, como as pedras. Os assassinatos, as guerras, os atropelamentos, a AIDS, o câncer, o suicídio, o ódio, a tristeza, a depressão: tudo isso a contém ou é contido por ela.

Rechaçada como tabu na vida cotidiana, a morte está, não obstante, presente em todos os momentos, nas teorias, mitologias, rituais... Na esquina, no bar, na igreja, na escola, na universidade...

Adentro seus espaços e descubro que este não é um privilégio meu, mas também de crianças, homens e mulheres de todas as idades, etnias e classes sociais. Até mártires, até os homens de muita fé, até os animais...Estas cinco letras que formam a palavra M O R T E contém significância e efeitos que repercutem nos mais recônditos lugares e no mais simples dos mortais.

Pois ali onde a morte faz barulho ressoa uma grande zona de silêncio. Tal lugar se estabelece através da dor insuportável da perda de alguém, ou mesmo do confronto impossível do homem com a sua morte.

Essa zona de silêncio garante o “não querer saber” encontrado no discurso do homem moderno. Diferente do acontecia na idade média, por exemplo, onde o moribundo esperava sua morte em seu leito, muitas vezes anunciando sua “viagem”, se despendendo dos familiares.

Hoje os hospitais equipados de uma tecnologia sofisticada, calam o doente, remediam a dor dos parentes e travam uma luta com a morte, muitas vezes sabendo que esta vencerá. Mas, o homem moderno não quer saber de sua finitude, Ele prefere esconder a sua dor, ou mesmo continuar a vida sem pensar

que esta tem um ponto final. Não falar da morte é não querer saber da vida, como nos lembra Rubem Alves (apud CASSORLA, 1991:12):

“A branda fala da morte não nos aterroriza por nos falar da Morte. Ela nos aterroriza por nos falar da Vida. Na verdade, a Morte nunca fala sobre si mesma. Ela sempre nos fala sobre aquilo que estamos fazendo com a própria Vida, as perdas, os sonhos que não sonhamos, os riscos que não tomamos (por medo), os suicídios lentos que perpetramos...”

Portanto, quero circunscrever meu espaço de investigação: a sala de aula. Lugar de aprendizagem. De reflexão. De descoberta. De conflito. De perguntas. De encontro. De desencontros. De construção. De vida. De emoção.

Meus sujeitos: os professores. Porque são eles que se situam como peças fundamentais do processo existente dentro da sala de aula.

Meu objeto: a morte. Porque fere. Horroriza. Deprime. Faz chorar. Faz faltar. Faz barulho. Faz silêncio.

Meu objetivo é: Saber se o tema da morte chega em sala de aula, como isso acontece e de que maneira o professor lida com essa questão; como ele age, de que forma isso lhe atinge, como ele aborda esse assunto na sala de aula e de que maneira ele considera que deve ser tratado.

O método utilizado para a busca dessas respostas foi o da entrevista individual. Nesta, pude minuciar minhas interrogações, assim como direcionar meu olhar para alguns elementos que surgiram nas vivências com o grupo.

A minha primeira pergunta foi investigar se durante a vida acadêmica de cada um, houve algum momento em que o tema da morte chegou em sala de aula e de que forma isso aconteceu.

Posso afirmar que existem muitos tipos de mortes, assim como várias são as formas de se lidar com elas. Procuo seus indícios e relatos focalizando o espaço institucional da sala de aula.

Este espaço é visto aqui como um local onde as vicissitudes da vida também se impõem. Uma vez que, acontecimentos envolvendo este tema vão ocorrer em qualquer instância social. A morte não é um privilégio. Muitas são as suas faces, seus mistérios e por que não dizer, seus encantos.

Procuo-os então, nos recantos, nas lembranças, nos esquecimentos... Retirados, escutados e nomeados pela magia das palavras concedidas nas entrevistas(s).

1 A MORTE: COMO ELA SURGE NA SALA DE AULA ?

Quando me refiro à sala de aula, lanço meu olhar nas relações que se estabelecem entre aluno e professor, quando confrontados com uma situação envolvendo o tema da morte.

Os dados obtidos revelaram que todos os professores já tinham passado por alguma experiência envolvendo o tema da morte. No entanto os fatores que vão diferenciar são a forma como isso ocorreu, a maneira como foi tratada, as reações suscitadas no grupo e no professor, assim como os encaminhamentos dados para o problema.

Quanto à forma, a que mais se destaca é aquela ocorrência envolvendo a morte de algum aluno ou parente próximo a ele. Das oito pessoas entrevistadas, apenas uma afirma não ter tido nenhuma experiência nesse sentido.

Diante dessa informação, procurei investigar quais os elementos que se sobressaiam neste evento, posto ser ele uma categoria importante a ser analisada.

Esses elementos se configuram entre: a forma como a morte foi anunciada, as reações observadas no grupo e no aluno, assim como o encaminhamento feito no momento da ocorrência.

Oswaldo lembra de *duas ou três vezes* em que foi avisado por alguém da instituição acadêmica em que trabalhava, que determinado aluno havia sofrido uma morte na família.

Já. Já teve. Eu me lembro umas duas ou três vezes, já ocorreu de um funcionário me chamar e informar que determinado aluno havia sofrido um óbito na família (Oswaldo).

Heloísa lembra que no período em que dava aula no ensino médio, uma aluna, ainda adolescente e grávida de poucos meses, foi morta num atropelamento.

Eu dava aula no segundo ano do ensino médio, e uma aluna minha, ela estava grávida de quatro meses e tinha apenas 17 anos... ela morreu atropelada no final de semana.(...)

Pedro conta um episódio em que ele, ao retornar o semestre, percebeu que a turma, antes alegre e receptiva, estava agora mais *abatida*. Logo depois, foi informado pelos alunos que um colega da classe havia se suicidado.

Em sala de aula já aconteceu, né..., no semestre passado, quando retornou o semestre com a turma extremamente calorosa, a turma estava abatida e... e alguns alunos me comunicaram que um aluno tinha se suicidado (Pedro).

Celina lembra em seu depoimento das duas experiências que passou: A primeira, foi a morte do irmão de um ex-aluno, com o qual ela ainda *tinha um vínculo*. A outra experiência se refere a um aborto que uma aluna sua fez, e que por conta de uma queda no rendimento, acabou contando para ela o que tinha feito. Isso a abalou profundamente pelo fato de *ter sido um aborto*.

Tive um, meu aluno do 1º semestre, no 2º ele já não era mais meu aluno, mas ainda tinha um vínculo, o irmão dele faleceu num acidente. E eu tinha um vínculo com este aluno, e realmente ele ficou muito abalado... E a outra experiência foi da minha aluna que fez um aborto e veio me contar...

Estes depoimentos revelam que a notícia da morte chega na sala de aula tanto pelo aluno, como pelo grupo ou mesmo por algum funcionário da escola ou da universidade.

No entanto alguns elementos vão se destacar nessas informações. São eles:

- Os tipos de morte: Destacam-se aqui a morte por atropelamento ou acidente, por suicídio, e aquela não necessariamente especificada, podendo ser a morte natural ou mesmo “anunciada” por alguma doença. Ainda neste ponto, há a morte causada por um aborto; e que segundo Celina a *abalou pelo fato de ter sido um aborto*.
- As reações e os comportamentos verificados no grupo ou na pessoa envolvida mais diretamente com a situação. Estas vão variar entre a comoção, o choque, o abalo ou mesmo o abatimento da turma.

Estes dois aspectos entrelaçam-se e oferecem o suporte necessário para verificar como essa notícia é recebida e tratada, tanto pelo professor como pelo aluno.

Ao ser indagado sobre essa questão, Osvaldo ressalta o caráter *delicado* em ter que comunicar a notícia:

É... É uma situação delicada, de ter que comunicar a pessoa, né... Mas eu só informei que ele precisava sair da sala de aula, que havia um telefonema, uma situação de urgência e ele deveria entrar em contato com os familiares.

A morte aqui não está propriamente anunciada. Ou seja pela atitude tomada não fica claro que o professor soubesse o porquê do *telefonema urgente*.

Mesmo quando ocorre do aluno já estar esperando ou o professor já ter sido informado, a questão não parece menos delicada. É o que lembra Osvaldo em seguida:

E num dos casos, a pessoa já havia esperado e falou: é com o meu pai ou é com a minha mãe... eu não me recordo muito bem. É sobre o meu pai, minha mãe.. e como o assistente já havia me informado, eu confirmei, né? Mas já era uma coisa esperada da pessoa. Mas de qualquer maneira, é sempre uma situação delicada de se tratar.

O fato de já ser *uma coisa esperada* minimiza o impacto da notícia. O que já diverge bastante do efeito provocado por mortes repentinas, como um acidente ou por suicídio.

Ao se referir à sua experiência, Heloísa conta que ao chegar para dar aula percebeu que a turma estava abalada:

e isso foi um choque para a turma... Quando cheguei na segunda-feira percebi que os alunos estavam transtornados...

Diante de uma morte tão trágica, a reação da turma foi mais forte, mais emocionada. Neste caso houve um "transtorno coletivo" que ao ser reconhecido pela professora, teve que ser comentado e oferecido um momento onde os alunos puderam comentar o que estavam sentindo.

Eu fiquei na sala de aula com os alunos, a gente conversou, as amigas choravam contando prá mim como foi o enterro... Então a gente conversou bastante sobre isso. Não tive condições de dá aula...

A atitude de Heloísa foi de oferecer uma escuta. Se há um estado de pesar dentro da sala, melhor que ele possa ser minimizado através de um “bate papo” com os alunos.

No entanto este momento, não foi fácil para ela, muito pelo contrário. Além do seu estado pessoal de lamento pela morte da aluna, a relação com a turma ainda não estava bem estabelecida e os vínculos ainda eram frágeis. Era início do semestre e esse fator foi apontado por ela como responsável por essa dificuldade.

Mas prá mim foi difícil fazer isso, porque foi logo no início do semestre, e eu ainda não tinha uma relação muito próxima com os meninos. Mesmo a menina que morreu era muito calada e isso também contribuiu para essa dificuldade...

Atitude parecida também foi tomada por Pedro. Embora na sua experiência, tenha passado por outros momentos em que teve que tratar o tema, desta vez percebeu um caráter mais pesado, atribuindo isso ao fato de ter sido um suicídio.

Então foi a primeira vez que o tema apareceu assim de forma que a gente percebeu que o contato ali... tinha uma gravidade maior (Pedro).

Ao esclarecer a forma como tratou a questão do suicídio, diz não ter feito uma reflexão mais teórica do assunto. A discussão ficou em torno dos comentários e lamentações dos alunos naquele momento.

Eu acho que pra mim foi surpresa. O que eu percebo é que... assim, é que a gente não deu um desenvolvimento teórico a isso: ao tema do suicídio. Eu não apresentei nada disso. Eu lembro que nesse momento, a gente não conduziu uma discussão teórica em torno disso. Foi o quê? Foi mais... os alunos se lamentaram, comentaram sobre as possíveis causas.... só isso... (Pedro).

Como já foi falado anteriormente, o impacto que causa esse tipo de morte é sempre muito grande, dado o caráter trágico e misterioso que o envolve. A atitude de possibilitar uma discussão com a turma, mesmo que esta gire em torno das especulações de causa, é sempre bem-vinda.

Na realidade os alunos anseiam por poder conversar sobre o assunto, o que às vezes não é possível dentro da sala de aula, ficando normalmente para os corredores da escola ou da faculdade.

Quando o professor toma uma atitude socializadora, onde os sentimentos e emoções possam ser demonstrados, cria-se um elo de solidariedade maior entre os envolvidos.

Ainda com relação ao suicídio, Pedro lembra de uma experiência sua quando, era aluno.

Como aluno, eu tive várias experiências. No Farias Brito, um aluno se matou com escopeta; mas esse aluno que se matou com escopeta (...)

Ele afirma que, apesar de não ser colega do rapaz que morreu, o fato de ter sido um suicídio o chocou bastante. Considera a adolescência um período em que a questão do suicídio era uma preocupação bastante presente para ele.

Eu só fiquei um pouco chocado porque na minha adolescência, eu acho que essa preocupação com o suicídio, ela está presente, tá entendendo? Mas o colégio não abordou o assunto de jeito nenhum, nem os professores...

Quanto à atitude do colégio diante deste fato, Pedro considera que houve um silenciamento, quando diz que *o colégio não tratou o assunto de jeito nenhum*. Este, corroborado também pelos professores.

O interessante é que talvez esta experiência enquanto aluno tenha refletido posteriormente, na sua atitude enquanto professor. Uma vez que, ao

reviver uma situação similar, ofereceu um espaço onde o assunto fosse debatido de forma mais aberta.

Como já foi falado no capítulo anterior, este tipo de morte tende a causar um mal estar “diferente” nas pessoas. A *gravidade maior* observada por Pedro pode ser um reflexo do estupor advindo de uma ação socialmente inesperada e particularmente incompreendida. Tais emoções se entrelaçam e retornam com uma única pergunta: O que leva uma pessoa a abdicar da vida ?

E aqui, paradoxalmente, lembro do caso da morte provocada por um aborto.

E aí isso me abalou pelo fato de ter sido um aborto, né...

Ao falar do impacto que esta notícia lhe causou, Celina toca num ponto bastante controverso. Onde começa a vida?

Para alguns a vida começa no exato instante em que o milagre biológico encontra com o mistério da existência. Ou seja, no ato da fecundação. Embora se saiba objetivamente que isso significa apenas um *projeto de sujeito* a ser desenvolvido.

Para outros a vida propriamente dita só começa a partir do nascimento. Momento em que um novo ser, embora inacabado, já pertence a um espaço social que o legitima como uma pessoa. O que define um pensamento ou outro? Imagino que essa escolha receba influência de uma formação religiosa e cultural própria de cada um.

O poeta Mário Quintana, esse velhinho sábio que me ajuda a empoemar essas linhas, diz o seguinte:

*“O aborto não é, como dizem, um assassinato. É um roubo.
Nem pode haver roubo maior. Porque, ao malogrado*

*nasciturno, rouba-se-lhe este mundo, o céu, as estrelas, o universo, tudo!
O aborto é o roubo infinito.” (1987: 21).*

As reações provocadas por uma morte, mesmo em se tratando de um aborto, são sempre emoções confusas, desagradáveis e embaraçosas... As palavras estancam na garganta, desamparadas talvez pela falta de uma compreensão daquilo que só pode ser remediado pelo tempo, pela fé e pela sábia eternidade da vida. Talvez por isso seja tão difícil encontrar uma saída ou alternativas para o problema.

2 COMO É TER QUE FALAR DO TEMA DA MORTE EM SALA DE AULA?

O que há em comum na maioria dos relatos é a grande dificuldade em tratar a questão da morte. Principalmente as mortes “concretas” citadas há pouco. Esses depoimentos confirmam e esclarecem o que pensam alguns professores:

Olha... é... é complicado porque, pra você colocar um tema desses pra discussão na escola, em sala de aula, você precisa estar respaldado por algumas crenças, alguns dogmas... é... então é difícil. (Teresa).

É complicado, porque institucionalmente, né, a escola, ela tem regras que são muito claras, né? Regras com relação ao currículo, regras com relação aos conteúdos, regras com relação ao profissional, ou seja, regras que ela sugere, que ela sugere no início. O perfil profissional do professor que tem que estar na sala de aula, coisa e tal, eu não sei se talvez esse... essa preocupação... isso esteja no primeiro plano, vamos dizer assim, institucional. (Pedro).

Eu acho que é um assunto tão delicado que as pessoas não gostam nem muito de tocar nele, né? (Celina).

Delicado, difícil, complicado, amedrontador. Estas palavras se tornaram comuns ante essa pergunta.

Teresa considera complicado por achar que esta é uma situação que para ser tratada deve estar respaldada por algum subsídio religioso.

Na opinião de Pedro as regras institucionais delimitam o currículo e seus conteúdos, exigindo do professor uma postura mais distanciada daquilo que não esteja dentro da disciplina. Desta forma isso não seria uma preocupação da instituição.

De certa forma sua observação é pertinente, uma vez que chama a atenção para o papel da instituição. Um acontecimento de morte dificilmente é particular. Seu impacto ressoa para além dos sujeitos e das paredes, ambas, emudecidas pela dor. Os problemas que afetam a sala de aula, repercutem no espaço que a circunda.

Celina atenta para o fato de que sendo o tema algo tão pessoal, doloroso, acaba se tornando um campo difícil de ser adentrado. De fato essa atitude de “não querer mexer na dor do outro” é muito comum. A morte emudece porque não se tem muito o que dizer. Nesse sentido Celina considera que

Eu acho que se soubéssemos o que dizer, talvez ajudasse...
(pensando) acho que isso ajudaria a construir uma relação
mais verdadeira, mais firme.

O que Celina observa é a importância de se saber *o que dizer* e talvez como dizer. E aqui ela aponta dois tipos de comportamentos encontrados nas pessoas. Há aqueles que não acreditam em *nada*, para quem a morte é mesmo o fim.

Acho, que por um lado tem gente mesmo que não observa,
não acredita em nada. Morreu... morreu, pronto e acabou.

Mas há também pessoas que desejam fazer alguma coisa, prestar um auxílio, uma ajuda... Embora cheios de incertezas quanto ao que fazer:

e acho que tem aqueles que sentem, que gostariam de fazer algo, mas pensam assim: “eu nem conheço direito, como é que eu vou chegar? O que é que eu vou dizer? Depois a pessoa interpreta mal, depois se ofende, depois piora mais, sabe?” Se tocar no assunto... eu fico pensando: “será que eu

falo? Ih, vai piorar! Vai retomar um monte de coisa...” Mas às vezes é até bom, né, você retomar as coisas, falar... mas nem sempre a pessoa vê assim... num sei, acho... acho delicado.

Muitas vezes são as circunstâncias que vão definir nossa atitude, e na sala de aula é possível que tais situações não permitam uma relação mais amistosa ou próxima, dado o fato de não sabermos que palavras usar e o momento certo de fazer isso.

De certa forma, a observação de Celina converge com outras opiniões de que é *complicado* falar da morte sem se ter um respaldo religioso. Ele parece oferecer as palavras que faltam. É através da fé que se pode dar outro sentido a questão da morte. Este ponto será melhor analisado mais à frente.

Analisando outros casos, o tema da morte aparece como questão teórico-filosófica. Alguns professores admitiram tratar o tema dentro da própria disciplina, seja como tópico inerente a ela, ou simplesmente como uma questão considerada relevante para reflexão.

Mariana coloca que sempre trata deste tema com seus alunos. Baseia suas colocações na formação religiosa que recebeu durante toda sua vida; esta exerce uma influência fundamental no seu posicionamento diante do assunto. Sua educação religiosa assegura que a vida é uma coisa passageira, que a morte é a maior certeza do homem e que depois dela existe um lugar reservado por Cristo para aqueles que fizeram coisas boas aqui na terra.

Eu sempre falo da morte. Porque eu sou evangélica, então, eu tenho um avô que é pastor, um tio que é pastor, a minha família inteira é evangélica e eu sempre convivi, desde pequena, com o tema da morte. Eu nasci e cresci escutando o meu avô dizer que a gente ia morrer, que todo mundo morria, que nosso corpo ia pouco a pouco, é envelhecendo e você estava sujeito à morte, que a morte era a certeza maior que podia existir, e que a nossa vida era um presente de Deus, que a nossa vida era curta, e a gente tinha que trabalhar aqui prá ir prum lugar bom depois de morrer, prá ir

pro céu. Os meus alunos são geralmente jovens e eu digo prá eles que a juventude é uma coisa altamente passageira, e que a gente vai morrer, e que esse corpo apodrece, e outras coisas têm que ficar, coisas boas que a gente faça aqui, uma obra que a gente deixe...

É interessante a forma como Mariana trata a morte com seus alunos. Lembra-lhes da temporalidade da juventude, do quanto é importante saber que a vida é passageira e de que por isso merece ser cuidada, repensada... Tomando o lado dramático da morte, ela consegue chamar a atenção para as coisas mais urgentes da vida.

Mas essa postura advém de uma crença religiosa que a leva a pensar assim. E, como se sabe, numa sala de aula vão existir pessoas que não comungam com esse ponto de vista ou essa visão de morte. Vale então observar se no momento em que o professor expõe o que ele pensa, ele permite ou deixa espaço para que sejam expressas as opiniões divergentes.

Apesar de sempre discutir o tema de maneira informal, neste semestre trabalhou com um texto que falava especificamente sobre a morte.

Só que pela primeira vez esse semestre, eu passei um texto sobre a morte, um texto de Schopenhauer, um texto dele que ele fala da morte. Então, pela primeira vez esse semestre eu li um texto que falava especificamente sobre isso e não de uma maneira informal como eu sempre falava prá eles. (Mariana).

A idéia de trabalhar com textos não deixa de ser uma atitude bastante criativa, uma vez que a proposta de tocar no tema, não parte de uma situação concreta, mas de um meio mais leve e poético. O que talvez alivie um pouco o peso que o tema carrega.

Pedro admite tratar a questão por ela estar no cerne da filosofia, disciplina que leciona. Ela viria associada a outras tantas questões discutidas por esta disciplina:

Apareceu. De uma forma ou de outra, a filosofia trabalha com isso, né? Quando a gente começa lá com a origem, a filosofia em Sócrates, quando ele coloca no centro do discurso filosófico, o problema da existência humana; o problema da sociabilidade, da felicidade... o tema da morte ele entra como objetivo da reflexão filosófica.

Este tipo de reflexão difere um pouco da anterior. No primeiro caso o assunto é abordado de forma mais contundente, aqui parece não ser este o caso. Pois logo depois, Pedro admite:

Então assim... Mesmo sendo de um ponto de vista teórico, frio, distante, a gente chega a esse tema, na filosofia muito cedo, logo no início do semestre...

Ou seja, discutir a morte partindo de textos filosóficos ou teóricos, permite um distanciamento maior com a questão. Aqui não estão envolvidos os sentimentos e as reações presentes numa ocorrência concreta, como vimos anteriormente

Porém essa objetividade talvez permita que os alunos se sintam mais à vontade para falar sobre suas próprias concepções de morte, não necessariamente tendo que se posicionar a respeito de suas crenças religiosas. Por outro lado, pode parecer esquisito desvincular as teorias de morte das mortes concretas dos indivíduos.

Uma outra maneira citada nos relatos, foi a morte como uma notícia na mídia. Neste caso foram citadas situações onde a comoção social causada a partir da perda de algum personagem famoso, como Ayrton Senna, adentra a sala de aula:

Eu me lembro bem... lembro de uma grande comoção que teve na morte do Ayrton Senna. Eu me lembro que muitas pessoas faltaram no dia... é... e... o enterro foi acompanhado pelas emissoras de TV; eu me lembro que na época todas as emissoras de TV estavam cobrindo esse evento e ... é... e tinha uma comoção na sala, sim. Tinha... tinha uma perda de alguém que era longe mas era muito próximo...(Rafael).

Ainda com relação a isso, podemos citar o horror mundial suscitado a partir de catástrofes como as guerras, a fome, a miséria, os ataques terroristas... Todos esses eventos, quando mostrados pela mídia parecem provocar um certo “abalo sísmico” no espírito da espécie humana.

O que encontrei como um fator diferencial importante foi a maneira como cada professor tratou o tema em sala de aula. Levando em consideração a especificidade do assunto, assim como a particularidade que a morte impõe a cada situação, o modo como ela foi tratada também se diferenciou de professor para professor.

Além da dificuldade pessoal presente nesses momentos, é possível que o tipo de morte ocorrida influencie no encaminhamento dado. Como já foi dito no capítulo anterior, uma morte por suicídio ou por acidente tendem a causar um impacto mais amplo entre aqueles que estão mais próximos, como colegas e parentes. Quando se trata de uma morte por doença ou invalidez, o assunto torna-se mais facilmente silenciado, até mesmo pelo caráter *íntimo* da situação.

Com relação àqueles que tratam o tema dentro da própria disciplina, a explicação dada revela que a concepção de morte de cada pessoa é fundamental no momento de se estabelecer qualquer diálogo ou posicionamento na sala de aula.

Mariana explica sua atitude partindo de suas convicções religiosas:

Eu tento falar da morte a partir das minhas convicções pessoais e religiosas. Então eu acredito que eu falo disso com muita naturalidade e às vezes até choco algumas pessoas por conta da minha naturalidade.

São elas que lhe dão o suporte necessário para tratar o tema. E o faz com uma naturalidade que nem sempre é compreendida pelas pessoas, chegando até mesmo a chocá-las por conta disso.

Como foi discutido no capítulo anterior, a religião funciona como um elemento *catalisador* dos vácuos deixados pela incompreensão e o horror presentes nas perdas.

No entanto, dada a diversidade de religiões e crenças, é possível que ocorram discordâncias de ordem ideológica entre aqueles que não acreditam nos dogmas defendidos por uma ou outra religião.

A questão que se apresenta é que, embora o tema apareça das formas mais variadas, são poucos os professores que admitem a importância de abrir um espaço, caso seja conveniente, para conversar sobre ele. Sobretudo de forma que não leve a parecer que se está fazendo doutrinação religiosa. Mas permitindo um momento onde a dor e a incompreensão possam ser expressos de forma mais clara e verdadeira.

Não restam dúvidas que falar da morte, qualquer que seja ela, é uma tarefa bastante difícil e complicada. No entanto, essa condição pode servir como uma justificativa bastante relevante para se pensar em alternativas que levem em consideração a discussão proposta.

Acredito que a história, tanto da educação como de outras áreas, está repleta de assuntos não menos complicados e difíceis de serem abordados.

Posso citar como exemplo o tema da sexualidade, considerado tabu e zona particular durante séculos, hoje tornada disciplina obrigatória para algumas instituições. Embora se saiba que este assunto ainda é polêmico, ele está sendo posto em questão.

E isso se deu por conta de sintomas nascidos dentro do espaço escolar. A necessidade de tratar a sexualidade, assim como os esforços feitos em torno disso, vem de uma luta contínua e árdua por parte daqueles que têm uma clareza maior de sua importância.

O tema da morte não é diferente. Os depoimentos revelam que o mal estar causado pela perda de alguém importante, como pai, mãe ou filho, vai se evidenciar sob a forma de apatia, falta de interesse, evasão e até desistência temporária do curso.

Será que diante de tantas evidências, inclusive da própria violência, que está cada vez mais dentro da escola e da universidade, não haveria motivos justos para uma reflexão mais ampla em torno disso?

É indiscutível a dificuldade de se tocar em algo tão doloroso e mesmo particular. No entanto sendo o professor um sujeito que ocupa um certo espaço dentro da formação humana do aluno, considero relevante buscar alternativas que possam mediar essas dificuldades.

Pensando na necessidade de investigar as sugestões dos professores quanto a essa questão, durante o trabalho com o grupo foram utilizadas duas técnicas que, assim como o desenho, possibilitaram uma discussão mais próxima da realidade.

Foi dessa forma que pude estabelecer um diálogo aberto, espontâneo e rico em sugestões e declarações importantes para o objetivo do trabalho. Esse momento é demonstrado no próximo item.

3 TRAZENDO A MORTE PARA A SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA RE-INVENTADA

“Não existe meio de verificar qual a boa decisão, pois não existe termo de comparação. Tudo é vivido pela primeira vez e sem preparação. Como se um ator entrasse em cena sem nunca ter ensaiado. Mas o que pode valer a vida, se o primeiro ensaio da vida já é a própria vida? É isso que faz com que a vida sempre pareça um esboço. No entanto, mesmo “esboço” não é uma palavra certa porque um esboço é sempre o projeto de alguma coisa, a preparação de um quadro, ao passo que o esboço que é a nossa própria vida não é o esboço de nada, é um esboço sem quadro.” (Milan Kundera, em A insustentável leveza do ser).

No momento em que se vivencia determinada situação, mesmo sendo ela apenas um *esboço*, do que pode ser na realidade, pode-se descobrir inúmeras maneiras diferentes de encarar um determinado problema.

Dando continuidade ao momento vivenciado com o grupo, passo para sua segunda etapa. Esta, teve como objetivo avaliar as posturas e atitudes do grupo frente a uma situação de morte em sala de aula.

Para isso foi proposto que o grupo se subdividisse em três. O grupo 01 apresentaria uma *situação-problema*. Esta deveria envolver o tema gerador. O grupo 02 teria alguns minutos para dar um certo encaminhamento ao problema apresentado e o grupo 03 encontraria uma resolução final.

O grupo 01 apresentou a seguinte *situação-problema*:

Estava havendo aula normalmente, quando alguém bate na porta da sala e chama a professora. Esta é comunicada que o irmão de uma aluna, que estava em sala, havia morrido. A professora pede que a aluna se retire da sala... (termina aqui esta primeira parte)

O segundo grupo se reúne e volta apresentando o seguinte:

A professora entra em sala de aula e avisa para o restante da turma que aconteceu "uma coisa muito chata", que o irmão da aluna 'X' havia falecido e que ela tinha ido embora...

O grupo só apresentou isso deixando a continuidade para o terceiro grupo.

O terceiro grupo se reúne e volta para a sala partindo do aviso da professora.

Eles apresentam a turma fazendo um certo barulho ou perguntas em relação à morte. Um dos alunos interroga a professora e pergunta que atitude eles têm que tomar em relação a 'X', a professora responde que todos devem ser solidários com ela ... Um outro aluno pergunta se eles devem ir até o velório e ela responde que "nesses momentos é sempre importante um apoio das pessoas..."

A partir desta *situação-problema*, foi pedido ao grupo que avaliassem o que foi apresentado e apontassem elementos considerados relevantes para sua resolução. A situação foi considerada perfeitamente possível de acontecer; quanto à sua resolução foram assinaladas algumas condições importantes a serem levadas em consideração num momento como este, a saber:

- O encaminhamento dado à situação apresentada;
- O que influencia na decisão do encaminhamento.

Considerando o encaminhamento feito na primeira situação, onde a professora teve que avisar para a aluna que alguém da sua família havia morrido, Anna coloca o que achou da atitude tomada pelo seu personagem:

Eu acho que... Como professora, eu não sei se eu teria coragem de chegar e dizer. Talvez eu dissesse que fosse da coordenação; talvez eu pudesse até ir acompanhando... mas eu acho que eu não teria coragem pra...avisar a aluna

Anna assinala que para se ter uma atitude de avisar o aluno, é necessário coragem. Ela não sabe se teria esse trunfo na hora que estivesse na situação. Acredita que até poderia acompanhar o aluno à coordenação, mas não sabe se realmente teria a mesma atitude que teve durante a dramatização.

Suponho que essa falta de coragem esteja relacionada ao *não saber o que fazer* em situações assim. São poucas pessoas que se sentem preparadas para um momento como esse. O professor é uma figura próxima do aluno, mas ele também pode ter suas dificuldades pessoais em relação ao assunto.

Num determinado momento Heloísa também admite:

O tema morte não é fácil em sala de aula. Eu ... eu não sei se teria coragem que eu tive de dizer lá pro.. aluno que o irmão dele tinha morrido...

Algumas pessoas concordaram com Anna e Heloísa e também admitiram não saber que atitude tomar em uma situação como essa. O restante da discussão girou em torno de se avaliar qual a melhor atitude a ser tomada e quais os fatores que agem sobre sua resolução.

Esses posicionamentos foram então analisados durante as entrevistas. Os motivos encontrados atrelavam algumas variáveis que seriam fundamentais para a atitude do professor.

3.1 O encaminhamento: o que fazer? Como dizer? Investigando as possibilidades...

“Tudo o que vive deve morrer” sentenciava Shakespeare em Hamlet. Esta afirmação pode ser considerada senso comum. Como também é senso comum, portanto, que a perda por morte deva ser encarada como um fato da vida.

A questão é que, por mais que a morte seja encarada honestamente, ela acarreta uma crise, possivelmente a mais profunda e dolorosa da existência humana. Nessa situação de inevitabilidade, de que tipo de ajuda necessita a pessoa que sofre a perda e o que lhe pode ser oferecido? Restrinjo a situação, mais uma vez, para a sala de aula.

São com essas palavras que Rafael pondera o que faria caso tivesse que tratar essa situação:

não existe uma melhor forma de se apresentar a morte. Porque a morte não é a melhor forma, né? e não sei se existe essa fórmula ideal pra se dizer isso.

Essa advertência inicial, chama atenção para o fato de que não existe a *melhor forma* em se tratando de morte. “Não existe meio de verificar a melhor forma”, já lembrou Kundera a pouco. A morte em si mesma não deixa espaço para um ideal de atitude. Daí se fazer necessário ponderar a situação de acordo com algumas variáveis, também assinaladas nos relatos.

Durante a entrevista, alguns professores analisaram a atitude tomada pelo grupo e acrescentaram suas opiniões de como resolveriam a situação.

Mariana aponta algumas variáveis, que segundo ela, influenciariam na sua reação. A primeira, seria atentar para a importância de verificar o *grau de simpatia* que existe entre ela e o aluno e diz respeito ao relacionamento existente entre eles:

Primeiro, quem era o aluno, que aluno era esse e o grau de simpatia que eu tinha pelo o aluno.

A segunda condição seria seu estado de ânimo naquele dia:

Segundo, a minha situação naquele dia, como eu estaria.

E o terceiro ponto seria a postura da faculdade. Esta poderia lhe influenciar a medida que designasse uma ordem:

E terceiro, talvez a postura da faculdade. A postura da faculdade também me influenciaria, né, como? Se a faculdade, pela notícia, uma ordem, chame o aluno prá tal lugar, ou, Mariana, diga pro aluno isso... Então, eu acho que essas três variáveis determinariam a minha é... reação.

Oswaldo também aponta algumas condições que devem ser observadas na hora de se decidir por determinada atitude. A primeira delas é como comunicar o fato à pessoa:

Primeiro é comunicar o fato à pessoa. Essa comunicação, ela pode ser direta; e se ela for direta, vai com certeza causar uma dor maior ainda, né?. Aí, do meu ponto de vista, acho que tem que ser omissa nesse instante. Pelo menos, dar um paliativo: -Olha, eu acho melhor você ir pra casa, não sei o que foi e tal.

Neste caso as alternativas ficam em torno da forma de comunicar a ocorrência. Se de maneira, direta, pode ser algo mais doloroso do que já é. Por isso considera melhor apresentar um *paliativo*, sendo necessário até uma certa omissão da verdade.

O segundo instante é pós o fato: é o retorno dessa pessoa para o convívio da sala de aula ou para o ambiente de trabalho. E... dependendo do grau de parentesco dessa morte, é que você vai tratar o assunto. Se for uma pessoa muito mais próxima, você vai ver que a pessoa está deprimida, vai estar afastada, não vai estar concentrada e você tem que tratar. (Osvaldo).

A outra variável seria o retorno do aluno à sala de aula. Ou seja, ao retornar para a sala faz-se necessário oferecer um amparo maior a este aluno. Isso também dependeria do grau de proximidade da perda e da situação emocional do enlutado. Caso se tratasse da morte de algum parente muito próximo, como pai, mãe ou irmão, ele acha que necessitaria de um apoio maior.

Pedro reconhece a dificuldade de tratar o assunto por considerar que numa sala de aula existem vários tipos de alunos. E aqui ele retoma um pouco aquilo que Mariana pontuou no início. Existem alunos que são mais próximos, outros mais distantes e ainda os que hostilizam o professor.

Para ele, essas variáveis iriam determinar sua atitude, podendo ir de um total apoio, inclusive emocional ou até mesmo institucional, adiando o assunto da disciplina para dar espaço a uma reflexão mais ampla.

...Obviamente, fica difícil tratar, porque numa sala de aula, você tem contato com os três tipos de classes. Tem alunos que hostilizam um pouco a tua pessoa, sabe... tem alunos

que são um pouco diferentes, tem alunos mais calorosos. Tem a simpatia e a antipatia. Então, depende muito. Não sei... de acordo com a situação, acho que de acordo com o meu envolvimento com a turma, o meu conhecimento do aluno, o carinho e tudo, eu acho que eu seria capaz de deixar de lado o ideal da performance profissional, no caso, e chorar com eles, e conviver com eles, e transformar aquele espaço num espaço real. Eu acho que eu seria capaz de fazer isso. Sem problemas, sem problemas... Adiaría uma aula, adiaría o que estivesse sendo tratado, pra gente tratar, pra falar mesmo que fosse no sentido de uma conversação do contato, de perceber o outro, sabe... (Pedro).

Essas opiniões revelam o quanto é difícil se pensar numa atitude mais adequada para a situação. Isso pode ser afirmado pela quantidade de variáveis apontadas, ou seja: A relação existente entre o professor e o aluno, o estado de espírito do professor, o encaminhamento dado pela instituição, a omissão da notícia, o encaminhamento à coordenação, enfim. Muitos fatores aparecem para justificar a dificuldade que o professor sente frente à questão.

Todas essas propostas ou sugestões de encaminhamento apontam para três variáveis importantes, a saber:

- O grau de relacionamento do professor com o aluno;
- A forma de comunicar a notícia;
- Como tratar a questão depois da ocorrência

O que deve ser feito vem atrelado ao fato de quem deve fazer. Mesmo considerando os pontos apontados anteriormente, existe um, não menos importante, que tangencia a questão. Este ponto é justamente aquele que se refere ao professor, ao seu papel em sala e à sua atitude particular.

Quando indagados sobre quem deve avisar o aluno e por que, alguns professores apresentaram opiniões diferentes.

Heloísa considera que deve ser o professor a pessoa adequada para avisar o aluno. Na sua opinião a relação existente entre o coordenador e o aluno é mais distanciada:

Eu avisaria.. eu acho que a pessoa mais próxima do aluno é o professor... o coordenador é uma figura distante... (Heloísa).

Anna concorda com Heloísa, e assim como ela, acredita que exista uma relação maior de proximidade entre ela e o aluno. É possível que em um momento como esse, o aluno necessite de alguém com quem conviva um pouco mais. No entanto, assim como Osvaldo, ela pondera se diria a verdade, ou se apenas insinuaria a gravidade do acontecimento.

Eu diria... Eu seria a pessoa mais adequada pra dizer. Eu chamaria a pessoa reservadamente, não falaria na frente de todo mundo... talvez eu não falasse a verdade, só dissesse que algo grave aconteceu e que ela deveria ir prá casa... Mas eu acho que sou a pessoa mais adequada prá dizer isso, porque eu estou mais perto dela; o coordenador está mais distante. (Anna).

Rafael pensa sua atitude a partir do conhecimento que tem de si mesmo. Sabendo-se uma pessoa tendencialmente silenciosa, imagina que tentaria suavizar a questão se utilizando desse senhor dos segredos: o silêncio.

Eu, como me conheço e tenho uma tendência maior ao silêncio, eu talvez tendesse para esse lado,. eu tentaria amenizar, tentaria silenciar, né... É a melhor situação? Não sei..

Optando por silenciar Rafael questiona se seria esta a atitude mais adequada... Mas a algumas linhas atrás, ele já confessou: "não existe a melhor forma". Talvez o momento produza alguma forma... Sua dúvida ressoa também quanto ao lugar de onde o professor se coloca. Aqui, analisa: esta não é sua função.

E acho também que o professor... é... falando friamente, não é uma das determinações do professor, né... Não é uma das funções do professor. Essa não é uma função do professor.

Para ele a função do professor está condicionada ao *domínio* de um determinado conhecimento, que deve ser repassado para a turma, da melhor forma possível. Seu papel admite produzir uma maior interação com a turma, mesmo que isso não signifique ter que dar conta de tudo que ocorre em sala de aula.

Então o professor, de alguma forma, ele está preparado para dominar um determinado conhecimento e interagir da melhor forma com a turma, quer dizer, ele é muito mais um... gerenciador de alguns pontos "nodais" do que um condutor vinte e quatro horas ali do processo. (Rafael).

Me chamou a atenção esta definição: O professor é muito mais *um gerenciador de alguns pontos nodais* e não *um condutor integral* do processo. Brinco com as palavras e peço licença para "poemar" o que ouvi:

O professor é um gerenciador.
 Ele gerencia a dor?
 Certa-mente!
 Sobretudo quando se
 Trata de pontos nodais.
 Existenciais? Normais?
 E aqueles que dão dó, também são tais?
 E quem gerencia a dor
 Do professor?

Avaliando esses *pontos nodais*, não poderia uma perda ser considerada um deles? A meu ver, os problemas vividos pelo professor não se restringem à disciplina, mas se inter-relacionam ao processo educativo existente na sala de aula. Tal evento não exige um *condutor integral*, mas alguém que esteja aberto às condições que surgem onde quer que se encontrem pessoas, problemas e questões passíveis de serem dialogadas.

Outra opinião oferece saídas para o encaminhamento da questão. É o caso de Osvaldo, quando sugere que a escola ou a instituição acadêmica ofereça um serviço aonde o aluno possa ser acompanhado por alguém especializado:

...toda escola, seja ela ensino básico, terceiro grau, tenha um departamento... um psicólogo lá, um psicopedagogo, enfim... alguém que não só vai estar atendendo os alunos; mas estar atendendo também os funcionários, os professores, né...que é justamente fazer esse tipo de abordagem...

Neste caso a saída seria o encaminhamento do aluno para um departamento especializado, isentando ou evitando que o professor se envolva de forma maior com a situação.

Mas aqui eu pergunto: até que ponto o *encaminhamento* a um departamento especializado livra o professor de se questionar e se posicionar frente a situações delicadas e difíceis ocorridas no seu ambiente de trabalho? Se formos considerar as opiniões anteriores veremos que mesmo que o aluno seja encaminhado, espera-se que retorne à sala, exigindo que se pense também em como será feito esse retorno.

Ao tomar a atitude de encaminhar o aluno para um departamento especializado, o professor não está simplesmente se esquivando de tocar no assunto?

Mesmo que não haja uma relação próxima entre eles, ao tomar essa atitude não estaria o professor reforçando esse distanciamento?

E quando o aluno voltar novamente pra sala, como fica essa relação? O professor vai dizer alguma coisa, vai comentar com o aluno que ele sabe o que está se passando? Ou simplesmente vai fazer de conta que nada aconteceu ?

Imagino que esses questionamentos mereçam ser feitos como meio de investigar o que pode estar por trás dessas atitudes .

Hoje em dia é bastante comum arranjar um especialista para tudo. O médico, antes capacitado a diagnosticar o paciente como um todo, hoje está sendo substituído pelos especialistas, os quais estão adaptados a cuidar apenas daquilo que diz respeito à sua especialidade.

Desta forma, o paciente fica cada vez mais impedido de ser visto como um ser humano dotado de uma singularidade, e que por isso merece ser olhado como uma totalidade e não como algo esfacelado e subdividido em partes.

No caso da Educação em geral e da instituição escolar em particular, é imprescindível que exista um departamento equipado por profissionais competentes, aptos a mediar e quem sabe até resolver problemas que “fujam” da competência do professor. Porém, este deve ser mais um espaço oferecido ao aluno ou mesmo para o professor, caso ele venha a necessitar.

Ao propor essa reflexão meu interesse foi justamente tentar compreender quais as melhores alternativas para a resolução daquilo que foi apresentado como uma “situação-problema”.

E essas alternativas foram as seguintes:

- Encaminhar o aluno para a coordenação ou para um departamento especializado;
- Falar particularmente com o aluno, minimizando a notícia;
- Tratar a questão de forma tangencial, silenciando;
- Conversar honestamente com o aluno.

Essas atitudes, por sua vez, estarão atreladas a algumas variáveis, que segundo alguns entrevistados, são fundamentais no momento de se pensar o que fazer. São elas:

1. A relação existente entre o professor e o aluno. Esta diz respeito ao grau de simpatia encontrada na relação;

2. O estado de espírito do professor; como ele se sente no dia ou na situação;
3. A postura da faculdade ou da escola;
4. O grau de parentesco entre o aluno e a pessoa que morreu.

A variedade de alternativas apresentadas parecem se justificar quando se pensa nas inúmeras maneiras de como a morte chega até a sala de aula. Neste caso avaliou-se uma “suposta” situação onde, apesar de não se saber de que tipo de morte se trata, foi possível traçar caminhos para se chegar a um ponto onde o acontecimento da morte, e a dor que ele provoca, sejam considerados passíveis de serem tocados em sala de aula.

Um momento como esse é realmente delicado e fica difícil se avaliar a melhor atitude. Não há como *ensaiar* a melhor resolução, nem acho que exista uma melhor solução. No entanto, levando em consideração a relevância desse tipo de discussão, acredito que estabelecer um diálogo ou provocá-lo, é uma forma de procurar elementos para sua melhor compreensão.

Gostaria de suspender por “alguns parágrafos” essa discussão a fim de mostrar a terceira e última técnica utilizada com o grupo.

4 UM RETRATO: DA DOR DO ALUNO À ATITUDE DO PROFESSOR...

Diário de campo, sexta-feira, 07 de junho...

Terminado este segundo momento o grupo solicitou um intervalo de 10 minutos. Alguns foram ao banheiro , outros ficaram conversando entre si. Quanto a mim fui fazer uma reorganização da sala e algumas anotações aqui no diário de campo...

São exatamente 16:05hs desta tarde surpreendente e difícil ao mesmo tempo... Surpreendente porque estou vendo as coisas acontecerem de forma tranqüila, harmoniosa e principalmente calorosa... Quero registrar aqui, que neste momento percebo muito mais claramente o que é um processo de pesquisa... ele é muito mais que anotações precisas sobre um fato. O ato da pesquisa faz com que a pessoa acabe sendo envolvida pela subjetividade que isso

implica. Fazer esta pesquisa prá mim tem sido um desafio tão árduo quanto seria se eu estivesse pesquisando qualquer outro tema... Por quê? Porque trabalho com o ser humano, com os seus sentimentos, segredos e dores... Se provoço fala, toco na linguagem e esta, está cheia de humanidade. Há pouco vi Osvaldo chorando... ao falar do desenho lembrou da morte de seu pai... ouvindo ele falar, travei a garganta para não chorar também.

Nesta hora um silêncio profundo se instalou na sala, e os olhos de cada um pareciam marejados de lágrimas e solidariedade com aquela dor... uma dor que aproxima, e ao mesmo tempo, emudece a voz. Eu achava que deveria dizer alguma coisa... mas o quê? Será que este lugar de pesquisadora me obriga a ter palavras e atitudes na hora certa? Não sei. Sei apenas que estou aqui como um sujeito e como tal trago a interrogação de não saber a hora certa... Sei que toco nas suas dores e silenciosamente lhes peço perdão... me reafirmo que estou a trabalho, que estou a serviço da ciência, esta ciência que não pode prescindir de tocar na parte oculta do humano onde mora o segredo da vida, e da morte, e da dor, e da alegria...

Ao voltarmos para a sala falei para eles que continuaríamos com os mesmos grupos e que iríamos trabalhar com uma técnica que se chamava *quadro dinâmico*.

Expliquei que este quadro deveria retratar algo relacionado ao tema e à questão da sala de aula... o primeiro grupo deveria apresentar um quadro e o restante do grupo iria dizer o que eles percebiam no quadro, suas impressões, seus sentimentos...

Terminado isso, o segundo grupo deveria modificar o quadro da forma que eles queriam, para isso eles se colocariam dentro do quadro. Repetiríamos a leitura e por último o terceiro grupo se incluiria ao quadro, sendo eu a pessoa a falar da impressão do quadro final.

Foram dados cinco minutos para que o primeiro grupo pensasse no quadro. E foi o seguinte quadro que eles apresentaram (Vide fotos):

4.1 Primeiro Quadro Dinâmico



Uma sala de aula, um professor, de costas escrevendo na lousa, uma aluna sentada no meio da sala, de cabeça baixa, com um profundo ar de tristeza e ao seu lado, em pé, uma espécie de espectro, de mãos postas sobre o peito, de olhos semicerrados. (Vide fotos).

Leitura do quadro pelos dois grupos restantes:

Heloísa: estou vendo uma aluna assim... triste... sei lá...
(todos falam ao mesmo tempo...)

Osvaldo: é, é parece um cadáver, uma pessoa morta do lado... a lembrança, sei lá... e o professor distante...

Débora: Não sei... mas acho que a aluna tá triste, chorando...

Rafael: Tá claro, tá claro... o , o professor alheio à aluna assim,... e a morte do lado, é esquisito... (risos)

Depois o grupo disse qual era a intenção deles ao apresentar aquele quadro:

(a aluna) Celina: Bom, a gente quis passar uma situação onde o professor não tinha conhecimento do que estava se passando com a aluna. E ela tinha perdido alguém que estava na memória...

(a morte) Tereza: É, o professor nem sabia, nem se preocupava em saber. Sua postura era de distância mesmo...

(o professor) Pedro: é que a aluna não compartilhou isso. O professor está alheio àquela situação. E isto é o que acontece na sala de aula, o professor não tem conhecimento do que se passa com o aluno...

Neste primeiro quadro ficaram visíveis duas coisas: primeiro, a profunda tristeza da aluna causada pela morte de alguém que lhe é próxima. Era este o sentido do *morto* ao seu lado.

Segundo, a postura de total indiferença do professor. Aqui Pedro sugere que a aluna parece não ter compartilhado da sua dor com ele. Daí a atitude distanciada da aluna, parecendo não se incomodar (ou reconhecer?) sua situação.

Terminado este momento da leitura, ou da avaliação do quadro, era a vez do segundo grupo modificá-lo.

4.2 Segundo Quadro Dinâmico



Depois de alguns minutos reunidos, o segundo grupo modifica o quadro trazendo o professor para mais perto da aluna, demonstrando uma atitude de apoio. Uma colega se posiciona bem próximo a ela, como se estivesse conversando, apoiando. E uma outra pessoa fica em pé do lado da morte, com o braço no seu ombro. Há modificação também no morto, ou morta, este agora está com os braços estendidos ao longo do corpo e o pesar do rosto é modificado por um leve sorriso.

Leitura do quadro pelo restante do grupo:

S M : (...) o que vocês estão vendo?

Mariana: (...) eu vejo... solidariedade. É isso gente?

Osvaldo: É, é isso.

Rafael: o pessoal tá mais tranquilo, né? (risos). Eu vejo apoio...

Mariana: É justamente apoio, a coisa da morte ali, só e o apoio...

Osvaldo: a morte está com outra pessoa, deve estar bem... é a solidariedade na morte, né... (risos) até, até os mortos são solidários... é interessante...

O grupo dois esclareceu a suas intenções com a modificação:

Heloísa: Foi exatamente essa mudança com relação à atitude do professor. Mesmo que ele não soubesse o que estava acontecendo, mas percebeu que ela estava numa situação diferente dos demais... Tipo chegar e perguntar: está tudo bem? Está acontecendo alguma coisa? Você está distante...

Débora: mudamos o aspecto pesado da morte, achamos que poderia ser mais alegre...

Anna: trouxemos o professor para perto da aluna, porque a partir do momento que o professor chega e conversa, que você divide e socializa a sua dor, de repente isso pode tomar outra dimensão... o aluno pode se sentir mais amparado...

Neste segundo quadro a idéia inicial já está modificada. Essa modificação passa pela atitude do professor que aqui está bem próximo do aluno. O grupo considera que se essa postura for de proximidade o aluno vai se sentir mais amparado. Isso contribui para que o peso da morte seja também redimensionado.

4.3 Terceiro Quadro Dinâmico



O terceiro grupo, depois de discutirem por alguns instantes fora da sala, voltam a modificar o quadro. Só que neste momento acontece um fato interessante:

A primeira atitude do grupo, foi retirar para fora da sala de aula, as duas pessoas que estavam representando a morte. E eu fiquei meio atônita porque no quadro final deveriam estar todos os integrantes do grupo.

Neste momento, talvez fugindo à regra da neutralidade científica, intervimos dizendo isso e lembrando-os de que aquilo era um quadro e que seus elementos não poderiam ser retirados mas apenas modificados.

O grupo me pareceu um pouco constrangido, porém logo alguém teve a idéia de colocar “os mortos” de costas para a sala, de forma que não

“atrapalhasse” o andamento normal da aula. É como se, posicionando a morte dessa forma, estivesse caracterizado aí um certo distanciamento. Os outros se posicionam mais próximos uns dos outros, e visivelmente mais alegres. Não se percebe mais o pesar do quadro inicial.

Conforme havíamos combinado, agora seria eu quem iria dizer o que eu estava vendo no quadro final.

S M: bem o que vejo é uma sala meio apática, onde as pessoas não demonstram qualquer sinal de dor ou pesar.... É como se nada estivesse acontecendo, né? Assim, acho que apesar da morte estar ali atrás, virada de costas para a turma, ela parece já ter sido esquecida, ou sequer mencionada... A idéia do primeiro quadro está completamente modificada. No segundo quadro ainda havia uma certa relação, digamos mais explícita em relação à dor da aluna, mas esta situação está bem diferente das demais... Bem, acho que estou vendo isso, e é só.

Ao falar da intenção do grupo com a mudança do quadro, foi colocado o seguinte:

Rafael: Nós tentamos colocar todo mundo num ambiente mais leve, mais descontraído... todo mundo cooperando, participando e fazendo com que aquela aluna voltasse a ter uma vida normal, dentro da sala de aula...

A atitude do grupo visava tornar o ambiente mais *leve e descontraído*. Desta forma, acreditam que a aluna voltaria a *ter uma vida normal*. Indagados sobre a atitude de tirar a morte da sala, Mariana respondeu:

A idéia não foi “tirar a morte da sala de aula”, mas tirar o sentimento de perda da aluna, tornar o ambiente mais leve... aqueles mortos ali do lado, isso é muito pesado...

A intenção do grupo ao retirar a morte da sala era fazer com que o *sentimento de perda* da aluna se dissipasse. Acreditam que retirando àqueles que estavam representando a morte, o ambiente ficaria menos pesado.

A gente queria tirar a morte da sala de aula, por conta da imagem, na minha opinião, era a imagem que me chocava... como aquela coisa materializada, a morte materializada numa pessoa, assim, sabe? A idéia era tirar aquela morte do jeito que ela tava ali, extática, do lado da menina, atrapalhando a menina a estudar, a viver... e naquela posição fixa, solidificada, né. Porque a gente pode subjetivar e dar outros sentidos pra morte, não essa coisa extática, aquela coisa cruel, né? Eu acho que nós, seres humanos, temos essa grande possibilidade na vida, nós temos escolhas de perceber e encarar o mundo de diversas formas, né. Quando a gente quis tirar a morte da sala de aula não foi tirar a morte idéia, mas a morte material, a morte solidificada ali, como uma coisa impregnante e como uma coisa que não deixava as pessoas seguirem em frente...

Mariana acrescenta que aquilo que a chocou foi ver a morte *materializada*, posta ao lado da aluna, certamente impedindo-a de tocar a vida adiante. Considera que não quis tirar a morte *idéia*, mas o que a estava representando naquele momento.

Ou seja, o grupo considera que ao retirar o "peso" imposto pela presença incômoda do "morto" a aluna poderia vir a esquecer do seu sofrimento, voltando a se relacionar com o grupo e conseqüentemente modificando seu estado de luto na sala de aula.

Porém é importante atentar que um sentimento de luto ou pesar não desaparece ou se dissipa simplesmente porque o ambiente está mais *descontraído*. Apesar da idéia ser bem intencionada, alguns estudiosos do assunto, como Kübler-Ross, chama atenção para a necessidade de se falar sobre a perda, deixando aquele que sofre livre para dizer ou expressar a sua dor.

Cabe no entanto, relevar o fato de que tal atitude não é fácil de ser tomada dentro de uma sala de aula. A morte e seus efeitos pertencem a um campo muito particular de cada um, pois se trata de um evento extremamente íntimo. Isso talvez legitime a atitude de tentar "passar a mão na cabeça" e convidar a pessoa para enfrentar sua dor de forma menos dolorosa.

Todos sabem que a vida não é constituída apenas de momentos bons, pelo contrário, ela está repleta de dificuldades e desafios constantes. E um desses desafios, talvez o maior deles, é conviver com a dor e a tristeza provocada pela morte, que também é irremediável.

Quando indagada se considera o quadro possível de ser visto em sala, Mariana responde afirmativamente:

Eu acho que tem, tem possibilidade de isso acontecer sim, eu acho que mais cedo ou mais tarde o professor acaba sabendo de alguma maneira porque se tiver curiosidade, ele vai investigar o que é que tá acontecendo com aquela pessoa.

Na sua opinião é possível que o professor se depare com alunos acometidos de luto ou dor. Porém o professor deve tomar o cuidado de não se tornar cúmplice da atitude de isolamento do aluno.

No entanto, se for notado que este aluno não está suportando essa condição, devem ser oferecidas alternativas de tratamento individualizado ou mesmo o afastamento da sala de aula.

Mas eu acho que o que não pode haver é... uma cumplicidade com aquilo. Pessoalmente eu, se soubesse disso, eu encaminharia, pedia pro aluno ser encaminhado a um serviço, eu tentaria dizer prá ele que a vida continua... Isso é um apostura muito minha em sala de aula, tentar vencer as dificuldades, todo mundo tem dificuldade... se a gente ficar paralisado pelas nossas dificuldades, é... a gente vai perder muito, e que estamos fadados ao fracasso, né. Então, eu não coadunaria com essa postura, de ser cúmplice, né...

Com esta opinião Mariana coloca o professor numa posição mais neutra, mais realista e mais objetiva em relação ao problema.

Celina deu outra leitura para a atitude ou postura do professor. O grande número de alunos, de turmas e conseqüentemente, de trabalho, acabam

impossibilitando que o professor se dê conta dos sintomas apresentados no quadro.

Primeiro, tenho uma sala que tem 50 pessoas, né... começa por aí. Depois, às vezes o professor tem muitas turmas, trabalha demais, então, normalmente, quando a gente é muito ativista, é difícil da gente se deter a detalhes, a observar mais as pessoas, a parar... Você chega, trabalha e vai embora.

Sua postura distanciada não ocorre por descaso, mas por uma série de circunstâncias que o impedem de perceber melhor esse aluno.

Então eu acho que é por isso, não é por maldade ou por... indiferença. Porque ser professor, eu acho, é uma profissão tipo ser médico; profissões especiais. Você não lida com objetos, mercadorias, né... você lida com pessoas, então não é a mesma coisa... mas existem pessoas que se comportam como se fosse...(Celina).

Ser professor, no seu modo de ver, é uma profissão *especial* tal como ser médico. E que por isso ele não lida com *mercadorias*, mas com *pessoas*, muito embora alguns profissionais o tomam como se fossem.

A outra possibilidade apontada pelo segundo quadro, foi trazer o professor para perto do aluno, modificando o caráter pesado da morte.

Aqui encontro fatores interessantes, como: a socialização da dor, o reconhecimento do pesar e a conversa como meio de minimizar o sofrimento.

No terceiro e último quadro, o pesar e a dor já foram *dissipados* ou não exercem mais tanta influência no comportamento do aluno. Aqui se confundem ausência com negação, pois não vejo referência à situação de morte ou luto, não dá para reconhecer isso no quadro mostrado.

Ao se utilizarem da técnica do "Quadro dinâmico" os professores conseguiram, de forma bastante criativa, apresentar situações pertinentes a

realidade encontrada em sala de aula. Embora tais situações fossem fictícias e imaginadas, elas conseguiram apontar elementos essenciais para a discussão proposta.

Assim como na "Situação-problema", apresento de forma resumida os elementos que mais se destacaram a partir da técnica proposta. São eles:

- A postura do professor diante da aluna enlutada. Ela pode ser de aproximação, de distanciamento ou de mediação entre as duas situações;
- Como lidar com o sentimento de perda presente na sala de aula. As alternativas sugeridas foram:
 1. Proporcionar um ambiente mais descontraído, como meio de desanuviar o pesar do aluno.
 2. Tentar oferecer um apoio maior a partir de uma aproximação com o aluno;
 3. Dependendo da gravidade do caso, sugerir um acompanhamento terapêutico ou mesmo o afastamento temporário da sala.

Cada etapa do trabalho com o grupo foi rica em material de análise. Com os desenhos foi possível descobrir as concepções de morte existentes no grupo.

Na situação-problema e no Quadro Dinâmico, minha intenção era, inicialmente provocar fala, questionamentos e possíveis encaminhamentos para o problema proposto. Esse objetivo foi alcançado e embora sabendo que essas experiências não são suficientes para tirar grandes conclusões, alguns pontos merecem ser ressaltados:

1. A diversidade de concepções acerca da morte, e sua relação com a atitude do professor em sala de aula;

2. A influência marcante da religião e da fé, no que diz respeito à atitude e postura frente ao problema da morte.
3. As inúmeras formas da morte aparecer em sala de aula;
4. Descobrir possíveis soluções para um problema que pode ocorrer a qualquer momento, em sala de aula.
5. Entender o quanto o papel do professor é importante e fundamental para uma aproximação maior nesses momentos;
6. E por fim, averiguar o quanto este tema merece ser trazido, discutido, questionado e desvelado pelo meio acadêmico e educacional.

Todas essas questões merecem ser pensadas e discutidas. O professor não está protegido de passar por situações onde tenha que se posicionar de forma mais contundente. No entanto, o que percebo é que, diante de temas considerados *complicados* e *difíceis* como a morte, esse tipo de reflexão está longe de ser uma preocupação dos professores e daqueles que trabalham com educação.

Isso me leva a pensar que, apesar de ser consenso de que situações como estas podem acontecer a qualquer momento, elas continuam sendo da ordem do particular, do pessoal, e do não dito.

5 AVALIANDO O CONVITE PARA FALAR DA MORTE – AS CONSIDERAÇÕES DO GRUPO

A Construção

*Eles ergueram a Torre de babel
Para escalar o Céu,
Mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo, entre eles,
Ajudando a construir a torre.
(Mário Quintana, 1988: 70)*

O ato da pesquisa é sempre um ato de coragem. Adentrar no amplo espaço deixado pelas perguntas é correr o risco de enveredar no caminho das não-respostas. Portanto, para o sucesso do percurso, são imprescindíveis os aliados.

Nesta tarefa de tão difícil realização, foram eles que me ajudaram na construção do material necessário para a compreensão das respostas, assim como no descortinamento das não-respostas.

Na escalada em busca do meu objeto, todos os que estavam no grupo demonstravam também um grande interesse em encontrar subsídios, ferramentas, opiniões, experiências...

Até lágrimas, até desenho, até sentar no chão, tirar o salto, brincar de roda, imitar a morte, inventar um morto... Se posicionar, se demonstrar, se desmontar. Avaliar. Criticar. Sugerir. Dizer o que sentiu. O que serviu. O que se viu.

Pergunto-os, e mais uma vez escuto depoimentos carregados de sinceridade. De so-li- da-ri-e-da-de. Lealdade. Comunhão. Pesquisa e ação. Se deixar pesquisar usando também o coração.

Terminado o trabalho lhes peço uma avaliação.

Celina confessa que caminhou até aqui sem saber direito como poderia contribuir... Sua memória a traia e não permitia que passasse qualquer lembrança pertinente ao assunto... Mas veio. E aos poucos foi sendo envolvida por uma espécie de fluidez. Do momento e da memória.

Quando eu vinha pra cá fiquei pensando que não sabia de que forma eu poderia contribuir, pois não lembrava de nada, de nenhuma situação envolvendo a morte... e depois foi fluindo, fui lembrando, reavivando a memória... e gostei. Apesar de ser algo diferente, eu gostei! (Celina).

E a experiência vivida foi sentida como *algo diferente...* O medo de não poder ajudar foi sendo dissolvido. O grupo certamente tem participação nisso. A palavra ressoa e ecoa para além daquilo que está sendo dito. Ela gostou de ter vindo. E eu, mais ainda. Por tê-la aqui, e me afirmando isso.

Mariana resume com sua praticidade habitual: *um assunto pesado tratado de forma leve.*

Hoje eu pensei assim: puxa, à tarde vai ter o trabalho com a Sandra Mara... sexta-feira e tal, um assunto pesado...E eu me surpreendi porque eu achei superleve, achei interessante a forma que você encontrou de abordar o tema, pude me certificar do quanto algumas pessoas tem a dificuldade de fazer isso, e eu gostei de poder contribuir.(Mariana).

Ela foi surpreendida. Pela vida. Para falar da morte lhe foram oferecidas formas diversas, e quem sabe até divertidas. Caminhos e falas e silêncios certificando-lhe o quanto é difícil se falar sobre isso.

Heloísa também foi acometida por lembranças importantes porém, esquecidas. A dor do outro nem sempre é percebida. O trabalho lhe serviu para repensar sobre isso.

Essa situação aqui me fez lembrar essa coisa de não perceber a dor do outro... e lembrei do Marcos, que é professor daqui e o pai dele morreu a pouco tempo...Então eu acho essa discussão válida porque a gente reflete sobre nossas atitudes diante de algum colega mesmo... eu nunca parei prá pensar sobre isso...(Heloísa).

Ela levanta um ponto importante: o professor também passa por perdas... e muitas vezes ele próprio esquece disso. A validade da experiência lhe assegura que nunca parou para pensar sobre isso. Seria uma advertência para uma mudança de postura?

É provável. Ninguém toca no lugar de onde se extrai conhecimento, em vão. Toda experiência é significativa. Serve pra si, para o outro, e até para aqueles perdidos na multidão.

Oswaldo veio *tranquilo* e que ao falar do desenho se emocionou porque lembrou de seu pai, que havia morrido a apenas oito meses.

Eu vim tranquilo, não pensei em nada que me comprometesse... mas quando falei do desenho me emocionei porque faz apenas oito meses que meu pai morreu, e não foi possível não lembrar disso... mas não foi algo doloroso prá mim, pelo contrário... (Oswaldo).

Ao escutar este depoimento, uma onda de alívio tomou conta de mim. O momento citado por Oswaldo, onde ele chorou ao lembrar da morte do pai, foi um pouco tenso. Tanto por ter ocorrido logo no início do trabalho, como por ter sido uma surpresa para o grupo inteiro.

Fiquei com receio de que isso viesse a se tornar muito doloroso para ele, mas depois que ele fez esse relato, afirmando justamente o contrário, me certifiquei de que as dores não causam apenas mal estar, mas também aproximação e solidariedade.

Nas entrevistas algumas pessoas reforçaram sua opinião:

Eu queria dizer que foi muito interessante, que foi uma forma de me auto-conhecer, realizar este trabalho, né. É um trabalho penoso, eu acho que prá todo mundo, prá todos que participam... porque você parar.... vamos parar e falar da morte... (pausa)... é, é uma coisa que não é muito corriqueira, você não faz isso com frequência, semanalmente, né. Então, foi muito proveitoso e eu me questiono hoje que influência isso vai ter, como eu disse, na sala de aula, enquanto professora... que postura, será que eu vou mudar quando eu falar desse assunto? E dizer que a morte só tem sentido positivo quando você crer que depois da morte existe uma vida, uma vida boa. Se você não crê em nada a morte ganha um sentido completamente diferente e

vazio mesmo. Então, por conta da minha formação é assim que penso. Mas foi ótimo, muito bom mesmo...(Mariana)

Participar dessa pesquisa para Mariana foi uma forma de auto conhecimento. Parar e falar da morte não é uma tarefa corriqueira, por isso considerou como proveitosa a oportunidade.

Acrescentou ainda que não sabe que efeitos isso terá na sua postura enquanto professora, mas reafirma sua opinião de que a morte só tem um sentido *positivo* se associada à crença de que existe *uma vida* depois dela. Caso contrário ganha um sentido completamente diferente e vazio...

Na minha concepção, eu acho que foi legal, foi bacana. O pessoal foi muito espontâneo. Eu acho que você vai conseguir levar bastante coisa pra tua dissertação. E tem uma coisa assim... impressionante. O professor... a gente brinca, né... a gente fala: o aluno tem que se tocar que o professor chora, briga, bebe, transa, dorme... Porque o professor é um ser humano. E de vez em quando a gente precisa ser lembrado disso. Então... assim... Foi uma coisa interessante. Isso acabou me lembrando do que o professor também é gente, né... E que por mais que eu quisesse estar lá pra discutir sobre a experiência do professor com o tema morte na sala de aula com os alunos, com os textos, ainda assim, nós estamos trabalhando com pessoas. Eu gostei. Achei muito interessante. Valeu a pena. (Tereza)

Para Tereza o trabalho foi rico em muitos aspectos. Um deles foi a espontaneidade do grupo; um outro foi a possibilidade de lembrar de que o *professor também é gente*. Comenta que não só os alunos precisam saber disso, mas sobretudo o próprio professor.

Foi assim... mesmo que eu não tivesse sido convidado, eu me convidaria (riso). Por quê? Porque pra mim, a primeira coisa anunciava uma perspectiva metodológica que eu desconhecia; porque na filosofia a gente trabalha com pesquisa bibliográfica, só. Não tem pesquisa de campo, não tem sócio-poética, não tem essas coisas. Mas eu acho interessante porque aquele tipo de pesquisa, ela leva as pessoas a vivenciarem aquele tema de qualquer forma. Eu

acho que é uma forma humana de se trabalhar as coisas, né? Compartilhar com os outros também ali as lamentações, a dor, a condição humana... Achei interessante...

Pedro começa seu depoimento afirmando que *mesmo que não tivesse sido convidado* se convidaria. Ressaltou o seu interesse em conhecer outras perspectivas metodológicas, e que achou *interessante que aquele tipo de pesquisa leva as pessoas a vivenciarem o tema de qualquer forma*.

Considerou a metodologia utilizada *uma forma mais humana* de se trabalhar temas complexos e profundos como a morte.

- **Considerações**

OS DEGRAUS

*Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos sótãos – onde
Os Deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo...
(Mário Quintana, 1988; 100).*

Quintana me ajuda a compreender que é na vida que se encontra o grande mistério. É somente nela que posso questionar, descobrir, inventar, deduzir.

Tocar nesse ponto nevrálgico da existência, a morte, talvez seja desobedecer ao poeta e descer aos sótãos da memória e do enigma. Foi interessante perceber como cada pessoa lida com as suas próprias dificuldades, mais ainda, foi ver o esforço, (ou seria uma boa vontade?), em superar tais obstáculos.

Ouvir esses depoimentos foi no mínimo, tranquilizador. Cada etapa da pesquisa foi um desafio para mim. Tocar na dor do outro é tarefa delicada e fazendo essa pesquisa não tive como não fazer isso. Acho importante reconhecer que o papel destes professores foi fundamental na elucidação das minhas hipóteses, e na possibilidade de novos olhares e inferências para a questão analisada.

O trabalho com o grupo sempre me fascinou pela quantidade de possibilidades que ele permite. Uma delas é poder compartilhar em conjunto, várias formas de pensar, de agir e de se posicionar frente a questões que são vividas em grupo, em sociedade, em sala de aula, etc

E esse momento com o grupo, além de ter proporcionado um diálogo bastante rico em torno da questão, possibilitou um encontro muito bonito entre as pessoas.

A lágrima incontida de Osvaldo, o tremor da fala de Heloísa, os olhos marejados de Celina... estas imagens ficaram marcadas na minha memória, como que me alertando do caráter emocional que esse tema carrega.

Mas é exatamente nessa esfera emocional aonde residem, não só as alegrias e vitórias, tão facilmente colocadas. Mas também as tristezas, dores e perdas, tão dificilmente admitidas.

Quanto aos achados do capítulo, além dos já apontados, confesso: - quanta riqueza de material a ser analisado. As formas diversificadas com que a morte se apresenta na sala de aula: é o irmão que foi morto numa briga, um aluno que se suicida, uma mãe envelhecida num hospital sem cor e sem vida.

O que fazer ante a dor do enlutado? O que responder no momento de desespero? Alguns optam por ficarem calados, outros dão abraço, escutam e se dizem emocionados. A morte cala. A morte fala. A morte aproxima. Mas também distancia.

Nem sempre o professor encontra resposta adequada, as opiniões são de acordo com o momento e suas tantas variáveis: como estou, qual o aluno, quem morreu, para onde encaminho? O aluno, sujeito sempre presente, escondeu a figura do professor. Este, recebeu o problema e o encaminhou: para casa, para o hospital, para a coordenação... menos para ele, professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda sobre florestas e guias...

Fui convidada, pela inquietação da pergunta e pelo prazer da descoberta, a entrar numa floresta. Não, não fui convidada, convenci na entrada, aos que me ouviam, que eu deveria entrar. Pois eu tinha perguntas, que me abriam espaços fazendo nascer em mim, o desejo de procurar.

Suspeito que numa floresta deva haver muitos recantos, lugares, espaços, minúcias ainda a serem olhadas, descobertas, consideradas.

Nada mais simples e mais grave além da vida e da morte. Cada ser vivo a presente e renega. Até os animais... quem sabe também as pedras. Quero, como o poeta, brincar com as palavras, com os sentidos, com os estalidos dos galhos secos, ansiosos pelo inverno.

Em uma de suas cartas, Rilke responde a despeito de uma inquietação do jovem poeta, com quem se correspondia. Ele diz:

“Ninguém pode dar-lhe conselhos nem ajudá-lo – Ninguém! Só existe um caminho: penetre em si mesmo e procure a necessidade que o faz escrever. Observe se esta necessidade tem raízes nas profundezas do seu coração.(...) Aproxime-se então da natureza. Depois procure como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde. Fuja dos grandes assuntos e aproveite aqueles que o dia-a-dia lhe oferece. Fale das suas tristezas e dos seus desejos, dos pensamentos que o tocam, da sua fé na beleza. Se o quotidiano lhe parece pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser muito poeta para extrair as suas riquezas.(...) Uma obra de arte é boa quando nasceu por necessidade: é a natureza da sua origem que a julga.” (RILKE, 1989:23).

Entrei neste lugar por pura necessidade, por isso me coloquei permanentemente ao lado da minha escrita pessoal. Precisei narrar o que me ocorria em paralelo, posto ser isso, parte integrante de qualquer pesquisa. Ou de qualquer pesquisador que resolve tomar uma inquietação pessoal como objeto.

Mas a morte, enquanto experiência concreta, é tão pessoal quanto comunitária. Dificilmente encontramos pessoas que não se horrorizam com ela. Este horror e silêncio tornam por colaborar com a perpetuação de um tabu, que neste início de século se caracteriza por uma negação de seus efeitos e dores.

Ela atinge o humano num lugar onde ele acreditava-se imortal. Morre-se. De lepra. De câncer. De fome. De raiva. De velhice. De qualquer coisa. Mas morre-se.

Descobri muitas coisas nesse passeio pela densa mata: que a morte é parceira do tempo, da história, dos caminhos, das religiões, dos filósofos, antropólogos, psicanalistas, educadores... E aqui, sobretudo, dos professores, atores permanentes do processo existente dentro do espaço que delimitei para a pesquisa: a sala de aula.

Reconheço que este tema e suas conseqüências, atingem todo o espaço à sua volta, passeia pelos corredores, pula o muro da escola, vai para além do que se espera de um evento tão aterrador. Mas depende da morte, do contexto, da hora, da causa: a morte não é neutra.

Escutei diversas vezes a terrível variante, "eu não gosto de falar sobre isso". Confesso que já suspeitava disso. Mas me certifiquei, durante todo o trajeto da pesquisa, que esta frase é muito comum e fácil de ser dita. Mas a realidade imposta por uma situação de perda suplica a palavra, o alento, o carinho, a aceitação, o reconhecimento e o respeito. Essa dor, que dói em cada um de um jeito, é unânime em um aspecto: na grandeza.

Em termos de inefabilidade, a vida está repleta: a beleza, a dor, a alegria, a saudade... a ciência se redime à falta de noção clara para isso.

Mas isso não ocorre por acaso, a existência e seu percurso, se modificam ao longo dos dias. Assim é com a placa que enferruja, assim é com o homem, que envelhece.

As mudanças de atitudes do homem perante a morte foram se modificando lenta e imperceptivelmente. Porém hoje, a rapidez das transformações constantes lhe rouba o tempo necessário para a sedimentação de seu espanto, dor e pesar.

“Cada coisa a seu tempo tem seu tempo”, avisava Pessoa num poema elucidativo. Complemento: há de ter um tempo para a dor e a alegria, há de se oferecer escuta para o que, num primeiro instante é puro silêncio e mudez. As idéias novas e renovadas e a rapidez da divulgação disso estão muito adiante das possibilidades humanas de emoção e de afeto.

O racionalismo exacerbado com que enfrentamos nossas dores nos dão uma idéia de falso poder. Precisamos dele como refúgio para não nos confrontarmos com nossos tropeços e nossas inibições reais. É assim no que diz respeito à nossa sexualidade. Somos muito mais abertos do que realmente mostramos. Estamos sempre querendo pertencer à geração a que não pertencemos. E é assim com a morte.

Hoje, os leitos da UTI's hospitalares, tomam de conta do nosso morto, roubando-lhes, muitas vezes, o direito de morrer no quarto de casa. É como se, nos roubando a morte como parte integrante da vida, nos estivessem roubando o que se cria em nós de vida, a força necessária para o confronto entre as duas. E mais uma vez peço verso emprestado, “A Morte do Leiteiro”, a Drummond:

*“Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.
(1990:134)*

E por fim, volto para o meu íntimo discurso, esse que paralelamente caminhou comigo: como todo passeio e toda viagem, caminhar pela floresta foi fascinante, amedrontador, e me trouxe mais emoções do que eu imaginava. Também pudera, quem mandou mexer nesse lugar sagrado? Onde está o lugar da morte? Não estaria calado? Silenciado? Abafado pelo ruído do tempo, da chuva, do liquidificador, da sirena, dos eletrodomésticos, da vergonha, do medo, da covardia, da correria, da prova de geometria, do telefone, da bomba, do horror, da tristeza. Até criança, até homens, até insetos. A morte é anônima.

Mas é da anomia onde se pode inventar as palavras, na falta delas, o gesto. Eu também não gostava de falar sobre a morte, mas de tanto viver e de tanto ser apegada à vida, o faço. Para que assim eu possa caminhar consciente da presença dessas duas amigas. Escrevo. Pois essa é a outra forma de lutar com o inefável.

Chego novamente à porta da floresta e como o menino do conto grito orgulhosa de mim mesmo: “morrer é bom”, viver melhor ainda... Obrigada, silenciosos leitores pela escuta... e pelas lágrimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. **Esse sujeito adolescente**. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1996.
- ALVES, R. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1981.
- ARRIÉS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. Vol. 1.
- BECKER, E. **A negação da morte**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.
- BOWLBY, J. **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- _____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. **Perda – tristeza e depressão**. São Paulo: Martins Fontes, 1985. Vol. 3.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASSORLA, R. **Da morte**. Campinas: Papyrus, 1991.
- COLOMBIER, C. **A Violência na Escola**. São Paulo: Summus, 1989.
- DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galera e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume, 1998.
- FAZENDA, I (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1999.
- FREITAS, A. F. **O diálogo em sala de aula**. Curitiba: HD Livros, 1999.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1917(1915)). In: **Obras completas**: Ed. Standard, Rio de Janeiro, Imago, 1974, Vol. XIV.

_____. Além do Princípio do Prazer (1920). In: **Obras completas**: Ed. Standard, Rio de Janeiro, Imago, 1974, Vol. XVIII.

GAUDERER, E. C. **Crianças, adolescentes e nós: questionamentos e emoções**. São Paulo: Almed, 1987.

GUIMARÃES, A. M. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade**. (Coleção Educação Contemporânea). Campinas: Autores Associados, 1996.

GUIRADO, M. **Psicanálise e análise do discurso – matrizes institucionais do sujeito psíquico**. São Paulo: Summus, 1994.

_____. **Instituição e relações afetivas**. São Paulo: Summus, 1986.

GUSDORF, G. **Professores para quê? (para uma pedagogia da pedagogia)**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

JAFFÉ, A. **Morte à luz da psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1980.

KAPLAN e SADDOCK. **Compêndio de psiquiatria**. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

KASTENBAUM, R.; AISENBERG, R. **Psicologia da morte**. São Paulo: Pioneira, 1983.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

_____. **Um Estudo sobre o medo da morte em estudantes universitários das áreas de saúde, humanas e exatas**. São Paulo, 1985. (Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da USP).

→ KOVÁCS, M. J. **A questão da morte e a formação do psicólogo**. São Paulo, 1989. (Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da USP).

KÜBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Edart /Edusp, 1977. ✓

KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1992.

LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. **Infância e ilusão (psico) pedagógica – escritos de psicanálise e educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

LOPES, E.M.T. (Org.). **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

→ LOUREIRO, M. F. F. **O sentido do comportamento materno diante da morte do filho**. Fortaleza: Pós-Graduação/DENF/UFC, 1998.

MAIA, T. L. **Metodologia básica**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1994.

MANNONI, Maud. **O nomeável e o inominável – a última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. ✓

→ MARANHÃO, J. L. **O que é morte**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MILLOT, C. **Freud antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

MORIN, E. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-América, 1970. ✓

- NASIO, Juan-David. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação** (textos de vários autores). 3. ed. Lisboa, 1997.
- ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 1997.
- PAPALIA, D.; OLDS, S. W. **O mundo da criança**. São Paulo: McGraw-Hill, 1981.
- PERAZZO, S. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986
- PESSOA, C.A. **Ensaio sobre a morte – mortalis**. São Paulo: Cone Sul, 1997.
- PIMENTEL, M. da G. **O professor em construção**. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). 3. ed. Campinas: Papirus, 1996.
- PINCUS, L. **A família e a morte: como enfrentar o luto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- RAIMBAULT, G. **A Criança e a Morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. Rio de Janeiro: Achiame, 1983.
- _____. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- ROUDINESCO, Elizabeth; Michel Plon. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROZA-GARCIA, L.A. **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- TORRES, W. Guedes, W.; TORRES, R. **A psicologia e a morte**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.
- TORRES, W. da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

ZIEGLER, Jean. **Os vivos e a morte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ZIMMER, H. **Filosofias da Índia**. São Paulo: Palas Athena, 1986.

REFERÊNCIAS POÉTICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 24. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.

_____. **Corpo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984

QUINTANA, Mário. **Baú de espantos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

_____. **Literatura comentada**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. **Da preguiça como método de trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

GULLAR, Ferreira. **Antologia poética**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1979.

LEMINSKI, Paulo. **La vie em close**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DIGITADOR: Neto (226-3206 – 9979-5722)